

MANGUE

CADERNO – ENSAIO 4



Os recursos de
acessibilidade
desta publicação
estão disponíveis
por meio dos
códigos QR
abaixo. Aponte
a câmera do
seu dispositivo
móvel conectado
à internet para
acessá-los.



ARQUIVO DIGITAL
DA PUBLICAÇÃO



VIDEOLIBRAS



AUDIODESCRIÇÃO



LOCUÇÃO



Vou lhe contar uma história
Que o Preto Velho um dia me contou.
Ele disse que ficou perdido,
Sentiu tanto medo que se arrepiou.

CARLINHOS DE TOTE

Ele viu a Vovó do Mangue, andando de uma perna só,
E ela lhe pediu charuto,
Um dente de alho e um pouquinho de pó.
Era uma velha rabugenta que protege o mangue
E a criação aqui de peixes, crustáceos e moluscos
De águas salobras que deságuam em mim.

CARLINHOS DE TOTE

Mas, como em toda sua história,
Ele, o Preto Velho, tem memória e é bom pescador,
Lhe ofereceu cachimbo,
Um pedacinho de fumo e aguardente em flor.

CARLINHOS DE TOTE



Sumiu a Vovó do Mangue, o seu rastro a maré lavou
E só na noite de lua cheia
O caminho de volta o Preto Velho achou.



VOVÓ DO MANGUE

Carlinhos de Tote

A história da Vovó do Mangue é uma narrativa que entrelaça cultura, espiritualidade, imaginação e realidade na região do Recôncavo Baiano, com raízes que remontam aos tempos da colonização e da escravização. Naquela época, no dia 26 de julho, a população negra fazia suas oferendas a Nanã Buruquê – a orixá das águas paradas,

CARLINHOS DE TOTE

dos pântanos e da lama –, enquanto os católicos celebravam, nessa mesma data, Nossa Senhora de Sant'Ana, conhecida como a avó de Jesus Cristo. Para fugir das perseguições religiosas, os praticantes das religiões de matriz africana, ao homenagearem Nanã, diziam que estavam celebrando a “Vovó do Mangue”. Ao longo dos anos, o trabalho da Fundação Vovó do Mangue, sediada em Maragojipe, na Bahia, e focada em preservação ambiental e cultural, contribuiu para que as narrativas sobre a Vovó do Mangue se espalhassem pelos manguezais do Brasil – do Amapá a Santa Catarina. Hoje, essa entidade é reconhecida como a protetora das águas salobras, perpetuando-se como um símbolo de resistência cultural. 🦀

CARLINHOS DE TOTE



Ministério da
Cultura, Nubank
e Instituto
Tomie Ohtake
apresentam

MANGUE

CADERNO — ENSAIO 4



ANGUE

CADERNO — ENSAIO 4

Este quarto Caderno-ensaio, *Mangue*, chega ao leitor no final de 2025, celebrando dois anos dessa série de publicações que o Instituto Tomie Ohtake está produzindo, como forma de ensaiar e experimentar novas combinações de olhares e diferentes perspectivas sobre os temas que nos atravessam em nossas exposições e em outros projetos, mas que, principalmente, atravessam nosso tempo.

A escolha do mangue como tema, assim, não poderia ser mais apropriada: diz respeito a esse ecossistema fundamental e às suas urgências ecológicas e climáticas, mas também às urgências de tecer continuamente relações mais sustentáveis e poéticas entre seres humanos e não humanos, entre forças e pensamentos diferentes, entre culturas e entre distintas espiritualidades e cosmologias.

Muitos dicionários apresentam como controversa a origem da palavra “mangue” – alguns estudos dizem que ela vem do termo tupi-guarani *mã'gue* ou *mangy*, que significa “lama” ou “lodo”. Outra hipótese seria que a palavra vem de línguas africanas, ou, ainda, que teria chegado ao português pelo vocábulo espanhol *mangle*, que, por sua vez, teria sido incorporado da língua taina, falada no Caribe. Até para se fazer linguagem o mangue é composto de muitos: não se sabe de onde vem e nem onde termina.

E em um ano em que a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30) acontece na Amazônia brasileira – no estado do Pará, que abriga 42% dos nossos mangues – e em que o Instituto Tomie Ohtake realiza a exposição *A terra, o fogo, a água e os ventos – Por um Museu da Errância com Édouard Glissant*, que nos permitiu nos debruçar sobre o pensamento do poeta e filósofo martinicano, o mangue surge como promessa de vida e de recomposição.

Para Glissant, o mangue é uma dobra do mundo em que a relação se faz matéria, traduzindo em corpo o seu princípio de imprevisibilidade e *crioulização*: uma ecologia do contato, em que tudo se mistura e nada se fecha.

Cheias e vazantes, composição e decomposição, entrelaçamento de raízes e poder de produção de energia e vida tornam o mangue um lugar de regência da vida no seu caos mais poderoso e, por isso também, mais referencial para pensar o mundo contemporâneo.

As autoras e os autores que assinam os textos e os ensaios visuais deste livro são fundamentais para que nossas experiências sensíveis, comunitárias e políticas se nutram, se expandam e se energizem. Agradecemos a todas e todos e saudamos suas produções.

Ao Ministério da Cultura, deixamos nosso agradecimento pela viabilização deste livro via Lei Federal de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet. Ao Nubank, mantenedor do Instituto Tomie Ohtake, agradecemos a parceria que nos permite a produção de projetos como este.

Agradecemos também ao Instituto Moreira Salles que, mais uma vez, nos apoiou na cessão de imagens fundamentais para as narrativas aqui expostas, provando, ainda, que as relações entre diferentes instituições podem e devem ser frutíferas e colaborativas.

Às leitoras e aos leitores, deixamos este manguezal em forma de livro, como um convite para persistirmos nas relações, nos encontros, na vida. Quem sabe a diversidade, a fertilidade e a riqueza, como frutos possíveis da vivência do mangue, nos inspirem a criar belezas em meio ao caos?

Como escreveu Chico Science, músico expoente do movimento *Manguebeat*: “Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar”. Então, boa leitura para quem quer organizar e desorganizar aquilo que é necessário!

- 16** **PREFÁCIO: NO COMPASSO DAS MARÉS**
Divina Prado, Felipe Carnevalli, Gabriela Moulin
- 3** **VOVÓ DO MANGUE**
Carlinhos de Tote
- 18** **RECEITA ENTREMARÉS:
MARISCADA**
Rede Mães do Mangue
- 24** **RESISTIR ENTREMARÉS**
Yara Schaeffer-Novelli
- 26** **CARANGUEJOS COM CÉREBRO**
Fred Zero Quatro
- 34** **MANGUES DO BRASIL**
Marcel Gautherot
- 42** **GUARDIÃS DO MARETÓRIO**
Sandra Regina Pereira Gonçalves
- 50** **RECEITA DE MARÉ ALTA:
PEIXE SALGADO COZIDO
COM FOLHA DE VINAGREIRA**
Rede Mães do Mangue
- 52** **MÉDITEZ-RAT-N'EST-RIEN**
Arébénor Basséne
- 62** **ÁGUAS NA PERIFERIA**
Martihene Oliveira
- 64** **FAZER O SECO, FAZER O ÚMIDO**
João Cabral de Melo Neto
- 72** **MARIWÔ**
Alberto Pitta
- 80** **COSMOPOLITISMO DA LAMA**
Goli Guerreiro
- 82** **RECEITA DE MANGUES E RAÍZES:
O CARANGUEJO**
Rede Mães do Mangue
- 90** **O CADERNO DE VIOLETTE**
Kelly Sinnappah Mary

99 FLOR DE LUANDA, RAIZ DE MANGUE

Caetano W. Galindo

101 MANGUEZAL BERÇO DA VIDA

João do Cumbe

111 TRÔPEGO TRÓPICO

Rivane Neuenschwander

119 O DIREITO À OPACIDADE

Dénètem Touam Bona

123 TRAÇO

Édouard Glissant

125 CARANGUEJEIRAS

Maureen Bisilliat

133 DA LAMA AO CÓDIGO

Ana Roman

**135 RECEITA VAZANTE EM FESTA:
BEIJU FINO**

Rede Mães do Mangue

143 O MANGUEZAL

Robson Renato

**145 NÓS TEMOS UM ENCONTRO
ONDE OS OCEANOS SE ENCONTRAM**

Rayana Rayo

153 CUIDAR DO MANGUE É CUIDAR DO MUNDO

Angelo Fraga Bernardino

163 CURA PELA ÁGUA

Aislan Pankararu

169 EPÍLOGO: CAOS-MANGUE

Gabriela Moulin

173 PARTICIPANTES



NO COMPASSO

Divina Prado,
Felipe Carnevalli,
Gabriela Moulin

EDITORIAL INSTITUTO
TOMIE OHTAKE

DAS
MARÉS

Prefácio

DIVINA PRADO, FELIPE CARNEVALLI, GABRIELA MOULIN



Um manguezal é sempre um encontro de mundos. É onde o mar encosta nas terras; a água salgada e a água doce negociam saturações; as árvores inventam raízes para sustentá-las no solo encharcado; e cada ser encontra sua maneira de existir nesse ambiente tão singular. Ali, tempos e escalas muito diferentes coexistem. Enchentes e vazantes se repetem desde tempos imemoriais, orquestradas por alinhamentos de corpos celestes cuja extensão da existência é tão alargada que escapa à nossa imaginação. Ciclos de vida com durações e complexidades variadas se alinhjam a essas dinâmicas das águas, acolhendo desde grandes mamíferos – como o peixe-boi, que pode chegar a meia tonelada – até pequenos moluscos, crustáceos, peixes, aves, répteis e uma infinidade de seres microscópicos. Esses seres, tão pequenos que escapam à nossa percepção, por sua vez, regem processos de alimentação, respiração e trocas que fazem do solo do manguezal um substrato extremamente fértil – capaz de garantir condições de existência para variadas vidas, inclusive aquelas de milhões de anos atrás e que, hoje, integram o solo em forma de carbono.

Todos esses elementos, e tantos mais que compõem a vida no manguezal, estão continuamente enraizados uns nos outros, em fluxos que ora se aproximam, ora se afastam, mas sempre em experimentação e convivência nesse caldo de diferenças. E agora, ao olharmos para os manguezais, compreendemos que suas dinâmicas confluem com os objetivos da série Caderno-ensaio – que é, desde o início, experimental, comprometida com a mobilidade dos processos criativos e com a variedade das formas de leitura. Desejamos partir de portos variados para mergulhar em cada assunto, aproximar experiências diferentes, assumir as fricções, criar conexões improváveis e prospectar raízes invisíveis que costuram a densidade e a vastidão da existência.

De nosso ponto de vista, refletimos a polifonia inerente ao nosso território, que se alarga do Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, cujos fazeres manifestam os aprendizados da artista Tomie

MARISCADA

Receita entremarés

Rede Mães do Mangue

REDE MÃES DO MANGUE

Ohtake – que, ao se deslocar para o Brasil, pôde experimentar a arte e a cultura em suas formas mais abertas, porosas e rizomáticas –, e segue em direção a outros – para ilhas e serras, como fizemos no podcast *A parte pelo todo*; para parques que abrigam vidas centenárias, como na exposição *Um rio não existe sozinho* (2025), no Museu Paraense Emílio Goeldi; e outras tantas andanças guiadas pela arte, pela cultura e pela abertura aos encontros.

Nessa abertura, as diferenças podem conviver em fricção, tremor e Relação – conforme aprendemos com o poeta e filósofo martiniano Édouard Glissant, cujos pensamentos vêm nos alimentando há tempos. Entre suas frutificações de maior reverberação, está a exposição *A terra, o fogo, a água e os ventos – Por um Museu da Errância com Édouard Glissant*, que reuniu, no Instituto Tomie Ohtake, em 2025, e, em seguida, no Center for Art, Research and Alliances, em Nova York (EUA), obras da coleção pessoal do pensador ao lado de trabalhos comissionados, feitos por artistas contemporâneos cujas pesquisas e poéticas dialogam com o pensamento glissantiano.

É desse contexto, também, a escolha do tema do quarto volume da série Caderno-ensaio, o mangue, compreendido, aqui, como potência de vida, mas também como mistério – opacidade imperscrutável que rege a vida, a morte e o renascimento. O mangue se apresentou como caminho de pesquisa e de construção poética a partir de uma metáfora: o museu-mangue, enunciado por Sylvie Séma Glissant. Artista e psicanalista, Sylvie construiu seu pensamento sobre o mundo ao lado de Édouard Glissant, seu companheiro. Partindo dos conceitos glissantianos de Relação e opacidade, Sylvie nos desafia a pensar em um museu-mangue, uma instituição sem fronteiras, encharcada de referências, cujas raízes se espalham pelas paisagens. A curadora Ana Roman nos conta mais sobre essas relações no texto *Da lama ao código*, no qual discute, também, as experiências de construção de acervos, disseminação e atribuição de significados no âmbito digital a partir de perspectivas contracoloniais.

A mariscada é, acima de tudo, um prato profundamente ligado ao modo de vida das comunidades costeiras, refletindo sua relação direta com o mar e com os recursos disponíveis. Por isso, a receita da mariscada é flexível, adaptável e nasce daquilo que o mar oferece em determinado momento: camarões, mariscos, siris, lulas, polvos e pequenos peixes não comerciais. Nesta receita entremarés compartilhada pela Rede MÃes do Mangue, aprendemos que, nas comunidades pesqueiras, a mariscada não é apenas uma refeição saborosa, mas um reflexo da relação com o meio ambiente e da solidariedade entre as pessoas, que muitas vezes compartilham os frutos do mar entre vizinhos ou familiares. Preparada em panelas grandes e cozida lentamente, a mariscada é uma prática ancestral, passada de geração em geração, e promove encontro e celebração em torno de onde é servida.

REDE MÃES DO MANGUE

Neste livro, a ideia de mangue nos leva a pensar sobre como a resiliência ecológica, humana, poética e institucional pode ser compreendida e fomentada em uma era de incertezas que surgem em muitas formas: mudanças climáticas, dinâmicas sociais e econômicas, desastres naturais, rupturas políticas e institucionais. Porém não se pode descortinar tudo sem sair do lugar e por isso viajamos: por regiões, linguagens, conceitos, ideias, formatos, pesquisas. Percorremos assuntos que, num primeiro momento, parecem não ter diálogo com as dinâmicas dos manguezais, mas que, mesmo sem saber, delas se apropriam para encontrar o próprio caminho de construção e apresentação: emaranhados e fluxos que parecem caóticos, mas são regidos por uma coreografia delicada que vem se construindo há milhões de anos – como nos ensina, no texto *Resistir entremarés*, a bióloga Yara Schaeffer-Novelli, que há quatro décadas vem transformando seu encantamento pelos manguezais em maneiras de conhecê-los por meio da ciência, dos saberes tradicionais e das relações com os diferentes sujeitos que cotidianamente experienciam esse ecossistema.

Para iniciar a construção do *Caderno-ensaio 4: Mangue*, abraçamos o desafio de aprender sobre os manguezais, entendidos aqui tanto como ecossistemas quanto como modos de pensamento. Nosso primeiro gesto foi a busca por compreensões moldadas por vivências particulares e profundamente relacionadas às paisagens. Elas nos informaram sobre o que os manguezais podem representar para os sujeitos; como esse ecossistema é lido em cada contexto social e político; quais vidas os manguezais abrigam e como elas se relacionam entre si; quais desafios o antropoceno impõe à sobrevivência dos mangues; e como eles se adaptam a um futuro cuja parte mais conhecida é a incerteza gerada pelas mudanças do clima. Essa crise climática, que há anos atravessa todas as vidas, os biomas e ecossistemas, demanda de nós não apenas capacidade de resposta, adaptação e disponibilidade para mudanças contundentes, mas também o olhar atento às diversidades de cada território. É o que nos contam o oceanógrafo Angelo Fraga

Ingredientes

- 200g de polpa de caranguejo
- 200g de sarnambi (cozidos e sem a concha)
- 200g de mexilhão (cozidos e sem a casca)
- 10 ostras (cozidas e picadas)
- 100g de polpa de siri

REDE MÃES DO MANGUE

Bernardino, em *Cuidar do mangue é cuidar do mundo*, e a marisqueira e líder Sandra Regina Pereira Gonçalves, em *Guardiãs do maretório*.

Nessa toada, seguimos nos deslocando pelo assunto e experimentando a mirada, o sabor, o cheiro e a memória a partir de diferentes repertórios. No caminho, encontramos *Águas na periferia*, em que a jornalista Martihene Oliveira faz confluir memórias de rios, mangues, pontes e caranguejos no Recife, em Pernambuco. Em sua narrativa, as lembranças dos sabores tornam-se presença viva, evocada com desejo e celebração. Para que não se perca de vista essa dimensão, apresentamos também quatro receitas ensinadas pelas Mães do Mangue, uma rede de mulheres que se unem em torno da sobrevivência e do cuidado nas reservas extrativistas. Essas receitas nos apresentam mais do que o manejo culinário dos produtos do manguezal: elas nos contam sobre saberes ancestrais, sobre partilha e sobre a cultura que se mantém viva com a natureza.

Compreendemos, nessa navegação pelos manguezais do Brasil, que as manifestações culturais são grandes aliadas na preservação desse ecossistema – e de tantos outros. Elas promovem o conhecimento, a pesquisa, o respeito e a cooperação entre comunidades. Dentre essas manifestações, destacamos o cordel, aqui representado por Robson Renato, com *O manguezal*, e João Luís Joventino, conhecido como João do Cumbe, com *Manguezal berço da vida*. E, ao lado do cordel, a música, também uma estratégia de fortalecimento de comunidades em torno de identidades partilhadas, como aprendemos com Carlinhos de Tote, em *Vovô do Mangue*, que preserva e dissemina uma narrativa criada para resistir à perseguição religiosa, e que atravessou séculos de nossa história. No campo da poesia, promovemos, nesse manguezal de ideias, o encontro entre João Cabral de Melo Neto, em seu poema *Fazer o seco, fazer o úmido*, e Édouard Glissant, com o poema *Traço*, escrito em seu *Caderno de uma viagem pelo Nilo* (1988). Em ambos, a paisagem se impõe como parte da linguagem, convidando à sinestesia das palavras.

Ingredientes

- **200g de camarão fresco
(sem cabeça e descascados)**
- **3 dentes de alho (amassados e sem casca)**
- **3 cebolas médias (picadas)**
- **1 maço de alfavaca**

REDE MÃES DO MANGUE

Mesmo transitando entre tantas maneiras de conhecer o mangue, sabemos que não se pode saber tudo. Aprendemos com o manguezal que a noção de limites e encontros pode ser fluida, e que toda maré, de certa forma, redesenha esses contornos. Nesse ponto, voltamos ao pensamento de Glissant, contado pelo escritor francês Dénètem Touam Bona, em *O direito à opacidade*, que nos diz que, no caldo primordial do mangue, as distinções, categorias e rótulos constantemente se embaralham. Esse embaralhamento é inerente à própria cultura, em que tudo vaza e, nesse espalhamento, encontra maneiras de se reelaborar. Sobre isso, aprofundamos e complexificamos as reflexões com ajuda do escritor e tradutor Caetano W. Galindo, em *Flor de Luanda, raiz de mangue*, que parte da metáfora do mangue para abordar a natureza complexa de nossas raízes culturais – campo de sobreposição e disputa que reverbera na língua falada no Brasil.

Essa miscelânea cultural prospera fortemente no campo da música, o que se vê em *Cosmopolitismo da lama*, da antropóloga Goli Guerreiro, em que a simbologia do mangue, especialmente a fertilidade do substrato e o emaranhado das raízes, nos conduz pela efervescência musical afro-atlântica. Essa efervescência encontra manifestação também em *Caranguejos com cérebro*, do jornalista e músico Fred Zero Quatro, que descreve uma cena musical recifense conectada ao mundo, mas enraizada na lama do mangue.

Além disso, este livro é composto por oito ensaios visuais, compreendidos, também, como textos que trazem novas paisagens, informações, relações e possibilidades de navegação pelo manguezal – como ecossistema, forma de pensamento, metáfora, analogia, inspiração, contraponto. Longe de representar ou ilustrar a concretude e a diversidade de manguezais pelo mundo, as imagens, na verdade, trazem repertórios e linguagens variados que nem sempre têm conexão direta com o ecossistema, mas elaboram modos de fazer que refletem a fertilidade e a densidade dos manguezais. Fazem parte desse recorte trabalhos de Aislan Pankararu, Alberto Pitta, Arébénor

Ingredientes

- **1 maço de chicória**
- **5 tomates (picados)**
- **1 colher (sopa) de pimenta cominho**

REDE MÃES DO MANGUE

Basséne, Kelly Sinnappah Mary, Marcel Gautherot, Maureen Bisilliat, Rayana Rayo e Rivane Neuenschwander.

Finalmente, o epílogo, *Caos-mangue*, escrito por Gabriela Moulin, ecoa a metáfora dos manguezais na vida cotidiana de um dos seus mais imponentes, resilientes e misteriosos habitats: a Amazônia. Esse texto surgiu após a visita de Gabriela a Belém, no Pará, por ocasião da inauguração da exposição *Um rio não existe sozinho*, organizada pelo Instituto Tomie Ohtake no Museu Paraense Emílio Goeldi, nas vésperas da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30). O epílogo reafirma nosso compromisso de percorrer territórios e ir além do nosso lugar comum para percebê-los como possibilidades de alargamento da imaginação, respeito à opacidade e potencialização da Relação.

A confluência, o contato, o diálogo e a imaginação de novas abordagens possíveis sobre os assuntos que nos atravessam são a metodologia de base da série Caderno-ensaio. Por isso, os textos assinados por Angelo Fraga Bernardino, Caetano W. Galindo, Goli Guerreiro, Sandra Regina Pereira Gonçalves e Yara Schaeffer-Novelli foram construídos a partir de conversas gravadas, transcritas e editadas, alimentadas pelo ritmo do encontro e das curiosidades por ele geradas. Outros textos, que já circulavam pelo mundo ou que foram escritos para o contexto do livro – como os de Ana Roman, Gabriela Moulin e Martihene Oliveira –, experimentam, no conjunto, fricções, opacidades, revelações e novas marés.

Essas relações se revelam, também, no projeto gráfico do livro, concebido como um território em movimento. Aqui, dois fluxos narrativos paralelos convidam à navegação por diferentes marés de sentido. Em verde, o conteúdo de maré baixa, disposto na parte inferior das páginas, evoca as raízes, a lama e as camadas subterrâneas. Em laranja, o conteúdo de maré alta, situado na parte superior, traz narrativas experimentais e de múltiplas formas, que emergem à superfície do pensamento. Atravessando esses textos

Modo de preparo

**Tempo de preparo: 40 minutos
Serve a: 10 pessoas**

- 1. Lavar todos os ingredientes. Se houver algum ingrediente congelado, indicamos escaldar antes de fazer a receita.**

REDE MÃES DO MANGUE

– ora os interrompendo –, os ensaios visuais se apresentam como um fluxo entremarés, ocupando a totalidade das páginas de onde afloram. Assim, essa organização – ou desorganização – torna-se parte essencial da experiência de leitura: um gesto poético que materializa, na forma e no ritmo, a convivência entre diferenças, o movimento contínuo e a multiplicidade de perspectivas que definem o mangue e a própria proposta da série Caderno-ensaio.

Refletindo a diversidade de conteúdos e abordagens deste livro, acreditamos que ele pode ser vivenciado de variadas maneiras. A estrutura visual e textual convida à experimentação: ler imagens e textos seguindo apenas uma das marés, alternando entre ambas, ou acompanhando o fluxo das páginas como quem observa o vai e vem das águas. O *Caderno-ensaio 4: Mangue*, assim como todos da coleção, é acompanhado de encarte em braile, versão digital acessível, locução de todos os conteúdos, audiodescrição de todas as imagens, paisagem sonora criada especialmente para o livro e vídeo de apresentação em libras (língua brasileira de sinais), com legendas e locução em língua portuguesa. Os recursos de acessibilidade, além de garantir o acesso das pessoas com deficiência, amplificam a potência e o alcance do livro por meio da multissensorialidade. Incentivamos o uso compartilhado entre pessoas com e sem deficiência, propondo maneiras de se relacionar com a arte, a educação e a cultura que promovam a integração e a coletividade.

O caranguejo cava caminhos sob a lama, a ostra se ancora às raízes e atravessa as marés, e cada um conhece o manguezal a seu modo. Para escutar essas águas e raízes, é preciso mover-se – ou permanecer –, com o corpo aberto às diferenças que inevitavelmente o cercam. Os povos cujas vidas se entrelaçam aos manguezais já sabem que viver é seguir o compasso das marés, respeitando seus ritmos e mistérios. Desejamos que este *Caderno-ensaio 4: Mangue* seja também um convite para a imersão: deixar-se atravessar, misturar saberes e enraizar pontes entre arte e vida.

Modo de preparo

2. Misture, em uma bacia, todos os ingredientes e tempere com sal, pimenta, cominho e limão.
3. Em uma panela, refogue a cebola, o alho e o tomate. Acrescente os ingredientes temperados da bacia e mexa bem.

REDE MÃES DO MANGUE

RESISTIR

Yara Schaeffer-Novelli

ENTREMARÉS

Modo de preparo

4. Finalize com a alfavaca e a chicória.

Receita publicada no livro *Cozinha da maré – As mulheres e o patrimônio alimentar nativo dos manguezais amazônicos do Pará*, realizado por: Associações de Usuários de Reservas Extrativistas Marinhas e Costeiras, Confrem, Purpose e Rare Brasil. 🐚

Cada manguezal é único, tem suas particularidades ambientais e, também, sofre influência dos grupos humanos que vivem nas proximidades – e que lhe conferem significados. O que aproxima esses manguezais, apesar das características de cada um, é justamente a capacidade de adaptação e de resistência a eventos que se alternam constantemente no ambiente entremarés.

REDE MÃES DO MANGUE

Nas regiões costeiras, onde as marés sobem e descem duas vezes por dia, forma-se um substrato com muita lama, onde vivem, se reproduzem e se alimentam caranguejos, ostras e várias outras espécies de animais, e no qual nascem árvores adaptadas, com suportes para se equilibrar nesse terreno lamacento. As plantas típicas desse ecossistema, que têm a habilidade de viver e crescer na água do mar, já passaram por muitos eventos climáticos cíclicos, além das marés, ressacas e frentes frias. Assim é o manguezal, que carrega uma história de sessenta milhões de anos e que já revelava, antes mesmo de nos darmos conta, sua principal competência: a resiliência.

CARANGUEJOS COM CÉREBRO

Fred Zero Quatro

FRED ZERO QUATRO

No Brasil, temos um litoral muito extenso que vai desde o Oiapoque, no extremo norte do Amapá, até o Chuí, no extremo sul do Rio Grande do Sul. Em toda essa linha de costa, só não existem manguezais no litoral do Rio Grande do Sul, pois ali as baixas temperaturas não são adequadas para o desenvolvimento desse tipo de ecossistema mais tropical. Nos estados do Amapá, Pará e Maranhão, há grandes áreas de manguezais bem desenvolvidos, diretamente expostos na linha de costa onde ocorrem grandes amplitudes de marés. Já no litoral paulista, eles ocorrem dentro de estuários, como em Cananéia, Baixada Santista, Ubatuba, Caraguá e São Sebastião, resistindo a impactos humanos como o constante depósito de lixo e de resíduos de obras urbanas de engenharia.

O que aproxima esses manguezais, apesar das características de cada um, é justamente a capacidade de adaptação e de resistência a eventos que se alternam constantemente no ambiente entremarés. Pelas características desse ecossistema, tipicamente intertropical, não é comum haver geadas, mas, ainda assim, elas existem em regiões como o litoral sul de São Paulo, Santa Catarina e Paraná. Da mesma forma, os manguezais podem ser afetados por ressacas do mar, quando ventos intensos, vindos de frentes frias ou ciclones, geram ondas de grande intensidade. Como recentemente, quando eu estava na baía do Araçá, em São Sebastião, com um grupo de pesquisadores, e uma frente fria provocou grandes ondas dentro do mangue – nenhum de nós havia vivenciado esse fenômeno antes. Os eventos climáticos estão mudando...

Os manguezais já resistiram a tantas coisas que sequer podemos imaginar, e parte dessa capacidade se deve às parcerias que estabeleceram com outros ambientes costeiros ao longo dos milênios. Entre eles, destacam-se os recifes de coral, que também prosperam em regiões intertropicais. Além disso, como nas ilhas do Caribe, existem pradarias marinhas, semelhantes a gramados subaquáticos, que servem de habitat para animais como peixes-boi e tartarugas.

No início dos anos 1990, Recife vivia o avanço desordenado da urbanização e o sufocamento de seus manguezais – que, apesar de sempre terem sido fonte de vida para humanos e outros animais, são também comumente associados à sujeira e à podridão. A cidade, marcada por fortes desigualdades sociais e baixos índices de desenvolvimento, era também um território fértil para experimentações culturais. Nesse contexto, o músico e jornalista Fred Zero Quatro, líder da banda Mundo Livre S/A, escreveu o manifesto *Caranguejos com cérebro*, distribuído à imprensa local. O texto se tornou um marco do movimento *Manguebeat*, que propunha uma renovação estética e política da cultura recifense.

FRED ZERO QUATRO

A conexão entre manguezais, recifes de coral e pradarias marinhas é benéfica, pois cada um protege o outro, criando relações profundas e fortalecendo esses diversos ecossistemas.

Essas relações de proximidade se estendem aos humanos. Quando pensamos na história recente, percebemos que o início da colonização das áreas costeiras, tanto das Américas quanto do Caribe, revela que os adensamentos populacionais mais antigos freqüentemente se estabeleceram junto a manguezais. Exemplos incluem a baía de Todos os Santos, na Bahia; as lagoas de Manguaba e Mundaú, em Alagoas; Recife, em Pernambuco; a baía de Guanabara, no Rio de Janeiro; a Baixada Santista, em São Paulo; a baía de Paranaguá, no Paraná; entre outros. Todas essas regiões de manguezal foram pontos de chegada dos europeus, que, após longos meses de viagem, se instalavam em locais onde havia proteção para as naus e alimentação disponível para os tripulantes.

No entanto, mesmo com disponibilidade de alimentos, a competição por recursos nesses ambientes gerava conflitos entre os povos originários – os donos da terra – e os europeus, como os ocorridos na baía de Guanabara e em Cananéia. Nessas áreas, os povos originários, os quais detinham um profundo conhecimento da paisagem, passaram a coabitar os ambientes costeiros. Os sambaquis (depósitos construídos pelo acúmulo de materiais calcários e orgânicos, como ossos e conchas), encontrados em diversas partes da costa brasileira, especialmente no Sudeste, são um testemunho desse domínio. Há registros de sambaquis impressionantes – como um que conheci em Joinville, no estado de Santa Catarina, com trinta metros de altura –, indicando a importância desses locais para os povos originários.

Não podemos dissociar o ser humano do seu ambiente, e o próprio ambiente está intrinsecamente ligado às suas áreas associadas, a seus habitantes e funções – fatores que permanecem em constante reestruturação e readaptação ao longo do tempo. É algo

O manifesto descreve uma cena musical conectada ao mundo, mas enraizada na lama do mangue, constituída por seres que pensam e criam a partir do próprio território. Com nomes como Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, o *Manguebeat* misturou ritmos locais, como maracatu e coco, com sonoridades cosmopolitas, como rock, hip hop e música eletrônica. Mais do que um estilo musical, o movimento expressava um desejo de transformação: reimaginar o Nordeste como centro criador, capaz de pensar o mundo a partir do mangue – um espaço de resistência, invenção e vida.

FRED ZERO QUATRO

verdadeiramente magnífico! Tenho mais de quarenta anos de experiência com pesquisa em manguezais e sempre me surpreendo com o que chamo de “teatro”: ao chegar ao manguezal, de manhã, a maré está baixa e a cena é de um jeito; conforme as horas passam, a maré vai subindo e o aspecto da paisagem vai mudando, completamente.

Nos manguezais, tudo está sempre em movimento, e a chegada constante de água do mar rica em nutrientes, com a contribuição de rios e chuvas, cria uma condição propícia à vida – atraindo desde micro-organismos até organismos maiores que gradualmente colonizam o ambiente. Os caranguejos, por exemplo, após se reproduzirem na água do mar, migram para a lama do mangue, onde crescem e realizam a “muda” – quando a “casca” (carapaça) é substituída por uma nova, para que o animal continue crescendo. No período de acasalamento, o caranguejo fêmea (candurua) libera os ovos fertilizados na água do mar ou do estuário, onde as larvas se desenvolvem, e, posteriormente, precisam voltar para um manguezal. As ostras, por sua vez, vivem fixas a um substrato – seja uma pedra ou uma árvore de mangue. Para completarem o ciclo de vida, dependem dos gametas masculinos e femininos que flutuam na água da maré para a fecundação. Entre as ostras, a complexidade do nascimento de machos e fêmeas é ainda maior, pois é influenciada diretamente pela temperatura e pela salinidade da água. Por isso, eu digo que o manguezal é um “balé” ou um “teatro”, em que cada elemento deve funcionar em perfeita harmonia.

Esse é o equilíbrio da natureza, mas a maioria de nós, seres humanos – que chamo de “bípedes não alados” –, acaba sendo um fator negativo: caçamos pássaros, derrubamos árvores, queimamos madeira. Somos um complicador. No entanto, há humanos como os pescadores, as marisqueiras ou os catadores de caranguejo que, no mangue, têm relações mais respeitosas: se movem com destreza e não catam mais do que precisam hoje, pois sabem que poderão voltar amanhã.

Mangue – O conceito

Estuário. Parte terminal de um rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés.

FRED ZERO QUATRO

Já vimos que os manguezais não são iguais, e essas diferenças contribuem para que possam ser reconhecidos dois Brasis: de um lado, temos o Brasil do Norte e do Nordeste, onde as extensões e o desenvolvimento dos mangues impõem respeito aos que deles dependem para subsistência; enquanto no Brasil do Sudeste e do Sul, mais mecanizado, o foco está em empreendimentos como marinas, estradas e moradias em palafitas, que acabam se pautando, muitas vezes, sem a devida consideração pelos limites ambientais.

A geografia física das diferentes regiões do país é responsável por diferenciar as escalas dos manguezais. Quando se avança para o Sudeste e o Sul, a partir do Espírito Santo, a presença da Serra do Mar comprime a faixa costeira, tornando-a mais estreita. No Norte e no Nordeste, a ausência de montanhas junto à costa cria uma paisagem mais plana, caracterizada pela Formação Barreiras, que se estende, principalmente, do norte do Espírito Santo até o Amapá. Nessas regiões, as comunidades estão mais conectadas aos manguezais, que são mais desenvolvidos no Amapá, no Pará e no Maranhão, em ambientes com maior volume de chuvas, marés de grande amplitude (chegam a nove metros) e abundância de recursos naturais.

A convivência e o respeito normalmente fazem parte da relação dessas comunidades costeiras com os manguezais, contrastando com a percepção sobre eles em regiões do Sudeste, onde frequentemente são vistos como lugares insalubres, inúteis e com mosquitos. Essa visão negativa é típica de locais onde a expansão urbana levou à destruição da restinga, do manguezal e da Mata Atlântica. Nessas áreas, soma-se à disputa por espaço a falta de vínculo ético e cultural, e de respeito ao meio ambiente.

No Norte e no Nordeste, de modo diferente, a força das marés impõe outro tipo de postura. Em São Luís do Maranhão, por exemplo, para ir à praia, é indispensável consultar a tábua de marés, pois a maré baixa pode afastar a água a distâncias consideráveis (marés de grandes amplitudes). O ambiente, nesse contexto, exige

Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo, apesar de serem sempre associados a sujeira e podridão.

FRED ZERO QUATRO

respeito; caso contrário, suas consequências se manifestam de modo mais explícito. Por exemplo, casos de embarcações naufragadas em áreas próximas de portos como Belém ou Altamira, no Pará, ocorrem justamente nessas regiões onde as forças da natureza são grandiosas e impõem respeito.

Talvez pela imponência das forças da natureza nessas regiões, surgiram diversas criaturas e histórias especiais. Há as histórias do Boto e do Ataliba, que engravidam as mulheres. O Curupira, com seus pés virados para trás, que caminha pelo mangue para enganar aqueles que o seguem. A Vovó do Mangue, uma entidade maravilhosa que gosta de fumo de rolo, rapé e cachimbo. Quando as crianças vão ao manguezal para maltratar os caranguejos, a Vovó do Mangue apaga os rastros das suas pegadas (a maré sobe), fazendo com que se percam e não consigam voltar para casa. Essas figuras são responsáveis por manter a ordem e cuidar do ambiente.

Eu já viajei bastante, conheço diversos manguezais na América Latina e no Caribe, bem como no Japão, na Índia, no Golfo Pérsico e em outros lugares. Cada manguezal é único, tem suas particularidades ambientais e também sofre influência dos grupos humanos que vivem nas proximidades – e que lhe conferem significados. As espécies arbóreas dos manguezais são, em sua maioria, semelhantes, mas se desenvolvem de forma diferente em cada local, influenciadas por salinidade, temperatura, quantidade de chuva ou horas de luz solar. No Caribe, por exemplo, há treze horas de sol diárias, enquanto em Cananéia, no inverno, são apenas dez horas ou menos. Essas variações geram diferenças marcantes. Posso identificar um manguezal na Índia, mas não sei quais animais vivem ali ou quais são exatamente as espécies de árvores. É como reconhecer um porco pelo focinho e pelo rabo, mas somente pelo corpo fica difícil saber se é um cateto, um javali ou outro animal. É impossível dominar completamente qualquer assunto, principalmente em relação aos manguezais.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados às 60 plantas de mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para 2/3 da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos 80 espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

FRED ZERO QUATRO

Estudá-los é estar sempre aprendendo sobre esses ambientes, mas também sobre as relações que neles se estabelecem. Na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais (APACC) – criada em 1997 para proteger os recifes de corais e os ecossistemas associados, como o manguezal –, entre o sul de Pernambuco e o norte de Alagoas, está o rio Tatuamunha, que abriga, entre outras espécies, os peixes-boi que precisam passar por reabilitação. Nesse santuário, os peixes-boi jovens que perderam suas mães – por caça ou outros problemas – são acolhidos, cuidados e monitorados em uma área protegida e, depois de um tempo, quando atingem a idade adulta e aprendem a se alimentar, são liberados. Curiosamente, algumas fêmeas, após partirem para viver e ter seus filhotes em outros locais, retornam ao rio Tatuamunha com as crias. Embora nossa tendência seja antropomorfizar e imaginar que a mãe retorna para mostrar ao filhote o local que a abrigou – uma bela história –, a realidade é que a fêmea associa o local à proteção. Isso revela a força, a honestidade e a ética dessas relações no mundo animal.

E essa relação forte, com muita ética, é a mesma que nós, pesquisadores, mantemos com pescadores, marisqueiras e catadores de caranguejo, sempre baseada no respeito mútuo. Reconhecemos que o conhecimento deles sobre o ambiente é vasto e complementar ao nosso – conhecer o manguezal é algo que não tem fim. Ao conversar com eles, aprendemos muito, assim como eles têm a oportunidade de trocar experiências conosco. Essa troca de saberes revela um sincretismo cultural profundo. Um exemplo marcante é o respeito das marisqueiras por Nanã, a orixá protetora das águas salgadas, em sua conexão com as águas doces. Nenhuma marisqueira entra no mangue sem antes pedir licença a Nanã, demonstrando reverência ao ambiente que provê sustento para elas e suas famílias.

Esse sincretismo religioso e o profundo respeito pelo mangue devem ser levados muito a sério. Por vezes, o trabalho no manguezal é interrompido – ou por esquecermos o equipamento necessário,

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas de casa, para os cientistas os mangues são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

FRED ZERO QUATRO

ou pelo simples fato de o lápis ter caído na lama e “desaparecido”, impedindo o término das anotações. Nesses momentos, é importante lembrar de agradecer à orixá Nanã e à Vovó do Mangue. Independentemente de quantos títulos o pesquisador tenha, é preciso parar o trabalho, olhar para o horizonte, pensar nas entidades que estão ali e pedir licença para trabalhar com elas. Cada vez mais nos assustamos com a ignorância ou o orgulho de não saber, porque há pessoas que dizem: “Eu não preciso saber dessas coisas, não preciso pedir licença para Nanã para trabalhar no mangue”. Não ouse desobedecer a entidades superiores!

Assistimos a uma dicotomia preocupante: de um lado, aqueles que zelam e respeitam o que herdamos, conscientes de que somos apenas guardiões para as futuras gerações; de outro, indivíduos que agem de forma impessoal, indiferentes ao futuro, como se o amanhã não importasse. É justamente por essa indiferença que talvez não haja um amanhã.

Na ilha de Maracá, na margem equatorial do litoral do Amapá, os manguezais atingem impressionantes trinta metros de altura. Enquanto na Baixada Santista a variação das marés é de cerca de oitenta centímetros, no Amapá ela sobe e desce nove metros, duas vezes ao dia. Quem entende de física sabe que essa variação implica correntes fortíssimas, em uma escala que transcende a dimensão humana. No entanto, é grande a persistência em buscar petróleo e gás em uma área de tamanha sensibilidade e vulnerabilidade.

A costa brasileira é extremamente frágil e, por isso mesmo, tem várias “áreas protegidas”, em que vivem comunidades quilombolas e diversos grupos indígenas. Seu equilíbrio delicado é facilmente alterado por fatores como o vento ou a chegada de frentes frias ou quentes. Um derramamento de óleo, nesse cenário, teria consequências catastróficas. Dada a intensa competição por espaço na zona costeira, corremos o risco de sermos eliminados, pois não estamos cuidando adequadamente desse ambiente tão valioso para

Manguetown – A cidade

A larga planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada pelos estuários de seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade “maurícia” passou a crescer desordenadamente à custa do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais, que estão em vias de extinção.

FRED ZERO QUATRO

a vida. Essa negligência não se restringe aos manguezais; estende-se também ao Cerrado, ao Pampa e à Amazônia. O problema reside na falsa crença de que o ser humano tudo pode. Soberba é uma coisa, e ela impede o respeito aos limites alheios. Soberania, por outro lado, é possível, desde que trabalhemos dentro das normas de uma política internacional e ecológica, compreendendo nossos limites, direitos e deveres.

Ao longo de sessenta milhões de anos, os manguezais persistiram, apesar de inúmeras adversidades. Acredito que nós, humanos, não teremos a mesma resiliência; talvez baratas, tartarugas e outras espécies sobrevivam, mas não nós. Esse imediatismo e essa busca incessante por combustível fóssil nos impedem de perceber o presente e de construir o futuro, mas precisamos sonhar com a possibilidade de mudanças e melhorias. Como professora desde 1965, minha convicção é de que posso contribuir para um mundo melhor, aprendendo e compartilhando conhecimento. Acredito no poder da educação para transformar realidades, e certamente podemos aprender muito com os manguezais sobre resiliência, resistência e respeito.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de “metrópole” do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

FRED ZERO QUATRO

MANGUES DO BRASIL

Marcel Gautherot

Nascido em Paris, na França, em 1910, e radicado no Rio de Janeiro desde a década de 1940, Marcel Gautherot é um dos mais destacados fotógrafos do século 20, graças à diversidade de temas e à vastidão de seu acervo – que soma mais de 25 mil fotografias. Seu interesse pelo Brasil se iniciou antes mesmo de seu deslocamento, quando teve contato com uma tradução francesa do romance *Jubiabá*, do escritor baiano Jorge Amado. A partir de parcerias com agências fotográficas, intelectuais, museus e órgãos governamentais, Gautherot pôde viajar pelo território brasileiro ao longo de cinco décadas, construindo um impressionante registro de diferentes paisagens, culturas

Bastaram pequenas mudanças nos “ventos” da História, para que os primeiros sinais de “esclerosar” econômica se manifestassem, no início dos anos 60. Nos últimos 30 anos, a síndrome da estagnação, aliada à permanência do mito/estigma da “metrópole”, só têm levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

FRED ZERO QUATRO

CONTINUA →

e personagens do Brasil. Desde sua primeira viagem para a Amazônia, em 1939, Gautherot expressou o desejo de fotografar todo o curso do rio Amazonas. A viagem foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial, mas o fotógrafo voltaria à Região Norte repetidas vezes nas décadas seguintes, fascinado pela grandeza da floresta e de seu encontro com as águas. Nas impressionantes imagens de manguezais na ilha do Marajó e na ilha Mexiana, ambas no Pará, a figura humana aparece sutilmente inserida na paisagem, quase como um lembrete da presença imponente dos mangues. Gautherot fotografou, também, mangues no Rio de Janeiro (RJ), onde a natureza se expressa em escala distinta, mas não menos impactante.













O Recife detém hoje o maior índice de desemprego do país. Mais da metade dos seus habitantes moram em favelas e alagados. E segundo um instituto de estudos populacionais de Washington, é hoje a quarta pior cidade do mundo para se viver.

GUARDIÃS DO

FRED ZERO QUATRO

Sandra Regina Pereira Gonçalves

MARETÓRIO

Manguie – A cena

Emergência! Um choque, rápido, ou o Recife morre, de infarto. Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias.

Para mim, há uma profunda conexão entre a mãe biológica ou de criação e a Mãe Natureza. Assim como a mãe protege e nutre o bebê para garantir seu desenvolvimento saudável, sua educação e seu futuro no mercado de trabalho, a Mãe Natureza nos provê o sustento e a proteção necessários. Por isso, nomeamos nossa Resex de “Mãe Grande”, pois ela reflete essa mesma relação de proteção mútua: nós protegemos o manguezal, e ele nos protege. Isso é especialmente evidente aqui, onde estamos na maior faixa contínua de manguezal protegido do mundo.

FRED ZERO QUATRO

Desde cedo aprendi a respeitar o território – ou, como gostamos de dizer, o *maretório*, onde o mar encontra a terra e as comunidades moldam sua existência no ritmo das marés. Os manguezais são uma parte importante dos *maretórios* e significam, para nós, alimento, proteção e abundância. Para entrar neles, pede-se licença: uma reza, um gesto de cuidado. Ali, cuidar de si é cuidar do outro, da vizinhança, da família e da natureza, pois nada está separado: tudo se conecta com as marés, que sempre retornam.

Eu sou filha nativa do município de Curuçá, no estado do Pará, e vim de uma família de pescadores e marisqueiros. Aos nove anos, comecei a acompanhar minha mãe na coleta de mariscos, siris, sururus, sarnambis e ostras do manguezal.

O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus Rios e aterrhar os seus Estuários. O que fazer então para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos?

FRED ZERO QUATRO

Ao coletar ostras, sempre nos alertavam: “Não tirem as pedras do lugar”, porque elas costumam abrigar ostras pequenas, ainda em desenvolvimento. Também aprendi que não podemos levar as pedras para a terra firme, pois a intenção é coletar apenas as ostras médias e grandes, deixando as pequenas no seu lugar para que continuem crescendo. Se tiramos as pedras do lugar, as ostras morrem devido à mudança de temperatura e à falta de água. Se as deixamos no tijuco – como chamamos o substrato onde estão fixadas as árvores de mangueiro –, que permanece sempre úmido, elas sobrevivem até mesmo quando a maré está baixa.

Também aprendi a chamar a maré de lâmina d’água e a saber que existem quatro tipos, cada um associado a uma fase da lua. As marés de menor amplitude, ou seja, com menor diferença de altura entre a maré baixa e a alta, ocorrem durante a lua minguante e a lua crescente e são conhecidas também como “marés mortas”. Já as marés mais fortes são conhecidas como “marés de lanço” e acontecem na lua nova e na lua cheia. Todo esse conhecimento é adquirido com o tempo, por meio da observação da natureza e da relação contínua com o manguezal.

A nossa relação com esse espaço é marcada pelo respeito em todos os momentos e marés. Sempre levamos do manguezal apenas o que é necessário, seja para consumo próprio ou para venda. Se precisamos de quatro quilos de marisco ou de dez litros de mexilhão, levamos somente essa quantidade, para evitar desperdício. Da mesma forma, se levamos algo de casa para o manguezal, sempre trazemos de volta – sejam restos de alimentos, objetos usados na coleta ou qualquer outra coisa.

Essa consciência sobre o uso sustentável dos recursos faz parte do nosso dia a dia e dos nossos diálogos. Aqui, em Curuçá, as famílias costumam ir juntas ao manguezal (geralmente, de dez a quinze famílias, com duas a cinco pessoas cada), seja de canoa ou a pé, para coletar mariscos. Durante o trajeto, conversamos com os

Há como devolver o ânimo/deslobotomizar/recarregar as baterias da cidade? Simples, basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. Em meados de 91, começou a ser gerado/articulado em vários pontos da cidade um organismo/núcleo de pesquisa e produção de ideias pop.

FRED ZERO QUATRO

pescadores, alertando-os sobre a importância de não capturar os alevinos, que são os peixes pequenos que ainda não atingiram a fase adulta. Da mesma forma, ao pescar camarão, é fundamental pegar apenas os graúdos, deixando os menores livres.

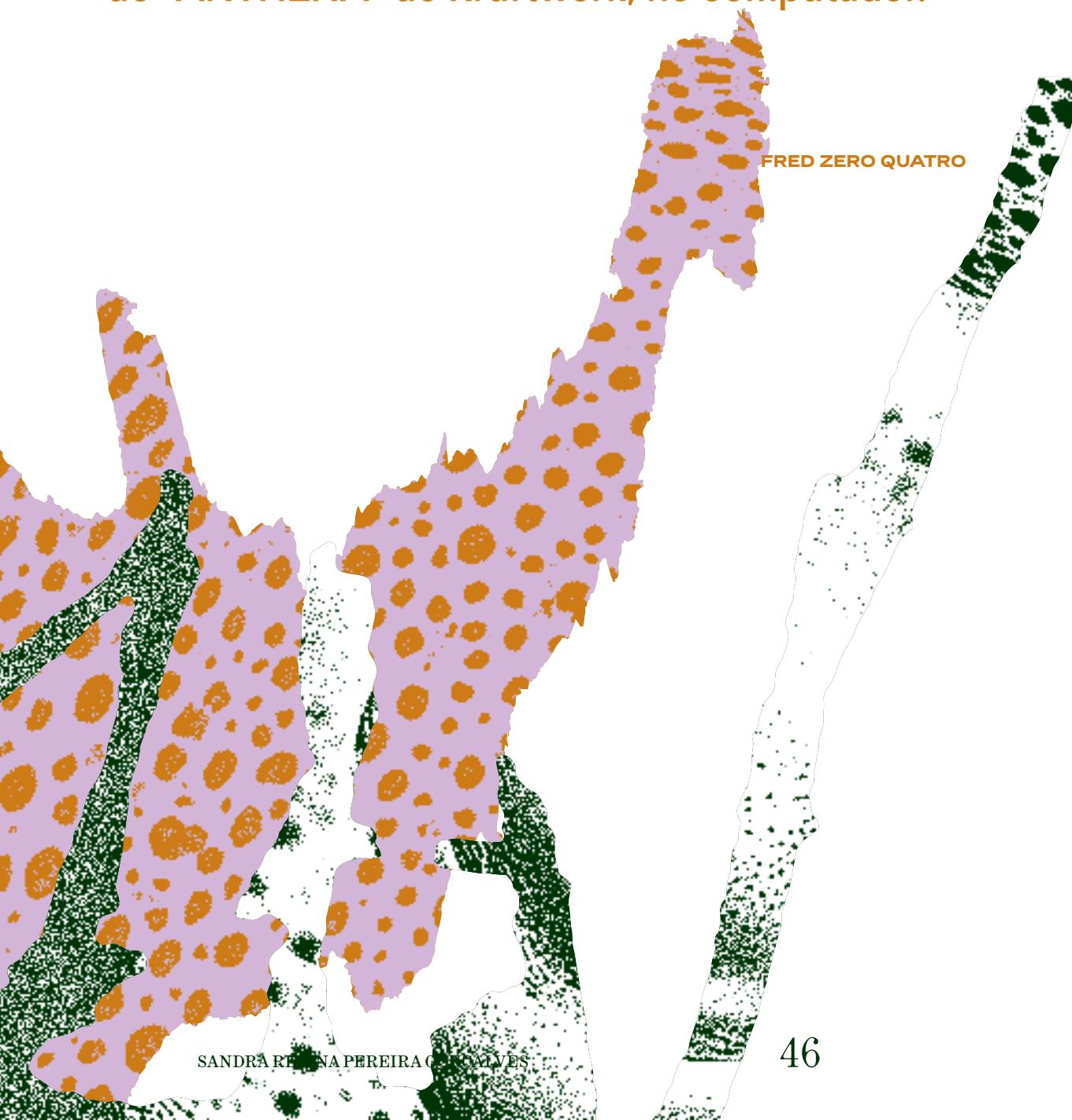
Além disso, é proibido atirar pedras nas árvores frutíferas locais, como as mangueiras, ou colher seus frutos verdes. Caso alguém desrespeite essa regra, a própria comunidade aplica uma multa, cobrando por cada fruto verde o quanto custaria um fruto maduro.

Sempre enfatizamos que o caranguejo, o mexilhão e o peixe não são recursos inesgotáveis. Se o manejo não for adequado, o mexilhão desaparece e demora muito a se recuperar, agravando o problema, pois ele faz parte da cadeia alimentar dos peixes. Esses, por sua vez, podem partir para outros lugares, em busca do alimento que não existe mais. A alimentação dos animais, bem como a nossa, depende do equilíbrio no manguezal. Por isso, precisamos proteger esses recursos – caso contrário, amanhã não teremos mariscos e peixes para comer ou para comercializar.

A noção sobre a importância de proteger a floresta de mangue e sua biodiversidade sempre existiu na comunidade, que havia elaborado um plano para a utilização e a proteção dos recursos ambientais. A transformação da nossa região em unidade de conservação – a Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá, abrangendo os municípios paraenses de Curuçá, Marapanim, São Caetano de Odivelas e São João da Ponta –, em 2002, apenas fortaleceu um movimento que já vinha sendo construído anteriormente.

O processo que levou à criação da reserva extrativista (Resex) teve início em 1995. Naquele ano, o professor e biólogo Waldemar Londres Vergara Filho, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que já trabalhava em projetos de educação sobre manguezais no Rio de Janeiro, foi transferido para o Pará. Ao encontrar nossas preocupações com a subsistência

O objetivo é engendrar um “círculo energético” capaz de conectar alegoricamente as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama. Ou um caranguejo remixando “ANTHENA” do Kraftwerk, no computador.



Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em: Teoria do Caos, World Music, Legislação sobre meios de comunicação, Conflitos Étnicos, Hip Hop, Acaso, Bezerra da Silva, Realidade Virtual, Sexo, Design, Violência e todos os avanços da Química aplicada no terreno/expansão da consciência.

FRED ZERO QUATRO

e a proteção dos manguezais, Vergara nos orientou a mobilizar a comunidade de Curuçá para reuniões nas quais pudéssemos falar sobre a importância da preservação. Ele também nos deu a tarefa de sensibilizar o poder público municipal, além dos governos estadual e federal, sobre esse assunto.

Iniciamos o trabalho de sensibilização em Curuçá, expandindo-o para os municípios vizinhos. Atualmente, o estado do Pará, cujo litoral é o único completamente protegido, conta com quatorze Resex decretadas (Marinha de Soure, Marinha de Maracanã, São João da Ponta, Mãe Grande de Curuçá, Marinha Caeté-Taperaçu, Marinha Tracuateua, Marinha Araí-Peroba, Marinha da Cuiunarana, Marinha Mocapajuba, Marinha Mestre Lucindo, Chocoaré-Mato Grosso, Viriandeua, Marinha Gurupi-Piriá, Filhos do Mangue), além das dezenas associações de usuários (Assuremas, Auremoca, Aurem Mocajuim, Auremag, Auremluc, Auremac, Auremar, Aurem CMG, Aurem Salinópolis, Auremc-MG, Afimpem, Aurem FMQ, Auremat, Assuremacata, Auremap, Assuremav). Dentre elas, destaco a Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Mãe Grande (Auremag), na qual atuo como primeira-secretária. O nome “mãe” carrega um grande simbolismo, remetendo à figura protetora e presente em todos os momentos para seus filhos, sobrinhos e netos. A Resex Mãe Grande assume esse papel de protetora para as demais, sendo um ponto central para o desenvolvimento de iniciativas e a chegada de recursos.

Para mim, há uma profunda conexão entre a mãe biológica ou de criação e a Mãe Natureza. Assim como a mãe protege e nutre o bebê para garantir seu desenvolvimento saudável, sua educação e seu futuro no mercado de trabalho, a Mãe Natureza nos provê o sustento e a proteção necessários. Por isso, nomeamos nossa Resex de “Mãe Grande”, pois ela reflete essa mesma relação de proteção mútua: nós protegemos o manguezal, e ele nos protege. Isso é especialmente evidente aqui, onde estamos na maior faixa contínua de manguezal protegido do mundo.

Mangueboys e manguegirls freqüentam locais como o “Bar do Caranguejo” e o “Maré Bar”. Mangueboys e manguegirls estão gravando a coletânea “Caranguejos com cérebro”, que reúne as bandas Mundo Livre S/A, Loustal, Chico Science & Nação Zumbi e Lamento Negro.

FRED ZERO QUATRO

As ações de proteção do manguezal foram intensificadas após a decretação das unidades de conservação, por meio do trabalho conjunto com o ICMBio e outros órgãos. Isso se reflete em outros campos de atuação, como a pecuária. Anteriormente, os currais da região eram feitos com madeira da floresta de mangue; hoje, essa prática foi abandonada. A extração agora ocorre em áreas de terra firme, o que é mais trabalhoso, mas evita danos ao manguezal. Diferentemente das florestas de terra firme, que se regeneram após o corte, o mangue não renasce.

Nosso cuidado com o mangue e sua gente é constante, de modo que orientamos cada família de pescadores a ser guardiã e protetora. Atualmente, quando identificamos pesca predatória ou o uso de batimento (um método de pesca que utiliza o veneno da árvore cunambi), acionamos o ICMBio. Há uma grande preocupação com o batimento, pois, embora seja um veneno para peixes, o consumo desses peixes contaminados pode causar mal-estar, dores de estômago e diarreia em humanos. Se, após a denúncia, a resposta do ICMBio for insuficiente, encaminhamos o caso ao Ministério Público. A parceria com o governo federal tem sido bem-sucedida, e o ICMBio também estabelece parcerias com secretarias de pesca, meio ambiente e prefeituras em diversos municípios. Essa colaboração é essencial para garantir a qualidade do trabalho, pois o número de técnicos em cada órgão é limitado. Nesse processo, ambas as partes colaboram: o ICMBio, na fiscalização e na proteção, e nós, na preservação, na conservação e na conscientização, desempenhando nosso papel de guardiões junto às famílias. E isso tem sido cada vez mais importante, principalmente diante das mudanças climáticas que já afetam nosso *maretório*.

Aqui, na região do Salgado Paraense, onde eu vivo, não costumava chover em agosto. No entanto, em 2025, as chuvas começaram já no início do mês, acompanhadas por trovões e relâmpagos. Isso se deve às mudanças climáticas, que impactam todas as esferas da

O disco será lançado pelo selo *Chamagnathus granulatus sapiens*.

Texto escrito por Fred Zero Quatro, em 1992, reproduzido, na íntegra, de acordo com o original. 🦀

FRED ZERO QUATRO

nossa vida. Se persistirmos com atividades ilícitas, como queimadas, desmatamento e pesca predatória, futuramente enfrentaremos a escassez de peixes, caranguejos, mariscos e, em última instância, a perda da floresta. A floresta tropical, por exemplo, já está bastante devastada pela exploração madeireira e pela mineração.

As mudanças climáticas também podem ser percebidas por meio da observação dos caranguejos, que antes permitiam que os tiradores alcançassem suas galerias apenas afundando o braço na lama. Hoje, isso não é possível, pois os caranguejos cavam mais fundo em busca de partes mais frias, já que o calor nas galerias superficiais se tornou insuportável para eles. Além disso, nos últimos dez anos, houve um aumento significativo na mortandade de sardinhas, corvinas e outras espécies de peixes, além de uma alteração na safra do camarão observada nos últimos seis anos. Anteriormente, a safra era abundante e durava de maio a dezembro. No entanto, em 2025, começou em junho e desapareceu em agosto, resultando em uma safra muito mais curta.

Há, ainda, o impacto das mudanças climáticas sobre as árvores. Fortes vendavais nas florestas de mangue têm causado a queda dos mangueiros, especialmente nas margens, devido à influência das marés, já que o nível do oceano tem subido significativamente. Esse processo contribui para a erosão em cidades costeiras, onde a força da água derruba as orlas e as estruturas dos manguezais. Além disso, o aumento da temperatura é notável. Áreas litorâneas que antes eram conhecidas pelo clima ventilado e atraíam moradores da capital em busca de temperaturas mais amenas, hoje, se assemelham à capital em termos de calor.

Nossas preocupações atuais se intensificam com as discussões sobre a exploração de petróleo na margem equatorial e, especificamente em Curuçá, com a proposta de construção de um megaponto, que provavelmente implicaria a necessidade de fazer pontes e estradas, avançando sobre áreas de mangue. Tais projetos

PEIXE SALGADO COZIDO COM FOLHA DE VINAGREIRA

Receita de maré alta

Rede Mães do Mangue

REDE MÃES DO MANGUE

nos causam grande apreensão, principalmente pela forma como são conduzidos: as negociações ocorrem sem o envolvimento prévio das comunidades de base.

Diante da necessidade de colocar essas questões em pauta e fazer com que sejam, cada vez mais, parte do dia a dia das comunidades, há cinco anos temos realizado a campanha Julho Verde. Ela envolve a participação de vários municípios, e cada um deles se organiza da maneira que prefere – seja através de caminhadas, palestras ou ações de limpeza de igarapés e praias.

Em 2024, o tema do Julho Verde, em Curuçá, foi “Nosso mangue tem valor”. Em 2025, contudo, o tema evoluiu para “Nosso mangue tem valor com gente”. A mudança é fruto de uma percepção de que, além do valor do mangue para nós, nós também temos valor para o mangue, atuando como seus protetores. Assim como o tema foi uma adaptação daquele utilizado no ano anterior, a ilustração da camiseta de 2024 também serviu de inspiração para a criação da arte do ano de 2025. Havia, antes, uma figura de um pescador com o barco, que queríamos manter, mas com a condição de adicionarmos uma figura feminina, pois nós, mulheres, somos as protagonistas da proteção dos mangues.

Diferentemente do que se pensa – que apenas o homem trabalha no manguezal –, é a mulher quem prepara o café, lava a roupa, cuida do produto após a pesca e busca compradores para ele, conserta os utensílios de pesca, entre outras atividades. Muitas mulheres também participam diretamente da pesca, pilotando embarcações – seja com motor ou a remo – para seus maridos, enquanto eles lançam as redes ou tarrafas. Para nós, mulheres pescadoras, nossa relevância é equivalente à dos homens.

A mulher está integralmente envolvida em todas as etapas da pesca artesanal, atuando lado a lado com o marido, e essa importância não pode ser subestimada. Quando somos chamadas de “aporadoras” dos homens, rejeitamos essa denominação. Afirmamos

Parte da memória afetiva de muitas comunidades costeiras, a vinagreira é uma planta valorizada tanto por suas propriedades medicinais quanto por seu poder de aromatizar e limpar o pescado. Com um sabor marcante e levemente ácido, a vinagreira auxilia na digestão e atua como diurético, além de ser rica em vitaminas e minerais, como o ferro. Nesta receita compartilhada pelas extrativistas da Resex de São João da Ponta, da Rede MÃes do Mangue, o peixe, colhido no geral em períodos de maré alta, deve ser salgado antes de ir ao fogo para ferver junto da folha de vinagreira – e, depois de pronto, reúne vizinhos, amigos e familiares para saboreá-lo.

REDE MÃES DO MANGUE

que não somos meras coadjuvantes, mas trabalhamos em igualdade de condições e importância com eles.

Além de trabalhar nos manguezais, ainda estamos sempre vigilantes em relação às denúncias e às práticas dentro das Resex. As pessoas geralmente nos procuram, e o que está ao nosso alcance é resolvido diretamente. Casos mais complexos são encaminhados ao ICMBio e ao Ministério Público.

Sempre dizemos que o mangue é vida em abundância, é a nossa casa comum, onde obtemos tudo que precisamos para sobreviver bem e cuidar dos nossos. Por isso, estamos aqui, sempre protegendo nosso *maretório*, as florestas, as águas e todas as formas de vida. Esse é o nosso papel de lideranças e de guardiãs dos manguezais – tanto dos que estão vivos quanto dos que já se foram.

Sandra Regina Pereira Gonçalves agradece aos parceiros: ICMBio, Confrem Brasil, CNS, Inca, Rare, Conservação Internacional, Emater, Grupo Santa Fé, Coprimar, Museu Paraense Emílio Goeldi, UFPA, UFRA, IFPA, UEPa, Natura, Instituto Mamirauá, Peixaria Tubarão, Prefeitura de Curuçá, prefeituras dos municípios das demais Reservas Extrativistas, Secretaria de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade do Estado do Pará e Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca do Pará.

Ingredientes

- 1kg de uritinga salgada
- 1 maço de vinagreira (picada)
- 1 maço de chicória (cortado, sem o talo)
- 1 maço de alfavaca (cortado, sem o talo)

MÉDITEZ-RAT- N'EST- RIEN

REDE MÃES DO MANGUE

Arébénor Basséne

As obras do senegalês Arébénor Basséne são zonas de encontro entre mundos e tempos. Interessado nas histórias ancestrais das civilizações africanas e em uma variedade de processos e materiais pictóricos, Basséne cria imagens que evocam paisagens inventadas, vindas tanto de suas pesquisas quanto de fragmentos de memória que, por vezes, remetem às histórias que nunca foram contadas. Em *Méditez-rat-n'est-rien* [título intraduzível] (2024), tinta acrílica, pigmentos naturais, cera, grafite e serragem compõem superfícies carregadas de mistérios, acasos e pistas de algo que existe no encontro entre o passado imaginado e o futuro possível. Na série – que contém, ao todo, 33 pinturas –, as camadas de matéria de diferentes naturezas e características parecem coreografar, na superfície, a negociação entre a intencionalidade e o acaso, criando densidades, transparências e acúmulos, que parecem ter vindo

Ingredientes

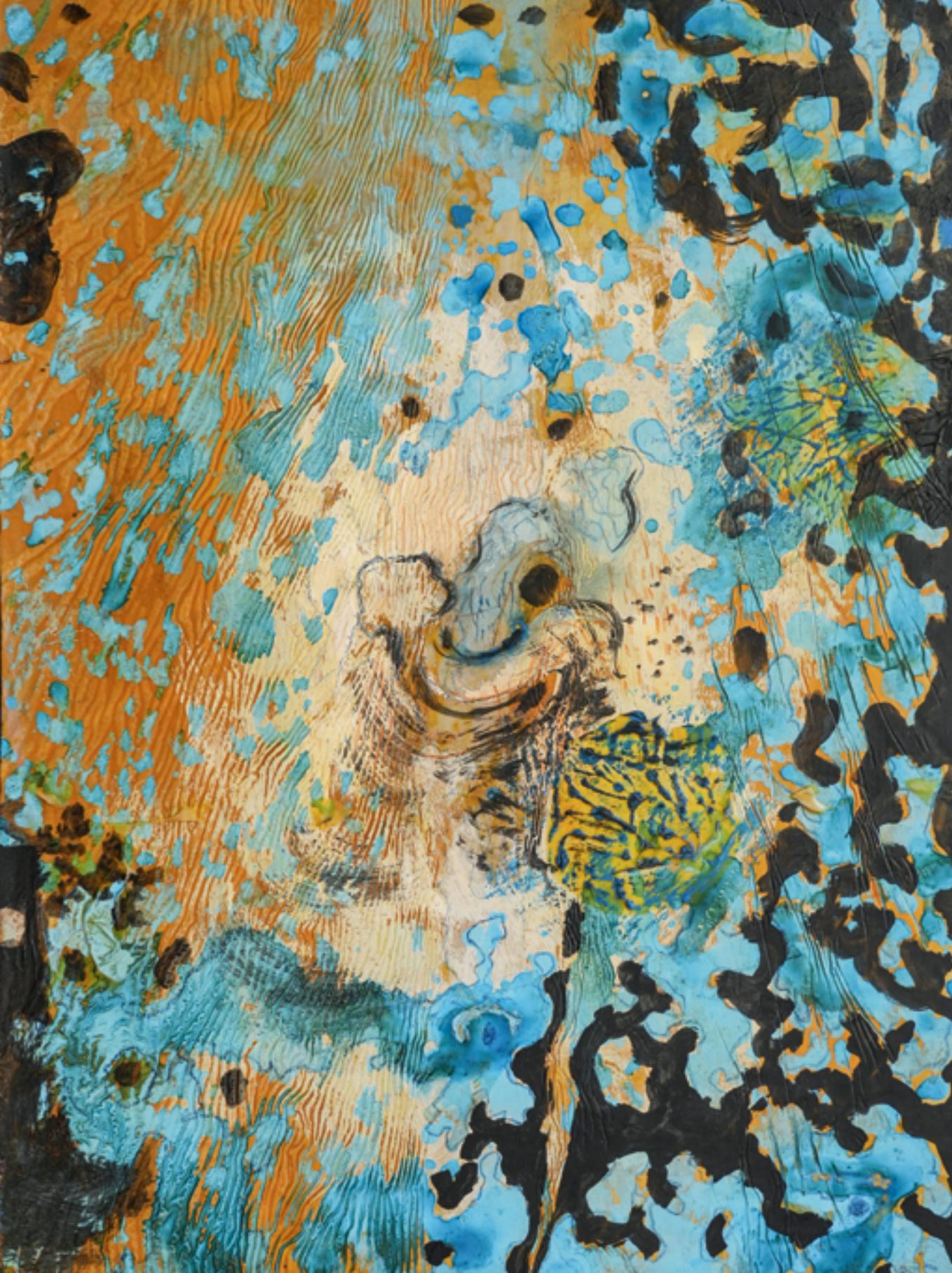
- 3 dentes de alho (amassados e sem casca)
- 2 cebolas médias (picadas ou raladas)
- 1 litro de água quente

REDE MÃES DO MANGUE

CONTINUA →

do fundo da memória, do mangue, do rio ou do mar. Algumas formas são reconhecidas, talvez apenas sugeridas ou aludidas, como barcos, vegetações, elementos da paisagem; outras, ilegíveis ou sem referente direto na realidade, nos instigam não à decifração objetiva, mas, sim, à investigação do mistério que reside nos fluxos, marés e travessias.

















Modo de preparo

Tempo de preparo: 1 hora
Serve a: 10 pessoas

1. Lave o peixe para retirar o excesso de água.
2. Em uma panela, refogue a cebola, o alho e a chicória. Acrescente o peixe e a água quente.

REDE MÃES DO MANGUE
ÁGUAS

Martihene Oliveira

PERIFERIA

NA

Modo de preparo

3. Adicione a vinagreira e a alfavaca.
4. Deixe a água ferver para o cozimento total do peixe.

Receita publicada no livro *Cozinha da maré – As mulheres e o patrimônio alimentar nativo dos manguezais amazônicos do Pará*, realizado por: Associações de Usuários de Reservas Extrativistas Marinhas e Costeiras, Confrem, Purpose e Rare Brasil. ☀️

REDE MÃES DO MANGUE

É nessa terra de águas que encontramos as mulheres e os homens do rio, as crianças ribeirinhas, que aprendem a nadar desde muito cedo, as catadoras e os catadores de sururu, conhecidos por suas técnicas de apneia enquanto catam os moluscos no fundo das águas, entre as raízes do mangue. Pretas e pretos com rostos rosados, suados, cabelos dourados pelo sol e um macete que me dá inveja.

Na feira de Beberibe, ali na conhecida praça da Convenção, cuja existência marcou as primeiras reuniões para Pernambuco se tornar independente de Portugal, tem caranguejo, sururu, siri, bredo, coentro, sandália de couro, tempero, colorau, alimentos e plantas. A praça fica em cima do rio Beberibe, cuja existência aparece nos relatos da minha vó Maria, indígena que veio da cidade de Nazaré da Mata, no interior de Pernambuco, montada num burrinho, aos quatorze anos, sob os galanteios de vó José Diogo. Este, na época, tinha treze, filho de Georgina, a bisa, que faleceu em 1996, quando eu tinha seis anos de idade e ela, 124. Uma preta retinta que me fez fazer cálculos quando entendi um pouco mais de racialidade. Ela, filha de escravizados, nasceu na Lei do Ventre Livre, de 1871, e casou-se com meu bisavô Manoel Diogo, um preto com nome de português cuja idade não conheci.

FAZER O SECO, FAZER O ÚMIDO

João Cabral de Melo Neto

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Pois bem, vó Maria, no rio Beberibe, nas décadas de 1940, 1950, 1960, lavava roupas para as mulheres que, primeiro, pagavam a ela em mil-réis, depois, em cruzeiros ou em algum tipo de grão que pudesse servir para os sete dos dezesseis filhos a que ela deu origem junto com meu avô.

Bisa Georgina também, só que lá na nascente desse rio, na cidade de Camaragibe, vizinha a São Lourenço da Mata, onde deságua uma cachoeira em que minha mãe, suas irmãs e primas se refrescavam. Eu não me lembro de nada disso, pois, no auge dos anos 1990, já nascida na capital pernambucana, a única coisa que experimentei foi o rio já poluído, que passa, ainda hoje, por trás da casa desses meus avós já descansados da labuta dessa terra – localizada em Linha do Tiro, zona norte do Recife, e vai seguindo pela comunidade do rio Morno, colocando Olinda do lado de lá e Recife do lado de cá, cidades irmãs com seus quase quinhentos anos. E ele passa por baixo da ponte que corta a feira da qual falei, onde o meu tio Zaqueu, ferreiro renomado da cidade, tinha sua oficina, na pontinha dessa ponte, em um casebre feito de ferro e aço, com piso de terra batida e pouca iluminação.

No transbordo do rio, cujos registros são relatos dessa minha família desde que ela existe, a oficina ficava inundada; a casa dos meus avós, também, mesmo sendo ela localizada na principal avenida da comunidade.

Quando o assunto é água, Recife tem afeto e temor. Eu valorizo demais minha cidade sempre que vou a estados de tempo e clima sequíssimos. As águas dos nossos rios e mares nos fazem querer abraçar o vento. É aquele momento em que a gente para, de braços abertos, de frente para as águas, levantando a cabeça, fechando os olhos e respirando fundo. O som das águas nos acalma, não é mesmo?

Algumas outras lembranças do rio: eu, criança, junto com meu irmão e amigos de infância, caçando guarus, um dos poucos peixinhos sobreviventes ao estado da água. Meu amigo Kinho,

Um dos principais poetas brasileiros da chamada Geração de 45 – a terceira fase do modernismo literário brasileiro –, João Cabral de Melo Neto é conhecido por uma escrita precisa, contida e profundamente marcada pela observação crítica do mundo. Sua poesia evita o sentimentalismo e privilegia a objetividade, quase como se esculpisse a linguagem. Em grande parte de sua obra, o espaço nordestino – especialmente o sertão e o litoral – aparece não apenas como cenário, mas como força que molda a sensibilidade das pessoas e sua forma de expressão. João Cabral constrói uma poética em que o ambiente físico e social se entrelaça à linguagem, revelando as transformações do Brasil e as tensões entre o seco e o úmido, a escassez e o excesso, a dureza e a fluidez.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

ostentando o mussum que pescou, um peixe que parece uma cobra e que sobrevive também em terra, principalmente se for pra migrar de um corpo d'água para outro. Eu morria de medo, mas, além de sua carne ser apreciada por diversas famílias ribeirinhas, os papudinhos da comunidade amavam assar um mussum e comer com as biritas. O mesmo acontecia e ainda acontece com as piabas, os caícos ou cambimbás – desses três nomes, chame esses peixinhos salgados e fedorentos pelo que você mais gostar, mas eu gosto de chamar de cambimbás. Cambimbás com um cuscuz quentinho e uma manteiga derretendo por cima é bom demais. Esses não se achavam no rio que passa pela comunidade, mas no Capibaribe e em seus manguezais, transportados e vendidos por um preço muito barato nas peixarias, nos mercados e feiras recifenses.

Quando meu avô fritava cambimba, quem passava do outro lado da rua sentia o fedor da iguaria, mas pense num bicho gostoso... Pensou? Multiplique por dois. Agora, se você não é daqui, venha para Recife, passe no Mercado de São José, compre esses peixinhos, empacote direito para a sua bolsa não feder, vá para casa e escalde os bichos – se possível, fora de casa, para não ficar incensado. Escalde por umas duas vezes, escorra, esquente o óleo na frigideira, bote para fritar e pronto. Sem muito segredo.

Ainda sobre o rio, me lembro dos meus amigos da vizinhança que pulavam da ponte de ferro, aqui no bairro de Linha do Tiro, em tempos de transbordo e chuviscos para além do normal – isso ainda acontece, só que agora com os filhos de alguns. Também me lembro da água desse rio chegando até a pista e batendo na canela, e eu, tentando voltar da escola com os livros em uma das mãos, a sombrinha que o vento deixava pelo avesso na outra e ainda me agarrando nas grades do Colégio Padre Nercio Rodrigues, vizinho à minha casa – um verdadeiro número de equilíbrismo.

E o que falar da Comunidade do Canal da Vovozinha, que fica localizada no bairro de Santo Amaro, área central do Recife, ao

No poema *Fazer o seco, fazer o úmido*, essas imagens se materializam no contraste da capital entre mangues com o sertão da Caatinga. Em seus versos, João Cabral associa paisagem e subjetividade, mostrando como o meio molda tanto o corpo quanto o espírito das pessoas. O mangue, com sua umidade excessiva, vira metáfora da complexidade social e emocional de quem habita esses territórios de transição.

Publicado originalmente em: João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008. © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

lado do Campo do Onze, uma das áreas mais vulneráveis da cidade? Um miniconglomerado de casas de taipa, com piso que apodrece a cada chuva em Recife – as casas alagam e as pessoas afundam no canal. Pertinho dessa comunidade, ainda no mesmo bairro, saindo da avenida Agamenon Magalhães e seguindo pela avenida Jayme da Fonte, do lado direito, vemos o campo; do lado esquerdo, seguindo em frente, a rua Mário Albuquerque Cavalcante, mais conhecida como rua da Beira. Por lá, seguindo pela direita, você vai encontrar marisqueiras tratando os mariscos e os preparando para a venda. A mãe, a irmã, a filha, os sobrinhos, todos entram na força-tarefa. Depois de visualizar esse caminho em minha mente, fiz isso no Google Street View até reconhecer a casa das mulheres e, quando as encontrei, fui passando as datas – pasme que há registros de 2018 com os rostos embaçados das marisqueiras de Santo Amaro trabalhando na frente de casa. Mais à frente, tem o rio Capibaribe, onde os mariscos são pegos.

Já as chuvas de 2022, quando eu já era adulta e militante, me rendem lembranças também. Foi um dia desse que o Recife e a região metropolitana perderam 148 pessoas para as águas, a maioria em decorrência de deslizamentos. A água arrastou um mototaxista e o deixou desaparecido por horas, sendo encontrado pelos moradores da comunidade do Condor, mundaréu de palafitas localizado às margens desse mesmo rio, acessado pela Ponte do Cimento, que, nessa ocasião, organizada pelas mulheres, salvou primeiro os idosos, em seguida, as crianças e, depois, os demais moradores, com uma escada no meio da água, quando o transbordo chegou a quase dois metros de altura. Vários moradores perderam seus porcos, galinhas, cabritos, enxovais de bebês que estavam perto de nascer, comida, roupas, móveis, documentos, dignidade e autoestima.

O rio Beberibe, esse mesmo do transbordo no Condor, que é apelidado de rio Morno quando passa por Linha do Tiro, segue para o rio Capibaribe, que embeleza o centro da cidade e carrega

**A gente de uma capital entre mangues,
gente de pavio e de alma encharcada,
se acolhe sob uma música tão resseca
que vai ao timbre de punhal, navalha.
Talvez o metal sem húmus dessa música,
ácido e elétrico, pedernal de isqueiro,
lhe dê uma chispa capaz de tocar fogo
na molhada alma pavio, molhada mesmo.**

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

para lá e para cá diversos catamarãs – aquelas embarcações distantes de quem vive em vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, elas permitem um verdadeiro deleite para quem ama contemplar a conhecida “Veneza brasileira” – tão Veneza que parece flutuar sobre as águas, mas isso está mais para a área central do Recife, com suas pontes belíssimas influenciadas pela arquitetura holandesa, uma estética muito europeia e muito centralizada. Nos cortes que o Capibaribe faz, perpassando os subúrbios pernambucanos, eu fico com a referência de Ganvie, a dita “Veneza africana”, localizada em Benim, fruto do refúgio de quem conseguiu escapar de estar entre os mais de um milhão de escravizados que foram levados pela França e por Portugal. E por que falo isso? Porque a cor de quem vive na Veneza brasileira que se parece com a africana, a que fica mais longe do centro da cidade, é muito distante da cor de quem avista a beleza do nosso belo rio dos altos dos prédios da região central do Recife – as casas, também.

Dito isso, não sei se na Veneza da Itália tem saramunete, sardinha, sururu e camarão; na nossa Ganvie brasileira ainda tem. São as águas do Capibaribe, ao lado das embarcações de turismo, jangadas, dos barcos a remo e traineiras, utilizados pelos pescadores da cidade.

O jangadeiro joga a rede e arrasta a comida da família e dos clientes. As águas cercadas pelo mangue lhe dão o sustento. A única coisa que vejo de ruim nesse cenário é que nesse rio Beberibe, que deságua no Capibaribe, não tem como fazer isso mais. Nas margens, a lama de Chico Science, caranguejo, guaiamum, aratu e siri – enquanto escrevo, a minha boca saliva, vontade de um pirão de guaiamum.

É nessa terra de águas que encontramos as mulheres e os homens do rio, as crianças ribeirinhas, que aprendem a nadar desde muito cedo, as catadoras e os catadores de sururu, conhecidos por suas técnicas de apneia enquanto catam os moluscos no fundo das

**A gente de uma Caatinga entre secas,
entre datas de seca e seca entre datas,
se acolhe sob uma música tão líquida
que bem poderia executar-se com água.
Talvez as gotas úmidas dessa música
que a gente dali faz chover de violas,
umedeçam, e, se não com a água da água,
com a convivência da água, langorosa. ***

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

águas, entre as raízes do mangue. Pretas e pretos com rostos rosados, suados, cabelos dourados pelo sol e um macete que me dá inveja.

— Como é que uma criança dessa consegue pegar um guaiamum? — pergunto a Edson Flay, enquanto ele me apresenta a Ilha de Deus, uma comunidade pesqueira localizada na zona sul do Recife. Faço isso e observo a fixação do olhar de Quinzé sobre a água, com sua pele queimada do sol, um cabelo encaracolado, dividido ao meio e enloirecido. Descalço, de calção e camisa, o menino que aparenta ter oito anos de idade pede silêncio, vai se abaixando aos poucos, todo mundo estatelado, esperando, e, com os dedos em forma de garra, em um bote só... Pegou!

Pegou o guaiamum e o soltou no meio dos alunos do curso de comunicação comunitária do coletivo Sargento Perifa que foram passar o dia na ilha, entrevistando pescadoras e pescadores e aprendendo com o Núcleo de Comunicação Caranguejo Uçá. Nem preciso dizer que todos correram, né? O grito coletivo denunciou, de cara, a falta de intimidade da galera do córrego do Sargento com a maré. Também, no córrego, não tem mais riacho, as águas deram lugar ao asfalto. O riacho secou faz tempo, o máximo que podemos ver por lá é o canal de esgoto que já foi a céu aberto. Ainda assim, há anos, esse canal se tornou calçada para que as pessoas e os veículos pequenos como motos e bicicletas possam transitar por cima dele. E o menino? Ria que se dobrava, se achando o centro das atenções... E era mesmo.

— Tenho um primo que foi apelidado de Peixe, porque passava minutos embaixo d'água, mas muitos minutos mesmo, nadando de um lado para outro. — disse Flay, causando espanto nos jovens ouvintes que escutavam, atentos, os relatos do homem negro de 1,80 de altura, apresentando as salas do núcleo, repletas de cores, conchas e artes, enquanto enroscava o dedo indicador esquerdo nas mechas do seu cabelo crespo preto em nova fase de cultivo dos seus tão conhecidos *dreads* que haviam sido raspados há pouco mais de





um ano. Em sua camisa preta, o desenho de um caranguejo; acima do desenho, “Caranguejo Uçá”.

— Aqui, alguns peixes a gente pesca com os olhos, mira no alvo e dá o bote assim como você viu o Quinzé – continua, enquanto caminha comigo, apresentando a comunidade.

Flay, com seus cinquenta anos, é morador da ilha desde que se conhece por gente e, junto com Teresinha Luz e outros pescadores da comunidade, criou o Núcleo de Comunicação Caranguejo Uçá. A comunidade de pescadores existe há mais de sessenta anos. Entre os becos, vou conhecendo as pessoas, me enxergando na cor, contemplando o aceno dos moradores para o comunicador popular. A relação dos moradores da ilha com Flay e a relação dos moradores do córrego do Sargento comigo são parecidas. Enquanto escrevo, me pergunto sobre o que essas duas comunidades têm em comum. Uma na zona sul, outra na zona norte. Uma cercada por águas, outra cercada por morros. Uma domina os rios, dorme tranquila nas chuvas. Outra é sempre atordoada pela água que cai do céu, que molha o morro, amolece o barro e derruba casas. As duas comunidades são negras, ambas negligenciadas.

Nas comunidades à beira rio, é fácil encontrarmos viveiros. O de Joca, por exemplo, alimenta sua casa, lhe dá retorno financeiro e é replicado por seus sobrinhos, jovens que convidam os amigos a ganhar dinheiro também. O cultivo do caranguejo e do camarão é a maior fonte de renda da família: camarões frescos, angariados em redes de arrasto, saudáveis, graúdos e gostosos, vendidos direto do viveiro por um preço maravilhoso.

Depois de passar por Joca e ver o tanto de camarão que saltou da rede direto para as bolsas de improviso que conseguimos, foi a vez de passarmos pelos catadores de sururu. Estavam na fase do preparo, um trabalho ardido. Várias cabanas para proteção do vento e do sol, fogos produzidos entre tijolos e alimentados por lenhas, latões que se transformam em panelas; engradados de cerveja que

viram peneiras. Homens retintos, suados, dourados de sol e carvão, peneiram os mariscos para lá e para cá. Colocam no fogo, reforçam a lenha, agitam o latão e escorrem. Depois disso as marisqueiras vão abrir crustáceo por crustáceo e encher cada saquinho para a venda. Tudo isso acontece por trás dos prédios, do ladinho do Shopping RioMar – o mais luxuoso do Nordeste.

— Esse é o aratu... É menorzinho, mais achatado e com as patas vermelhas. Caranguejo tem a cabeça esbranquiçada, guaiamum tem a cor mais roxa – falou Naia, com sua canga colorida na cintura, sua pochete atravessada, entre um assvio e outro, no mangue do Pontal do Maracaipe, em Porto de Galinhas, litoral sul de Pernambuco, rodeada dos bichinhos assustados. Ela completou: — O assobio faz eles saírem dos buracos. As pescadoras daqui de Pontal sempre fazem isso. Eles chegam através do barulhinho, mordem a isca e são jogados no balde.

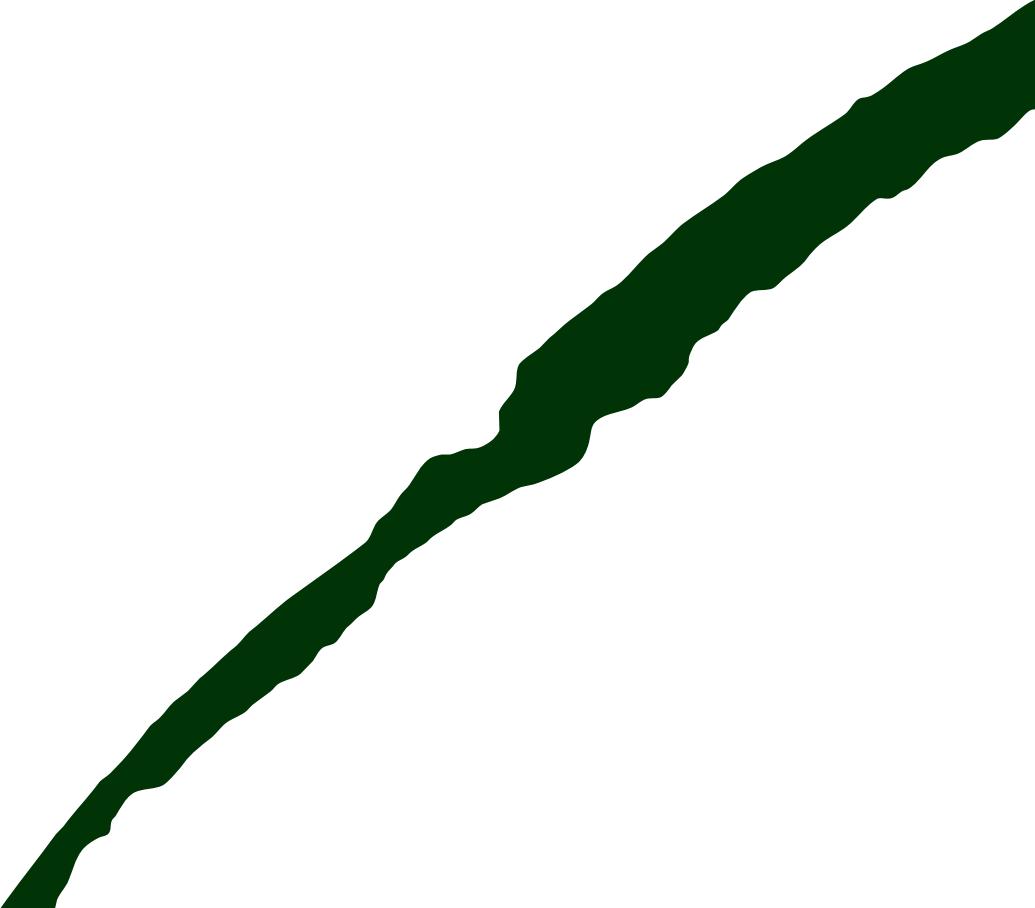
Há outros relatos sobre o rio que eu poderia citar, afinal, rio, Recife, periferia e água se somam em histórias infinitas, seja para grandes sorrisos ou grandes reflexões. Seja o Capibaribe o rio das lendas recifenses, que o tratam como o “rio dos fantasmas”, por causa das muitas almas penadas que vagueiam por suas águas, ou mesmo o “rio das capivaras”. Como as relações humanas já são dificeis, e pelo meu pouco jeito de lidar com as almas, prefiro ficar com o último – rio das capivaras.



MARIWÔ

Alberto Pitta

Cada trabalho de Alberto Pitta é uma oferenda às raízes complexas da cultura brasileira – uma celebração que reflete e renova a memória e a espiritualidade por meio da arte. Um dos grandes nomes da arte afro-brasileira contemporânea, Pitta transformou o tecido e a estampa em formas de expressão e celebração. Nascido em Salvador, herdou de sua mãe, Mãe Santinha – ialorixá, educadora e bordadeira –, o amor pelos panos e a consciência de que o vestir pode ser também um gesto político e espiritual, além de uma forma de educação e ampliação do conhecimento sobre os símbolos das religiões de matriz africana. A série *Mariwô*, com quatro trabalhos apresentados aqui, é um emaranhado de mundos: África e Brasil, sagrado e profano, arte e vida. A palavra “mariwô” remete a *màriwó*, em iorubá, e nomeia a folha desfiada da palmeira-de-dendê, ou *Elaeis guineensis*, uma árvore sagrada no



candomblé. Repetidamente representadas entre os grafismos que compõem as imagens da série, as folhas desfiadas dessa planta costumam ser penduradas nas portas e janelas de terreiros e casas de santo, para afastar o mal e resguardar esses espaços. As obras funcionam como uma escrita visual feita de símbolos, cores e padrões que comunicam uma ancestralidade viva.















COSMO- POLITISMO

Goli Guerreiro

DA

LAMA



A paisagem sonora desenhada pelo povo negro no Brasil é como a imagem do manguezal que se esconde e se aquietá, para depois se levantar com as ondas, revelando um cosmopolitismo da lama que fertiliza nossos estilos musicais. O mangue está em constante movimento: quando a maré está alta, ele fica quieto, gerando pequenos nutrientes. Quando chega o tempo da maré baixa, é possível ver, onde antes havia água e lama, um rizoma altamente articulado, assim como nossa efervescência musical.

Saluba Nanã!

Para falar de música brasileira/nordestina, temos que colocar em cena o mundo atlântico e seus fluxos, porque nossos movimentos musicais não são locais e sim transoceânicos. Então vamos nos mover nessa circularidade cultural que envolve a América do Sul, o Caribe, a América do Norte, a Europa e o continente africano – o espaço da diáspora negra.

Curiosamente, grande parte das margens que beiram o Atlântico são ocupadas por mangues, esses ecossistemas protegidos por Nanã, a velha senhora das águas lamacentas das culturas jeje-nagô, cuja sabedoria ancestral fecundou a humanidade. Não por acaso, esse espaço transatlântico foi – e ainda é – palco de uma enorme fertilidade cultural.

O CARANGUEJO

Receita de mangues e raízes

Rede MÃes do Mangue

REDE MÃES DO MANGUE

Sob todo tipo de violência, o sequestro e o tráfico de pessoas africanas colocaram em cena no mundo atlântico uma diversidade indescritível de línguas e linguagens, formas de ser e estar no mundo, de modo que não se pode falar em música brasileira sem considerar as relações transatlânticas que, há séculos, vêm moldando nosso imaginário.

Vamos voltar um pouco no tempo. Imagine o centro antigo de Salvador da Bahia, no período colonial, habitado por bantus, minas, fons, jejes, fulanis, hauçás, iorubas – gente africana de várias etnias, criando um cosmopolitismo negro muito raro de se ver. Imagine toda essa população convivendo e engendrando outra forma de coabitar, inventando modelos de sociabilidade baseados em práticas culturais muito antigas e atualizadas pelas chegadas massivas de africanos no porto de Salvador – gente de várias civilizações, com *expertises* diversas, tecnologias múltiplas interagindo num espaço urbano peninsular. Essa “transatlanticidade” [Beatriz Nascimento] – esse fluxo de ideias, em formas e conteúdos – permitiu a configuração de uma estética singular e, então, estamos numa cidade criada por mentalidades negras, uma cidade afropolitana [Taiye Selasi; Achille Mbembe].

O trânsito marítimo era composto por várias gentes, incluindo uma elite africana comercial que empoderava as casas de candomblé com suas mercadorias têxteis e produtos sagrados, além de circular informações vindas de Lagos, Oyó, Uidá, Luanda – cidades poderosas, com códigos culturais altamente determinados e que foram reconfigurados aqui neste lado do Atlântico.

Isso acontecia em Salvador e em outras cidades conectadas pela baía de Todos os Santos, no Recôncavo Baiano, onde saveiros, canoas, jangadas e vapores conduziam um vasto repertório sonoro, gastronômico e religioso que se difundia em lojas (moradia), cantos (trabalho) e terreiros (culto), gerando ideias, práticas e revoltas.

A narrativa hegemônica sobre o Brasil colonial nos fez crer que os navios que aqui atracavam carregavam apenas mercadorias e

O caranguejo-uçá é um verdadeiro símbolo dos manguezais e ocupa um lugar central na cultura, na economia e na alimentação das comunidades pesqueiras que habitam as zonas costeiras do Brasil. Presença garantida nas mesas dessas populações, ele é consumido de diversas formas – cozido inteiro, assado ou em receitas que utilizam apenas sua polpa, rica e saborosa, como esta compartilhada pela Rede Mães do Mangue. Mais do que um ingrediente culinário, o caranguejo também representa os saberes tradicionais organizados e difundidos de forma coletiva.

REDE MÃES DO MANGUE

pessoas escravizadas, mas sempre houve uma população negra livre ou que, pelo menos, conseguia articular espaços de liberdade dentro da estrutura escravista [Wlamyra Ribeiro de Albuquerque]. Sempre houve forros e libertos, além de “escravos de ganho” – pessoas que trabalhavam nos cantos (ourives, sapateiros, barbeiros) e mercando nas ruas (quituteiras, vassoureiros, jornaleiros), dando uma parte de seu lucro aos senhores, mas articulando toda uma movimentação estratégica, construindo cotidianamente atalhos, desvios de rota, planos de fuga e redes de solidariedade.

Não fosse o cosmopolitismo negro que se consolidou no Nordeste, não existiriam os ritmos lapidados na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão, tais como conhecemos hoje. Eles foram nutridos pela presença dessas pessoas que, mesmo quando privadas de sua liberdade, confeccionavam tambores atualizando memórias musicais – ritmos e melodias, práticas percussivas e técnicas de oralidade.

Movimentos como afoxés, “blocos de índio”, blocos afro, tão presentes em nosso cotidiano, só se espalharam pelos territórios e pelos tempos como emaranhados caules de mangue por causa dessa presença africana cuja descendência segue, até hoje, inventando e dominando culturalmente cidades brasileiras. É certo que isso não se passa somente no Nordeste, mas aqui o *sutaque* soa imperativo.

A INVENÇÃO DE UM RITMO

A musicalidade soteropolitanamente é indissociável do carnaval, essa festa que, embora europeia, foi africanizada no final do século 19 em solo brasileiro, à medida que pessoas negras colocavam em cena as próprias maneiras de ocupar as ruas e as partilhavam com todos os outros grupos. Batuques, afoxés, préstitos e cordões foram as primeiras manifestações carnavalescas a ocupar as ruas de Salvador, tematizando questões ligadas aos povos africanos.

A prática da “catação” da polpa, por exemplo, é realizada majoritariamente por mulheres em grupo, que dedicam horas à tarefa de extrair a carne do crustáceo, transformando esse ofício em fonte de renda e autonomia. Além disso, o manejo do caranguejo-uçá nas áreas de mangue é um exemplo de uso sustentável dos recursos naturais, respeitando os períodos de reprodução (como o defeso) e mantendo o equilíbrio ecológico do ambiente.

REDE MÃES DO MANGUE

Após terem sido proibidos por supostamente difundir “temáticas selváticas”, esses desfiles acabaram dando origem, nos anos 1960, aos “blocos de índio” que reuniam pessoas com indumentária, coreografias e canções que remetiam a povos originários. Os Comanches do Pelô e os Apaches do Tororó se inspiravam nos filmes de faroeste americano, por identificação com a opressão sofrida pelos povos indígenas nessas produções cinematográficas, mas demarcavam seu território de origem.

Mais tarde, os blocos afro criaram e difundiram o samba-reggae que hibridizava referências sonoras locais e internacionais. Como de costume, os grupos negros alcançaram uma imensa popularidade, e os ensaios dos blocos reuniam milhares de jovens nas periferias de Salvador. O “correio nagô” falava em “negritude baiana”, em outras palavras, uma estética soteropolitana estava sendo criada e o samba-reggae era o pivô desse processo.

Mas, afinal, como se inventa um ritmo? De onde vem o samba-reggae? Para responder a essa pergunta foi preciso olhar para o “mundo atlântico negro” [Paul Gilroy; Kwame Anthony Appiah]. Não se pode pensar o samba-reggae sem sentir as frequências sonoras do Caribe – Cuba, Jamaica; da soul music e do funk nos Estados Unidos, sem compreender seus movimentos de contracultura, como os Black Power Panthers. Não se pode entender o samba-reggae sem ouvir a moderna música africana de Dakar; de Bamako; de Brazavile. Tudo isso e muito mais, somado a um mergulho na história musical baiana: ijexá, samba de roda, samba duro, frevo baiano.

O samba-reggae, principal capital simbólico de Salvador, é esse processo de recriação que revela uma diversidade de códigos compostos por cada bloco afro. Eles têm a própria linguagem percussiva e coreográfica e a própria África imaginada.

O bloco afro Ilê Aiyê, criado em 1974, por exemplo, resgata o imaginário de uma *Africa tradicional*, com uso de indumentária clássica e percussão acústica que faz samba duro com ijexá. Já o

Ingredientes

- **15 unidades de caranguejo-uçá**
- **5 dentes de alho**
- **1 maço de chicória (picado grosseiramente)**
- **1 maço de alfavaca (picado grosseiramente)**
- **2 cebolas (cortadas grosseiramente)**

REDE MÃES DO MANGUE

grupo Ara Ketu, fundado em 1981, remete a uma *África moderna*, na medida em que incorporava instrumentos harmônicos junto aos tambores e se conectava à contemporaneidade musical africana, de Youssou N'Dour e Salif Keïta. Bem mais tarde, em 1992, veio a banda Timbalada, influenciada por uma *África cosmopolita* e que constituiu um diferencial estético unindo elementos de várias culturas, como samba junino, pinturas corporais tribais, tambores tropicalistas e árabes, cores do reggae, perucas de palha de aço.

Já o bloco Olodum, fundado em 1979, traz a imagem de uma *África científica*. Ao se dedicar a pesquisas antropológicas, conheceu a tese de Cheikh Anta Diop – o senegalês que defendeu a ideia de que as dinastias do Egito Antigo eram negras. Essa base científica, incorporada ao repertório do Olodum, deu origem à música “Faraó – Divindade do Egito”, o maior marco da história do samba-reggae.

A música “Faraó”, do carnaval de 1987, marca um momento em que o movimento negro da Bahia se ergue como produtor de conhecimento, um núcleo que propaga a história da África para a Bahia e para o Brasil, gerando um letramento estético por meio da música, da dança e da indumentária. Nessa época, os blocos afro iam para a África fazer suas pesquisas não só musicais, mas também historiográficas e antropológicas, e, além de sua produção intelectual, conheciam também as dinâmicas das metrópoles africanas.

Agora, recorde todo o estratagema histórico articulado para que os negros não acessassem a educação, e, apesar disso, um sistema próprio foi criado. A historiadora Eugênia Lúcia Viana Nery (uma das fundadoras do Ilê Aiyê) colocou a cultura negra nos programas de ensino público da Bahia, ainda nos anos 1970, mostrando que a capoeira, o candomblé e os blocos afro eram formas legítimas de educação. Os enredos dos blocos são o exemplo máximo dessa experiência de sistematizar formas de transmissão de conhecimento, através de “escritas performativas” [Esiaba Irobi], e colocá-las na rua durante o carnaval.

Modo de pregar

Tempo de pregar: 30 minutos
Serve a: 5 pessoas

REDE MÃES DO MANGUE

Para os cozidos

1. Lave e escove os caranguejos.
2. Coloque água em uma panela e junte os caranguejos. Adicione a chicória, a alfavaca, o alho, a cebola e deixe ferver.

REDE MÃES DO MANGUE

Devemos dar atenção a essa possibilidade, trazida pelos blocos afro, de que tudo está conectado por essa grande rede [Hermano Vianna] pedagógica chamada Atlântico, que modela essa linguagem rizomática, esse caminho do mangue que não aceita linearidade, onde os ritmos, os fazeres e os saberes têm o tempo das marés, das luas, das águas doces e das tempestades. Com toda a sua inventividade e hibridismo, os blocos afro dotaram o samba-reggae de uma estética da diáspora [Stuart Hall] – uma estética que não para de se atualizar.

NAVEGANDO DIÁSPORAS

Diáspora significa deslocamento, e a primeira diáspora da história moderna do Ocidente é o sequestro dos africanos para construir as Américas. Essas pessoas chegaram somente com seu corpo e seu imaginário, potentes o suficiente para transformar contextos culturais, construir sistemas simbólicos de parentesco, inventar religiões e paisagens sonoras. Tudo isso durou quase quatro séculos, até a virada do século 19 para o século 20. Nesse momento, uma segunda diáspora ganha protagonismo: a das migrações de pessoas negras, que se movem constrangidas pela ocupação europeia no continente africano ou pela presença do colonialismo europeu nas Américas com suas práticas racistas.

Nesse contexto, há um vaivém em massa de povos negros: há uma leva de pessoas indo da América para a África [viver na Libéria, em Serra Leoa, como o panafricanista caribenho Edward Wilmot Blyden]; jamaicanos e trinidadianos migram para Londres [como Claudia Jones, que esteve no front do movimento de criação do carnaval de Nothing Hill], onde difundem o calipso e o reggae [Bob Marley por lá]; nigerianos formam uma das maiores comunidades africanas de Londres [Fela Kuti morou por lá]; cubanos e porto-riquenhos migram para Nova York, onde difundem a salsa

Para os assados

1. Lave e escove os caranguejos.
2. Coloque os caranguejos direto na brasa.

Receita publicada no livro *Cozinha da maré – As mulheres e o patrimônio alimentar nativo dos manguezais amazônicos do Pará*, realizado por: Associações de Usuários de Reservas Extrativistas Marinhas e Costeiras, Confrem, Purpose e Rare Brasil. 🦀

REDE MÃES DO MANGUE

[Chano Pozo; Mike Amadeo]; martinicanos e senegaleses vão para Paris, onde elaboram a ideia de “negritude” [são famosos os saraus da jornalista Paulette Nardal, nos quais Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor se aproximaram]; assim como angolanos e moçambicanos migram para Lisboa levando o semba e a marrabenta.

Ao se deslocarem pelo mundo com seus livros, discos, fotografias, modas e estilos e potencializadas pela globalização eletrônica, essas comunidades em trânsito se tornam responsáveis por transfigurar a ambiência cultural do mundo atlântico. O cosmopolitismo urbano afropolitano ganha novos ares e outras sonoridades.

A partir da difusão da internet no mundo, vem à tona o que chamo de terceira diáspora, em que os deslocamentos físicos se somam às trocas virtuais de ícones, modos, músicas, filmes. Essa troca de informações entre repertórios artísticos, comportamentais e ideológicos se amplia como uma teia *online* de referências do mundo negro que influencia diretamente os fluxos atlânticos da musicalidade.

Todos esses ritmos afroatlânticos se inventam e se reinventam a partir de hibridismos e *crioulizações*. Em Salvador, essas misturas, que a partir da década de 1990 passam a se desenvolver ao sabor do mercado musical, materializam a imaginação e a capacidade de articulação do povo negro – que não cessa de incorporar estilos como pagode, arrocha, dance hall, funk e tantos outros que engrossam o caldo inventivo desse nosso mangue musical.

Gosto muito da imagem dos movimentos das marés que cobrem e descobrem os manguezais, revelando um incrível emaranhado rizomático, como um cosmopolitismo da lama que fertiliza nossos estilos musicais. O mangue está em constante movimento: quando a maré está alta, ele fica quieto, gerando pequenos nutrientes. Quando chega o tempo da maré baixa, é possível ver, onde antes havia água e lama, um rizoma altamente articulado, assim como nossa efervescência musical.



A paisagem sonora desenhada pelo povo negro é como essa imagem do mangue que se esconde e se aquietaria, para depois se levantar com as ondas. Talvez chegue o momento em que esse levante simbólico será feito com o objetivo de assegurar outro modo de exercer o poder na esfera política (ou então para afirmar que ele não interessa), já que até aqui essa esfera parece se apresentar sempre de maneira insuficiente.

Os blocos afro nos mostram que podemos encontrar outros modos de gerir microcomunidades interligadas, e que é possível encontrar jeitos de nos comunicar, de fazer com que nossas matrizes e nossos *insights* se religuem em outra dimensão de realidade mais profícua.

É importante discutir isso, porque até o momento não conseguimos realizar as transformações que desejamos pela dimensão política ocidental. Talvez tenhamos que nos articular de outro modo para transformar a realidade, para evitar que *resorts* continuem sendo construídos em cima dos manguezais. Como diz a música “Lucro”, do BaianaSystem, “subiu um prédio/ eu ouço vaia”. E, neste momento, precisamos puxar uma vaia forte o bastante para que esse prédio não suba ou, quando já tiver sido construído por cima de nós, que nossa vaia possa ainda derrubá-lo.

O CADERNO

DE VIOLETTE

Kelly Sinnapah
Mary

A obra de Kelly Sinnapah Mary nos conduz por memórias interligadas, combinando cidades históricas, ecológicas e biográficas com referências ao hinduísmo, ao cristianismo, a contos populares e literaturas caribenhais. Nascida e criada em Guadalupe, uma ilha vulcânica no oceano Pacífico, parte do território ultramarino francês, a artista inicialmente se identificava como afro-caribenha. Posteriormente, descobriu ser descendente de trabalhadores indianos que foram levados ao Caribe pelo governo francês após a abolição da escravidão para substituir a mão de obra escrava. Esses trabalhadores acabaram se estabelecendo na região, marcando o início de uma nova fase da diáspora nos arquipélagos caribenhos. Mary revisita essa herança para compreender a confluência de mundos que molda sua identidade indo-caribenha. Na série *The Book of Violette* [O caderno de Violette] (2025),



a personagem é inspirada em Violette, avó da artista, que frequentemente plantava, cuidava de animais abandonados e falava sozinha, como se a terra pudesse ouvi-la e responder. Como personagem – e eco da identidade da artista –, Violette se transforma em cada obra, aparecendo ora como menina, ora como mulher, divindade ou ser híbrido, em convívio com elementos que remetem a raízes culturais múltiplas. Com a pele adornada por padrões botânicos, representações de animais, arquiteturas e outros símbolos, Violette materializa a profunda conexão entre o humano, o vegetal e o animal. Nesse contexto, a artista constrói um universo no qual o ser humano é apenas uma das muitas formas de vida possíveis, desfazendo as barreiras entre corpo, terra e espírito.















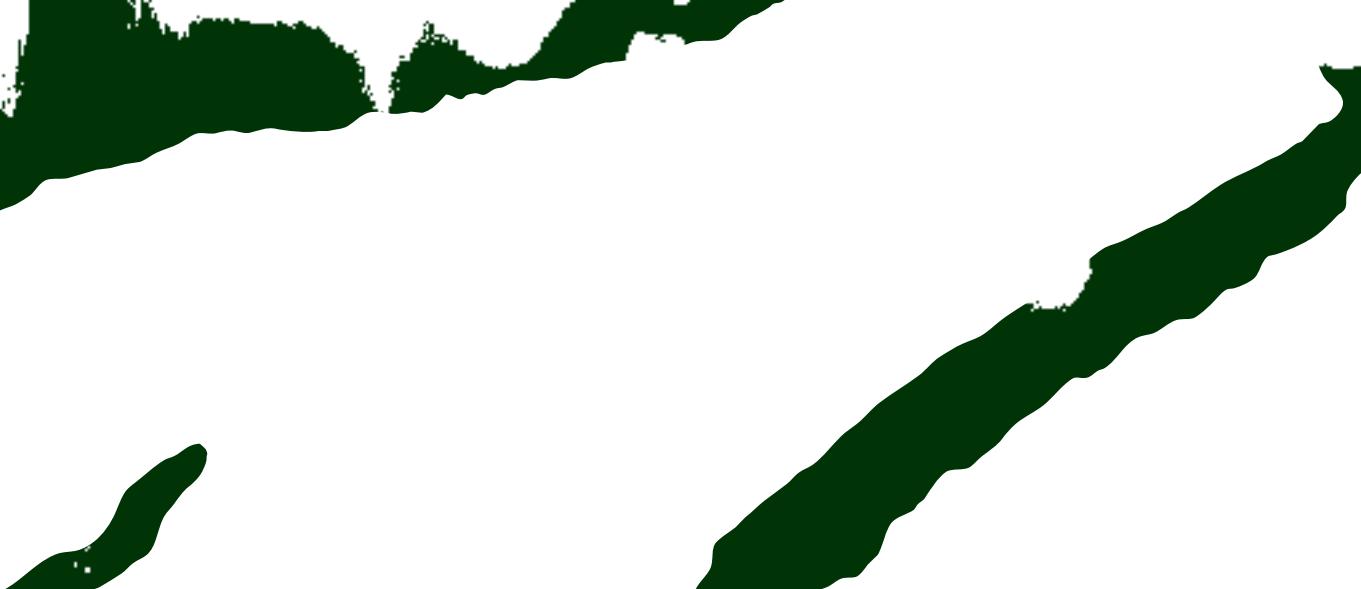


FLOR DE LUANDA,

Caetano W. Galindo

DE
MANGUE

RAIZ



A língua portuguesa herdada por nós não pode ser considerada um fio ininterrupto vindo desde 1500 até hoje, nem um marco estável e inalterado. Esse português já não parte do latim dos grandes escritores, mas resulta do processamento daquele idioma europeu por milhões de pretos, pardos, amarelos, indígenas, pobres, desprovidos e desconsiderados, que desde sempre constituíram a imensa maioria da população das fazendas, vilas e cidades, e que de certa forma tiraram das mãos europeias a linha de transmissão desse patrimônio linguístico.

Pense na palavra “muvuca”, tão conhecida por nós, brasileiros. Muvuca é uma técnica de plantio e, hoje em dia, de reflorestamento que consiste menos em um estudo sistemático e distribuição ordenada de espécies e mais em jogar na terra um conjunto de sementes diferentes e deixar que as plantas se desenvolvam sozinhas. Elas vão determinar quem nasce antes, quem faz sombra para quem, quem cresce em qual espaço, quem sobrevive e quem não se perpetua. Mas “muvuca” é uma palavra que também ganhou um sentido urbano, de festa, aglomeração e burburinho.

MANGUEZAL BERÇO DA VIDA

João do Cumbe

JOÃO DO CUMBE

Sua etimologia é complexa – há quem diga que ela tem origem bantu, da palavra quicongo *mvíka*; e outros dizem que veio do tupi, derivada do termo *mu'buka* –, mas o que é mais precioso dessa palavra é o fato de que ela tem muito a nossa cara, embora não seja, definitivamente, de origem portuguesa. A nossa língua é uma muvuca. O nosso mundo é o mundo da muvuca, da mistura, da indefinição.

Essa mesma mistura e indefinição me fazem pensar que nosso mundo também é o mundo do mangue, esse espaço de transição e de liminaridade entre a água doce e a salgada, entre uma coisa e outra. O manguezal é uma poderosa metáfora para representar a natureza complexa e interconectada das nossas raízes culturais, que prosperam em condições de constante renovação e adaptação. Este é o nosso lugar: o mundo das regiões desordenadas, sem limites claros, de muita sobreposição e disputas caladas, que não aparecem nitidamente. Isso se aplica também à língua que falamos aqui.

O poeta Olavo Bilac tem uma famosa formulação que diz que a língua portuguesa é a “última flor do Lácio”, fazendo referência à região italiana em que se formou a língua latina – que, mais tarde, se desdobrou em idiomas como o espanhol, o italiano e o português. Esse parece ser o pontapé mais evidente para refletir sobre a história da formação da língua portuguesa e sua evolução ao longo do tempo, resultando no idioma falado aqui no Brasil. Mas, do nosso ponto de vista e da nossa tentativa de descortinar as disputas caladas, poderíamos dizer que o nosso português é mais uma flor de Luanda, que saiu da África e veio brotar aqui. Nosso português é fruto dessa hibridização, o que naturalmente atesta a ideia de que, se existem regras atuantes em nossa cultura, não são apenas aquelas que vieram com os colonizadores europeus. No entanto, sabemos que essas outras presenças que definiram quem somos, na vida real, vivem em constante atrito com a necessidade e a imposição política, já que as narrativas dominantes sempre buscaram reproduzir os bons e antigos padrões estabelecidos pelo velho mundo.

João do Cumbe é educador popular, ambientalista e militante das lutas sociais e territoriais no Ceará, em defesa dos povos tradicionais. De seu quilombo, o Cumbe, transforma sua vivência e sua resistência em poesia no cordel *Manguezal berço da vida*. Através de suas rimas, o manguezal é retratado como um ser ancestral, fonte de vida, sustento e proteção para as comunidades tradicionais. Entrelaçando saberes diversos vivenciados no cotidiano, revela a potência do manguezal como espaço de luta, memória e fartura. O cordel não apenas informa, mas convoca: denuncia as ameaças ambientais e sociais que recaem sobre esse ecossistema e reafirma a importância de preservá-lo como parte essencial da vida e da cultura ribeirinha e quilombola.

JOÃO DO CUMBE

Como em todos os processos históricos complexos, é necessário lembrar que sempre existe uma narrativa que se estabelece em relação a várias outras. Cada sociedade ou nação, em um momento histórico, escolhe o formato de narrativa que lhe é mais conveniente, que tem um maior poder ideológico, de explicação ou de união. Essa sociedade ou nação vai escolher como contar a sua história, definir o seu povo, as suas origens, os seus líderes e, no caso dos idiomas, a sua matriz e a sua filiação.

Uma coisa, então, é a verdade da reconstituição histórica das filiações linguísticas, e outra, muito diferente, são as narrativas que escolhem partes dessa história a ser contada. A partir desse momento, todas as outras partes ficam para trás, seja porque são minoritárias ou porque não integraram uma narrativa interessante de ser frisada em dado momento histórico. A história do português que falamos no Brasil não é uma exceção a essa regra, já que sofreu muitas simplificações que, periodicamente, precisam de revisões e questionamentos.

A língua portuguesa herdada por nós – e que durante o século 19 passou a dar corpo à literatura, à imprensa, aos debates e a grande parte da cultura no Brasil – não pode ser considerada um fio ininterrupto vindo desde 1500 até hoje, nem um marco estável e inalterado. Sem dúvida, o português é um idioma derivado do latim, disseminado pelo Império Romano. Ou, melhor, é a forma que o latim adotou naquelas circunstâncias, no noroeste da Península Ibérica, no período de formação dos Estados europeus. O que falamos hoje no Brasil também é, portanto, latim.

De um ponto de vista elitista, de uma nação marcada por um complexo de vira-lata que anseia pelo posto de primeiro mundo, pode parecer oportuna a ideia de que falamos uma língua que veio do território italiano, assim como o francês e o espanhol. No entanto, o que essa narrativa esconde, e tem escondido ao longo da nossa história, é que o idioma que falamos hoje é, para começo de conversa,

Essa confluência entre conhecimento e tradição é característica do cordel, uma forma literária profundamente enraizada na cultura nordestina. Com origem na tradição oral e influências das folhas volantes portuguesas, o cordel transita entre o texto escrito e a performance oral, frequentemente declamado ou cantado em feiras, praças e eventos populares. No cordel, a poesia popular se transforma em ferramenta de educação, crítica social e valorização dos saberes do povo.

JOÃO DO CUMBE

um latim em pó, um latim “ruim”, destruído pelo tempo, mastigado, esmigalhado e alterado, como sempre acontece com os idiomas humanos com o passar do tempo.

Ele já não parte do latim dos grandes escritores, mas do latim falado pela população trabalhadora, pelos comerciantes, pelos soldados, pelas prostitutas, pelos vendedores, pelos colonos. E depois disso, no que concerne ao trecho legitimamente brasileiro dessa trajetória, ele resulta do processamento daquele idioma europeu por milhões de pretos, pardos, amarelos, indígenas, pobres, desprovidos e desconsiderados, que desde sempre constituíram a imensa maioria da população das fazendas, vilas e cidades, e que de certa forma tiraram das mãos europeias a linha de transmissão desse patrimônio linguístico. O latim que falamos hoje é o de quem não foi à escola, de quem não sabia escrever, transformado por quem não foi à escola e não sabia escrever: e é essa a sua real nobreza. O português, como todas as outras línguas românicas, é um derivado daquela versão popular de baixo nível de um latim “estropiado” – entre muitas aspas, porque essa é a noção equivocada de quem vê a mudança como erro, e não como inovação.

O caminho até aqui envolveu muito contato, empréstimo e interferência. Nós perdemos consoantes porque nossa língua foi aprendida por bárbaros germânicos que não sabiam pronunciar as palavras do latim como os romanos pronunciavam. Nosso vocabulário e estrutura foram alterados, e tudo isso foi ainda mais potencializado quando essa língua atravessou o Atlântico e foi, de novo, aprendida e transformada. O que aconteceu é que povos indígenas e africanos escravizados precisaram aprender o português, na base da violência – e, de fato, eles aprenderam de maneira “imperfeita”, ainda entre muitas aspas. Essas pessoas, já adultas e sem método de alfabetização, aprenderam a falar um português cheio de desvios, sotaques e marcas, no qual colocavam em uso suas palavras, seus hábitos articulatórios, seus padrões silábicos e padrões fonéticos.

O manguezal é nosso pai Por isso temos que respeitar Todo filho sabe disso Falta apenas praticar Para não ficar órfão Sem ter quem cuidar

JOÃO DO CUMBE

E, a partir daí, o português foi devolvido de forma diferente, muito diversa da ideia tradicional que concebe um português estável, que se mantém firme como linha condutora da nossa história e da nossa formação e apenas permite que alguns termos das línguas tupi ou bantu entrem em circulação. É um português apropriado por essas pessoas, processado por elas e devolvido como algo fundamentalmente diferente.

Mas a questão é que, desde então, ao serem reforçados tabus linguísticos que excluem certas pessoas da comunidade dos intelectuais, dos refinados, daqueles que merecem o acesso à educação, à cultura, aos cargos e posições de poder, normalmente se contribuiu – e ainda se contribui – para operacionalizar preconceitos de outras naturezas, porque essas marcas do português não culto, por assim dizer, são quase sempre correspondentes a estratos não favorecidos da população, racializados, marcados com todas as outras cicatrizes de uma sociedade violentamente preconceituosa.

E se há algo que a sociedade brasileira sempre foi muito competente em fazer, desde antes da independência, é garantir esse lugar de elite e privilégio para determinada camada, além de fazer funcionar os mecanismos de exclusão e limitação da população a esses lugares. Linguisticamente, nós fazemos isso muito bem: primeiro, quando se decidiu que nossa norma de referência seria a lusitana, e não a norma de alguma classe do Brasil. Em um país que ainda não tinha universidades, as camadas superiores mandavam seus filhos se formarem em Portugal, de onde voltavam com a referência de elegância e refinamento. Em segundo lugar, se destruíram progressivamente todos os mecanismos de educação pública, destituindo a população do acesso à tal norma culta, em grande medida artificial e, portanto, inacessível de modo natural.

No entanto, e a despeito da existência do mito de um português brasileiro puro, é preciso lembrar que um idioma é um pacto fictional assinado todos os dias – no nosso caso, por centenas de

O nosso manguezal É rico por natureza A todos ele acolhe Sem nenhuma esperteza Alimentando o povo De toda a redondeza

JOÃO DO CUMBE

milhões de pessoas. Não existe em lugar nenhum uma regra que diga o que é o português. Isso nunca existiu nem em Portugal, nem para qualquer outro idioma. O que existem são pessoas que, cotidianamente, falam de formas diferentes umas das outras e que, apesar das divergências, aceitam pertencer a esse ideal de uma língua única. Mesmo os brasileiros que se detestam e que pertencem a polos políticos, sociais ou culturais distantes, continuam comungando essa mesma coisa, feita de duzentos milhões de diferenças, e que, inclusive, não para de se transformar.

Ainda em 1598, o poeta português Luís de Camões anunciou, no poema *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, que a única verdade permanente no mundo é que tudo muda – e ele completa afirmando que o único problema é que, no momento em que escrevia, nada mais mudava como antigamente. Isso mais de quatrocentos anos atrás. De fato, sobretudo atualmente, as línguas mudam em uma velocidade cada vez maior e, do nosso ponto de vista, como falantes do português, é visível como as palavras chegam e desaparecem o tempo todo. Só que é preciso lembrar que, num sistema amplo e complexo como um idioma, há mudanças e mudanças. Algumas são, digamos, mais poderosas do que outras.

Qualquer transformação na língua de uma comunidade de falantes só é bem aceita quando vem de uma pessoa com algum tipo de *status* cultural dentro dessa comunidade, como um ator de novela ou uma escritora. E essa mudança só vai, de fato, se espalhar pela sociedade e alterar a língua se for capaz de convencer vários grupos sucessivos de que ela tem valor naquele mercado. Em caso positivo, todo mundo vai querer imitar a nova pronúncia ou inserir em seu repertório a nova palavra e, ao longo de algumas gerações, ela pode eventualmente suplantar a forma anterior. Ou seja, para espalhar essa inovação linguística é preciso prestígio.

Assim, como uma pedra jogada em um lago, qualquer inovação na língua se espalha radialmente, perdendo força à medida que

**Foi neste manguezal
Que a vida começou
De tudo ele nos dá
E ao povo despertou
A riqueza do mangue
Foi Deus que criou**

JOÃO DO CUMBE

se afasta do centro onde foi gerada. Como o Brasil não passou por um processo de centralização nos modelos europeus (aquele escolha da referência externa, portuguesa), há, aqui, vários desses polos, que inovaram e espalharam seu prestígio em certa área de influência – o que determinou, por exemplo, as diferenças entre sotaques no país.

A “muvuca” sempre parece encontrar formas de se impor. E ao contrário do impulso centralizador da norma culta, nossa tendência mais forte parece ter sempre sido a da diversidade.

Quando surgiu o rádio, na metade do século 20, com um único locutor que podia falar para uma grande faixa do território brasileiro, as pessoas começaram de fato a pensar na definição de uma norma de referência, nacional. Naquela época, houve mesmo a realização de congressos sobre o português falado no teatro, sobre o português cantado. E isso se intensificou com a televisão, que centralizou o modo de falar na norma e no prestígio de uma única cidade – o Rio de Janeiro – durante muito tempo. Essas forças tiveram o seu papel. Mas nunca chegaram a realizar uma orientação definitiva das nossas expectativas quanto à pronúncia, por exemplo.

Hoje, com a internet, a situação muda de rumo: a inovação pode não surgir da atriz da novela da Globo, mas de uma *youtuber* que fala, do interior do Mato Grosso do Sul, com dezenas de milhões de pessoas que, por sua vez, podem replicar esse processo com outras dezenas de milhões de pessoas. Passamos de um processo multicêntrico, mas de alcance limitado, para um processo quase unicêntrico, com poder relativo, e finalmente para um processo pluricêntrico e de alcance e velocidade inimagináveis. Todos se comunicam com todos, sem que seja necessário cruzar um portão estreito – como as emissoras de televisão – para se tornar influente, ou melhor, *influencer*.

Tudo isso provoca uma sacudida no caldeirão linguístico brasileiro, cujos resultados ainda são difíceis de avaliar. No entanto, algo perceptível é a recusa pelos padrões centralizadores, por esse

**De geração a geração
Ele está firme e forte
Matando a fome do povo
Construindo um novo norte
Da população ribeirinha
É sinal de muita sorte**

JOÃO DO CUMBE

lugar neutro e indistinto do falante único. O próprio William Bonner, jornalista e apresentador do Jornal Nacional por quase três décadas, comentou certa vez que precisou passar por um processo de apagamento das marcas de sua fala para se tornar um locutor neutro aceito em todo o Brasil. Hoje ninguém está mais atrás disso, e a tolerância diante dos diferentes sotaques é muito maior, graças em parte à internet e à velocidade com a qual ela difunde e normaliza as rápidas transformações da linguagem falada.

A escrita, contudo, é um mundo à parte.

As sociedades foram, ao longo dos últimos milhares de anos, se transformando em grafocêntricas, ou seja, voltadas para o privilégio da escrita sobre a oralidade. Qualquer noção extensa de cultura, hoje, depende da ideia de uma permanência da escrita, de modo que quase tudo que existe no mundo seria inviável sem a tecnologia da linguagem escrita e sua transmissão estável através da distância e do tempo.

É uma maravilha que isso exista, mas, antes de mais nada, precisamos lembrar que a escrita é um marco extremamente recente na história dos idiomas humanos. Estima-se que a linguagem falada exista há pelo menos 150 mil anos, enquanto a história da escrita tem pouco mais de cinco mil anos. Isso significa que os idiomas existiram durante muito tempo sem a escrita, assim como têm atualmente uma existência plena, válida, inventiva e maravilhosa, completamente independente dela.

No geral, a escrita surge para cumprir algumas funções na sociedade, como, por exemplo, organizar a fala e permitir registros e raciocínios mais extensos e complexos. E graças a seu dado de “permanência”, ela acaba permitindo a comunicação entre “diferentes”: usuários de formas diversas de um mesmo idioma, em pontos afastados de um mesmo território ou em momentos diferentes no tempo. Isso acaba acarretando a necessidade de um processo de relativamente uniformização, para que todos esses “diferentes” possam

De tudo ele nos dá Protege da erosão Berçário natural De espécies de montão Auxílio do pescador Fonte de alimentação

JOÃO DO CUMBE

se reconhecer e se entender. Qualquer idioma no mundo, independentemente do número de falantes, existe em inúmeras variedades. Todas as pessoas falam de forma diferente, e usam o idioma de modo individual, principalmente em nações configuradas por agregações de pessoas que tentam se guiar pelos próprios padrões internos. Isso cria diferenças e segmentações dentro de uma língua, como os sotaques e as expressões regionais.

Se a ideia é criar um padrão escrito para essa língua, o grande desafio é que esse padrão seja, portanto, compreendido da mesma forma por todos os falantes em suas variações e, também, permaneça comprehensível com o passar dos anos. Para resolver o problema geográfico, o que se convencionou historicamente foi a escolha de um modo de falar (uma “norma”, a fala de certa classe de pessoas nesta ou naquela cidade, por exemplo) que se transformaria em linguagem escrita, deslegitimando todos os outros modos existentes. Para resolver o problema temporal, por sua vez, foram inventados mecanismos capazes de conter a velocidade de mudança dessa variedade escrita criada. A língua oral muda muito rapidamente, de maneira imprevisível e incontrolável – como qualquer outra coisa nas sociedades humanas – e foi preciso criar ferramentas para conter essas mudanças. A criação de dicionários e gramáticas é um exemplo, pois essas ferramentas nutrem a ideia de que aquela forma da língua é tão pura e perfeita que não precisa ser alterada. A partir dessa normativa, as pessoas são colocadas em escolas, onde passam por treinamentos que enraizam a ideia de que, ali, elas irão aprender a versão boa, estável, pura e prestigiosa da língua.

Esse é um processo válido e necessário, e disso não temos dúvidas. A variedade escrita culta de um idioma sempre teve uma serventia muito grande, pois é um instrumento capaz de franquear muitos acessos. O que não podemos naturalizar é a crença no mito de que a linguagem escrita é a única variedade estável, pura e prestigiosa de uma língua, quando, na verdade, ela é apenas a forma

**Portal do mar
De espécies mil
Floresta de riquezas
Do meu Brasil
Entre o mar e o rio
És valente e viril**

JOÃO DO CUMBE

engravatada e bem comportada do idioma. Não se pode acreditar que a existência da norma culta dentro de um modelo engessado, restrito, conservador e artificial transforma as outras variedades da língua em pálidas ou insuficientes limitações, uma vez que a forma mais limitada de todas é justamente a escrita. É o modelo escrito que não pode inventar ou desviar das normas: ele está muito mais limitado a um conjunto de regras do que as formas orais, que são completamente livres dentro do jogo de experiências e de criatividade dos falantes.

Muita gente inverte a equação da linguagem quando diz: “As pessoas não falam como se escreve”, ou “Você usou essa palavra e ela não existe no dicionário”. Bem, falar como se escreve nunca foi a ideia. Muito pelo contrário, é a escrita que sempre corre atrás da fala. Um dicionário é uma construção lenta e prolongada, que está sempre se adaptando e incluindo revisões diante da criatividade dos usuários.

Todas essas formas são válidas e importantes, e somos seres criativos o suficiente para transitarmos entre elas. Em determinados lugares, é importante causar uma boa impressão e usar corretamente as regras de concordância; já em casa, com a família e amigos, essas regras têm pouco valor. Saber usar essas variedades e transitar entre as várias formas válidas e criativas do idioma é a grande sofisticação que precisamos transmitir em um processo completo de alfabetização.

Tal fluidez, essa mistura e essa hibridização me parecem mais definidoras do nosso português brasileiro – nosso latim em pó – do que os velhos, rígidos e excludentes padrões da norma culta. Essas características espelham nossa história linguística, que parece se relacionar intimamente com os pensamentos ameríndio e africano, baseados em estruturas mais interpenetráveis e flexíveis. Estruturas coloridas, inventivas e resilientes da nossa inculta e bela flor de qualquer canto: essa língua que foi de tanta gente antes de ser, também, a nossa.

**Do Amapá a Santa Catarina
Muitas histórias a contar
Histórias de vida e resistências
Sabedoria popular
Que encanta muita gente
E nos dá coragem de lutar**

JOÃO DO CUMBE

Nós precisamos da norma culta. E precisamos garantir que todos possam ter acesso a ela (escola, escola, escola). Precisamos também aceitar certa flexibilização de regras mais engessadas e datadas dessa norma culta (o que pode ocorrer naturalmente, assim que mais pessoas estiverem entre seus usuários).

E, acima de tudo, precisamos entender algo que uma tia-avó quase mítica da família da minha mãe sempre repetia: “Tudo que passa de ordem é desordem”.

Padrão, ordem, norma, correção têm seu lugar. Mas, gente... há tantos outros lugares! Tanta vida em toda parte. Tanto mangue. Tanta muvuca.

**Do pescador é fonte de renda
Do rio proteção
Dos peixes morada
Seus frutos alimentação
Ajudando a todos
Sem nenhuma distinção**

TRÔPEGO

JOÃO DO CUMBE

TRÓPICO

Rivane
Neuenschwander

Em *Trôpego trópico* (2022), série de dez pinturas sobre papel criadas por Rivane Neuenschwander no contexto da pandemia de Covid-19, a artista dá continuidade à sua longa pesquisa sobre o medo e suas diferentes manifestações. Nessas pinturas, das quais seis foram reunidas aqui, criaturas híbridas – fusões de corpos humanos, animais e plantas – se entrelaçam em movimentos ambíguos, que evocam tanto violência quanto erotismo. Manchas de cor e formas gráficas remetem às referências da artista, conectando universos visuais distantes: as *shungas* – gravuras eróticas japonesas do século 17 – e a literatura de cordel. As figuras monstruosas apontam para imaginários coloniais, nos quais o exotismo e a barbárie atribuídos aos trópicos serviram para legitimar a dominação e o estupro como atos fundadores da sociedade brasileira. Rivane transforma essas referências em

**Não jogue lixo no mangue
Não destrua o manguezal
Ele só nos ajuda
Santuário natural
De várias espécies suas
Protegendo contra o mal**

JOÃO DO CUMBE

CONTINUA →

imagens de potência simbólica que fazem emergir o medo como construção histórica e social, revelando a persistência dos ciclos de violência, mas também de resistência.













O homem insensato
A tudo quer destruir
Matando todo o mangue
E o rio a poluir
Ele precisa aprender
Respeitar sem agredir

JOÃO DO CUMBE

O
DIREITO

À

Dénètem Touam Bona

OPACIDADE

Tá faltando consciência
Da população brasileira
Respeitar esse patrimônio
Da criação primeira
Garantia de fartura
Do pescador e marisqueira

JOÃO DO CUMBE

Se o mapa é o instrumento de uma domesticação do território, então viver nas sombras – no branco dos mapas – é, em certas circunstâncias, enterrar-se no húmus de uma terra indomada: amalgamar-se com ela a ponto de nela se derreter.

Deixamos de ter esperanças em relação ao caos-mundo. Mas é porque ainda tentamos encontrar nesse caos-mundo uma ordem soberana que reconduziria uma vez mais a totalidade-mundo a uma unidade redutora. [...] É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade. Não necessito mais “compreender” o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele. Nos dias de hoje, o direito à opacidade seria o indício mais evidente da não barbárie (Édouard Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade*).

Édouard Glissant não inventa uma “poética da relação”, ele a exuma diretamente da opacidade do vivente. Daí sua paixão pelo caldo primordial do mangue, onde nossas distinções, nossas categorias e nossos rótulos não param de se embaralhar. A opacidade do vivente, nossa própria opacidade, nada mais é do que o infinito entrelaçamento das linhas de vida e sua sedimentação. O trabalho poético consiste precisamente em desenrolar essa opacidade, deixando-se atravessar pelas potências tónicas que ela esconde, e que são reveladas tanto pelo impulso irreprimível das árvores, dos cipós e de outras vegetações como pelo das comunidades e dos povos que se erguem em seus refúgios florestais.

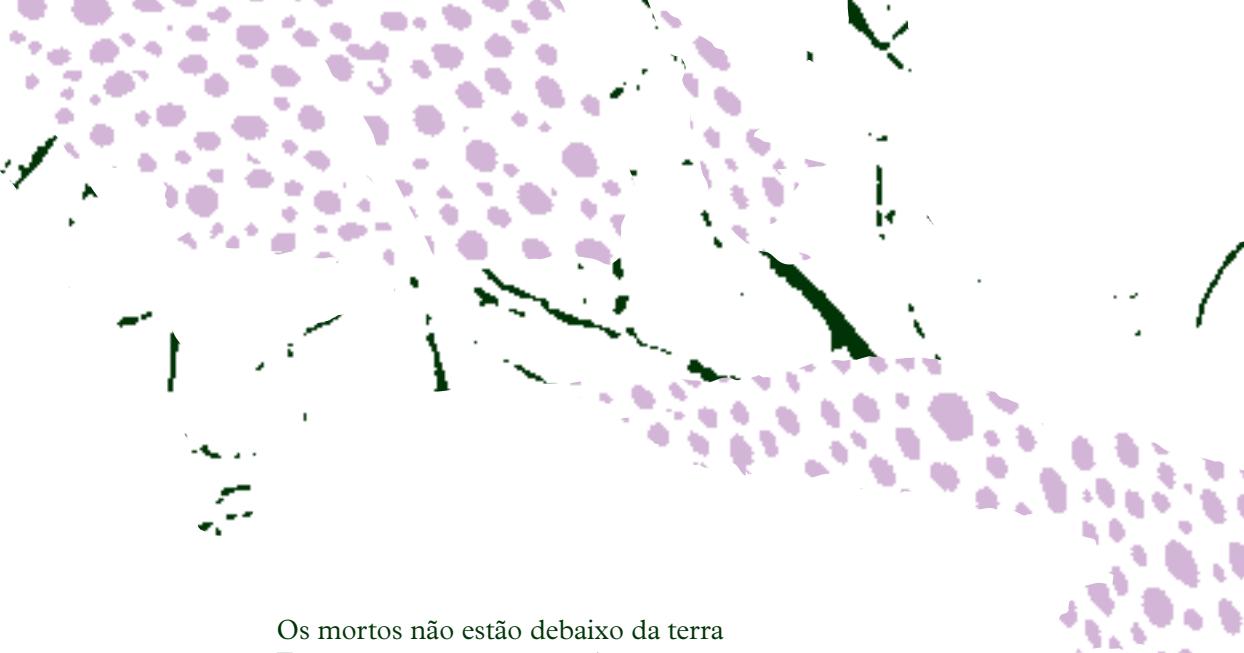
**Da sua lama negra
Muitos retiram seu sustento
Suas raízes protetoras
Aos peixes dão alento
Vida que vem na maré
É fonte de alimento ☺**

JOÃO DO CUMBE

Minha própria mãe, sempre que queria falar comigo, chamava primeiro minha esposa ou minha irmã e lhes dizia: “Quero falar com meu filho Amadou, mas gostaria antes de saber qual dos Amadous que o habitam está aí neste momento (Amadou Hampâté Bâ, em *La Notion de personne en Afrique noire*, organizado por Roger Bastide e Germaine Dieterlen, publicado em 1973, em Paris, pela editora L’Harmattan).

De acordo com um provérbio bambara, “as pessoas da pessoa são múltiplas dentro da pessoa”. Nas cosmologias subsaarianas, o multiverso se aloja no coração de cada ser humano, que compreende em seu seio elementos vegetais, animais, climáticos, minerais, que entram em combinações em perpétuo movimento, cada uma produzindo singularidades: *personae*. Daí a pergunta legítima da mãe de Hampâté Bâ sobre “qual dos Amadous” ela está prestes a encontrar. Os cipós nos permitem conceber essa ramificação dos componentes da pessoa sob a forma de um emaranhamento de linhas de vida. Esse é, sem dúvida, um dos sentidos da ancestralidade: uma ancoragem em linhagens que se estendem, por ressonância – para além das vidas humanas que nos precedem –, ao conjunto do vivente e às forças elementares.

Escute com mais frequência
As coisas que os seres,
A voz do fogo se ouve,
Ouça a voz da água.
Escute no vento
O arbusto a soluçar:
É o sopro dos ancestrais.
Aqueles que morreram nunca partiram
Estão na sombra que se ilumina
E na sombra cada vez mais densa,



Os mortos não estão debaixo da terra

Estão na árvore que tremula,

Estão na madeira que geme,

Estão na água que flui,

Estão na cabana, estão na multidão

Os mortos não estão mortos (trecho do poema “Le Souffle des ancêtres”, de Birago Diop, em *Leurres et lueurs*, publicado em 1960, em Paris, pela editora Présence Africaine).

O ancestral é a sombra que duplica cada um de nossos passos, lembrando-nos de que nunca começamos do nada, de que somos menos indivíduos (do latim *individuum*: indivisível) do que os nós de relações (ver as brilhantes análises de Tim Ingold sobre a figura do nó em *Linhas: uma breve história*, traduzido para português por Lucas Bernardes e publicado em 2022, em Petrópolis, pela editora Vozes). Caminhar pelo mundo sempre significa retomar histórias e circunstâncias que não escolhemos, mas que nos oferecem um material único para trabalhar, ao mesmo tempo que lastreiam nossas existências com um peso que é tão ambivalente quanto necessário – um peso que carregamos e que nos carrega. É cultivando esse mangue que nos habita e nos transborda – uma embrulhada de linhas de crescimento e decomposição – que podemos fazer advir o imprevisível: versões insuspeitadas de nossa “pessoa”. Não se trata de se tornar a si mesmo como se esse “si” já estivesse lá (na forma de uma essência única e inalterável, autêntica, que se deve redescobrir e proteger graças aos mantras de *coaches* e manuais de autoajuda), como se a existência tivesse somente uma dimensão, mas sim de correr o risco de se difratar, expondo-se às contingências do mundo e à multiplicidade dos possíveis usos e narrativas desse mundo: “sê plural como o universo!”, intima Fernando Pessoa. É legítimo querer se afirmar; é até mesmo uma exigência ética e política em contextos de violência sistêmica contra grupos e comunidades minorizados.

Édouard Glissant

ÉDOUARD GLISSANT

Mas como podemos evitar a reintrodução das lógicas esclerosantes de identificação (como a das identidades fechadas da etnia colonial, ou, ainda, a da segmentação dos mercados e da “personalização” da oferta) que dificultam a formação de alianças entre movimentos subalternos? Discutindo a questão negra, Léonora Miano aponta com grande precisão, e certa ironia, a ilusão de autenticidade que é característica de todas as formas de essencialismo.

Há agora, entre os subsaarianos e os afrodescendentes, racistas convictos, essencialistas de alto escalão, que omitem um pouco rápido que essas concepções não fazem parte da visão de mundo que tinham os ancestrais subsaarianos que eles cultuam. [...] A lógica deles está para o pensamento subsaariano como o *wax* está para os têxteis endógenos do continente: uma fabricação europeia tão bem assimilada que se confunde com o patrimônio ancestral que acabou por suplantar (Léonora Miano, em *Afropéa: utopie post-occidentale et post-raciste*, publicado em 2020, em Paris, pela editora Grasset).

Se “quem” eu sou pode surpreender até mesmo a mãe mais amorosa, é porque esse “quem” tem mais a ver com um motivo musical – sempre relativo às circunstâncias de sua execução – do que com a permanência de uma identidade essencializada. Isso não significa, no entanto, que possamos nos tornar tudo e qualquer coisa, porque todo material, inclusive o da existência, apresenta linhas de força e restrições sistêmicas. Uma “matéria de existência” que não oferecesse nenhuma resistência à nossa arbitrariedade – ao livre arbítrio do consumidor pós-moderno de identidades – seria tão inconsistente quanto os avatares das redes sociais. Se minha opacidade é tão preciosa – todas essas linhas que me atravessam e me fazem escapar de minha própria superfície –, é porque ela reserva a possibilidade de frustrar toda programação, inclusive a minha.

No ano de 1988, o poeta e filósofo martinicano Édouard Glissant registrou, em um caderno, as impressões de uma viagem realizada pelo rio Nilo, no Egito. A partir de curtos textos escritos, desenhos e rascunhos, Glissant transformou esse caderno em um pequeno diário, índice do seu pensamento em contato com uma paisagem e com uma língua que, até então, lhe eram familiares apenas por meio de imagens, relatos e textos. Ao longo dessa travessia, o rio Nilo se revelou não como uma paisagem exótica ou distante, mas como um espaço de reelaboração de sua memória sobre outros lugares e outras línguas, já visitados ou apenas imaginados.

ÉDOUARD GLISSANT

O direito à opacidade que proclama Édouard Glissant se inscreve, igualmente, na arte da camuflagem e do desaparecimento praticada pelos “negros marrões”. Se o mapa é o instrumento de uma domesticação do território, então viver nas sombras – no branco dos mapas – é, em certas circunstâncias, enterrar-se no húmus de uma terra indomada: amalgamar-se com ela a ponto de nela se derreter. Embora sejam os grandes esquecidos dos projetos cartográficos na Guiana Francesa, os Businenge (marrões das Guianas) nunca se apresentarão como as vítimas de uma “invisibilização”. De fato, eles têm uma desconfiança secular em relação às estruturas de conhecimento e de reconhecimento instituídas. Para eles, viver no branco dos mapas significa excluir-se deliberadamente do mapa dos Brancos. Significa permanecer fiel a um modo de vida e de resistência furtivo que permitiu a sobrevivência de seus ancestrais e a eclosão de uma cultura “ombrófila”. As fronteiras dos territórios marrões, com efeito, só podiam se manter por meio de seu próprio apagamento, pela contínua sabotagem aos radares dos senhores.

Publicado originalmente em: Dénètem Touam Bona, *Sabedoria dos cipós*. Tradução de Ana Dantas e Fernando Scheibe. São Paulo: Ubu, 2025.

Nos festins marinhos se arvoram as Américas
A planta as inspira, conforme brota à vista
Braços descerrados, lá sentem o mar virar
Idade espessa e manguezal se escutam em eco

Trecho do *Caderno de uma viagem pelo Nilo*, de Édouard Glissant, 1988. NAF 28894 (67) (NIL), fonds d'archives Édouard Glissant, Bibliothèque nationale de France (BnF). Tradução de Sebastião Nascimento. ☺

ÉDOUARD GLISSANT
CARAN-
GUEJEIRAS

Maureen Bisilliat

A fotógrafa britânica Maureen Bisilliat conheceu o Brasil em meados dos anos 1950, quando tinha cerca de vinte anos, e mudou-se definitivamente em 1957, estabelecendo-se em São Paulo. Desde a década de 1960 atua como fotojornalista, tendo produzido importantes trabalhos para a revista *Realidade*, entre eles, o ensaio *Caranguejeiras* (1968), realizado em Livramento, na Paraíba. Nessa região, naquela época, quase mil pessoas tiravam seu sustento dos manguezais e dos caranguejos que neles viviam. O método de trabalho de Bisilliat considera, além da viagem e do registro imagético dos acontecimentos cotidianos, a permanência nas comunidades e um profundo mergulho no assunto – para a fotógrafa, todo projeto representa um encontro com o desconhecido, cuja potência está na troca e na construção de laços. Para captar as imagens da série *Caranguejeiras*, Bisilliat precisou, também,



mergulhar na lama do manguezal. Na série, a dureza do trabalho não deixa de ser destacada, ainda que persista em cada imagem o aspecto humano da labuta: brincadeiras, risos e relações de amizade e confiança entre as pessoas retratadas. Em 1984, a série foi publicada no livro *Cão sem plumas*, acompanhada por um poema homônimo de João Cabral de Melo Neto.















DA LAMA

AO
CÓDIGO

Ana Roman



Num contexto em que o digital se delineia como lama viva, densa, instável e fértil, a figura do museu-mangue ganha força. Ele se forma na instabilidade, opera por ciclos, aceita pausas e abriga multiplicidades sem exigir unificação. Seus acervos não são vitrines fixas, mas paisagens vivas. Suas plataformas não são neutras, mas moldadas por escolhas que definem quem vê, o que vê e em que condições. Nesse sentido, o museu-mangue se torna um operador de travessia entre mundos: técnico, comunitário, institucional e simbólico.

PRIMEIRO, A TERRA MOLHADA

Começar pelo mangue é tomar como ponto de partida um ecossistema de transição, em que variação é regra. No manguezal, água doce e salgada alternam-se em ritmos cílicos, por vezes irregulares. O solo permanece encharcado; raízes aéreas ampliam a ancoragem das plantas e criam zonas de abrigo; a matéria em decomposição alimenta ciclos sucessivos de vida; nada se fixa em definitivo. Ainda assim, há uma ordem que se refaz a cada maré, um equilíbrio produzido pelo encontro entre água, sedimento e planta, capaz de sustentar a vida precisamente porque incorpora a mudança ao próprio existir.

Rede MÃes do Mangue

REDE MÃES DO MANGUE

Transposta ao digital, a metáfora do mangue indica uma dependência entre camadas técnica, jurídica e de linguagem. A rede funciona como estuário: centros de dados consomem energia e água para resfriamento, cabos submarinos e terrestres transportam informação, pontos de troca definem rotas, e contratos entre empresas, somados às leis de cada país, determinam o que permanece *online* e o que sai do ar.

Nesse terreno regulatório, práticas de memória se multiplicam e se diversificam. Grupos indígenas, comunidades negras, coletivos LGBTQIAPN+, territórios em luta e iniciativas diáspóricas têm criado formas próprias de organizar, cuidar e transmitir seus arquivos. Em muitos casos, a memória digital não parte de instituições formais, mas de gestos cotidianos de preservação e invenção. São arquivos de WhatsApp que registram histórias orais, nuvens comunitárias que guardam vídeos de protesto, planilhas compartilhadas que mapeiam desaparecimentos ou pastas de imagens que circulam como contra-arquivos. Cada uma dessas práticas redefine o que significa arquivar e quem pode fazê-lo.

Publicar, nesse cenário, é mais do que tornar algo visível. É pactuar condições de aparição, definir onde e como algo será guardado, e garantir que possa circular de forma justa. Isso inclui declarar usos autorizados, registrar consentimentos, permitir revisões, prever atualizações e respeitar contextos de leitura situados. É um trabalho contínuo de cuidado técnico, jurídico e relacional, com atenção específica às obras e aos documentos que já nasceram em meio à lama e ao código.

ENTRE RAÍZES ENTRELAÇADAS: ACERVOS LIVRES E MUSEUS HOSPEDEIROS

Diante da ecologia instável do digital, novas perguntas se impõem às instituições culturais. Que lugar podem ocupar museus e centros

O beiju fino, crocante e delicado, é muito mais do que um alimento: é uma expressão viva da cultura dos povos tradicionais da Amazônia. Feito a partir da massa da mandioca, misturada com coco ralado, esse tipo de beiju é um exemplo de como a mandioca – planta base da alimentação amazônica – se desdobra em inúmeras formas de preparo, adaptadas às necessidades, aos recursos e aos saberes locais. Embora, à primeira vista, o beiju possa parecer distante da paisagem do manguezal, ele está profundamente conectado a ela: as casas de farinha – onde se produz a goma –, a farinha e os próprios beijus são elementos centrais na vida coletiva das comunidades costeiras. Ali, mulheres e famílias inteiras trabalham juntas, partilham tarefas e mantêm vivas tradições que atravessam gerações, como esta receita trazida pela Rede Mães do Mangue.

REDE MÃES DO MANGUE

de memória em um cenário no qual arquivos se formam fora dos muros institucionais, frequentemente de modo descentralizado e inconstante? O digital, ao mesmo tempo que multiplica os modos de registro, desafia as lógicas de guarda, indexação e permanência. Nesse contexto, duas figuras complementares ajudam a pensar o trabalho de cuidado: os acervos livres, que se formam em rede, e os museus hospedeiros, que operam por escuta e acordo.

A primeira figura, os acervos livres, diz respeito aos muitos conjuntos que nascem fora dos dispositivos institucionais e permanecem próximos de quem lhes dá sentido. São acervos mantidos por coletivos, comunidades religiosas, grupos de pesquisa, famílias, associações locais, artistas ou militantes. Em vez de uma estrutura formalizada, o que há são arranjos dinâmicos, orientados por contextos afetivos, linguísticos e políticos próprios. Muitos desses acervos circulam como pastas compartilhadas em nuvem, PDFs caseiros, planilhas colaborativas, arquivos de áudio passados entre parentes ou memes reenviados que mudam de autoria a cada ciclo. Outros nascem em plataformas abertas e se tornam bancos de imagens comunitários, catálogos de denúncia, inventários de lembrança, arquivos de afeto. Há ainda os que se firmam como contra-arquivos: coleções de provas, documentos de protesto, registros apagados por moderação automática e mantidos por espelhamento contínuo entre grupos que operam nos limites da legalidade, da segurança e da visibilidade. Essa dispersão não implica desordem, são formas situadas de curadoria, guiadas por urgências locais, modos próprios de nomear e necessidades específicas de proteção ou partilha.

Esses acervos livres operam, muitas vezes, sem endereço fixo, sem ficha catalográfica, sem horizonte de permanência – mas isso não os torna menos relevantes. Ao contrário, são testemunhos de uma política da memória que se organiza pela urgência, pelo vínculo e pela tática. São arquivos que assumem como método a instabilidade, que reconhecem o direito ao esquecimento, que operam com

Ingredientes

- 500g de massa de mandioca
- 200g de coco ralado
- Sal a gosto
- 1 folha de bananeira grande (cortada ao meio)

REDE MÃES DO MANGUE

acessos intermitentes e vocabulários que desafiam os critérios de indexação universais. Sua legitimidade não está no protocolo, mas no contexto. Muitos deles surgem e desaparecem, não por descuido, mas por escolha. Preservar, nesse caso, não significa fixar. Significa manter a possibilidade de retorno, de pausa, de reconfiguração. E é aí que entra a segunda figura.

Se os acervos livres se aproximam da ideia de rizoma, de crescimento lateral, os museus hospedeiros se propõem como estruturas capazes de oferecer suporte temporário, abrigo técnico e condições de visibilidade pública, sem romper com os princípios que regem os arquivos que acolhem. Um museu hospedeiro não se define por seu acervo, mas por sua disposição em proteger, escutar e devolver. Seu papel não é acumular, mas cuidar; criar contextos de exibição situados, sustentar direitos de recuo, manter rastros de versão e pactuar as formas de publicação.

Essa figura se torna ainda mais importante diante do crescimento de obras e documentos que já nascem digitais: *sites*, jogos, visualizações interativas, trabalhos generativos, arquivos tridimensionais, bases de dados em atualização contínua. Todos exigem, além da guarda do conteúdo, a preservação do ambiente técnico de execução – sistemas operacionais, navegadores, bibliotecas, motores gráficos, *codecs*, extensões e, às vezes, *hardwares* específicos. Sem esse entorno, a obra pode até abrir, mas não se comporta como foi concebida. O museu hospedeiro precisa, então, operar não apenas como infraestrutura cultural, mas também como plataforma técnica ativa, capaz de acompanhar mudanças de versão, emular condições, manter registros de atualização e documentar os motivos de cada modificação. Trata-se de uma hospitalidade que exige memória, mas também elasticidade.

É nesse ponto de contato que se delineia a imagem do museu-mangue, um museu que não impõe centralidade, mas fabrica convivência; que mantém a proximidade dos acervos livres com seus

Modo de preparo

**Tempo de preparo: 1 hora
Serve a: 10 pessoas**

- 1. Tempere a massa com sal e misture-a com o coco ralado.**

REDE MÃES DO MANGUE

contextos de origem e assume a hospitalidade cuidadosa dos museus hospedeiros; que compreende o digital não como espaço neutro, mas como lama viva, densa, instável e fértil, onde o gesto de nomear, guardar e tornar visível precisa ser constantemente renegociado.

TODO MANGUE É MUSEU

A ideia de museu-mangue se ancora na obra de Édouard Glissant, poeta, filósofo e pensador do Caribe. Três de seus conceitos principais orientam esse percurso. O primeiro é a Relação, que Glissant descreve como o encontro entre diferentes que se transformam mutuamente, sem se fundirem. Ela recusa a ideia de centro e propõe uma ética do entrelaçamento, em que cada parte mantém sua singularidade ao mesmo tempo que se deixa atravessar.

O segundo é o direito à opacidade, um princípio que afirma que nem tudo precisa ser revelado ou traduzido para que algo exista com legitimidade. Para Glissant, a exigência de transparência universal é uma forma de violência epistêmica. A opacidade, por outro lado, protege modos de existência que não cabem em lógicas explicativas coloniais.

O terceiro é a figura do arquipélago, usada por Glissant para pensar uma geografia do mundo onde múltiplos centros coexistem. Diferente do continente, que sugere unidade compacta e controle territorial, o arquipélago é feito de ilhas autônomas, ligadas por travessias, sem que uma precise dominar ou absorver a outra. Cada ilha tem sua voz, seu ritmo, sua linguagem, mas participa de redes de relação nas quais a conexão não implica homogeneização.

A partir de suas reflexões, Édouard Glissant propôs também um experimento museológico: o Musée Martiniquais des Arts des Amériques (M2A2) [Museu Martinicano das Artes das Américas]. O projeto previa um museu sem sede fixa, constituído por obras

Modo de preparo

2. Molde a massa em uma metade da folha de banana, espalhando-a até ficar uma camada fina.
3. Cubra com a outra metade da folha.
4. Leve a montagem ao forno, entre 180° e 200°, até que a folha fique crocante e a farinha de mandioca asse.

REDE MÃES DO MANGUE

reunidas por doações voluntárias e concebido para circular entre diferentes contextos e narrativas das Américas. Em 1999, o M2A2 ganhou forma provisória como exposição-ensaio, mas não se instituiu de modo permanente. Ainda assim, deixou um legado metodológico: o de um museu-arquipélago.

Mais de duas décadas depois, a artista e psicanalista clínica Sylvie Séma Glissant retomou esse percurso ao propor a imagem do museu-mangue, em que o arquipélago se aproxima do chão. Em vez de ilhas rodeadas por mar, o que se propõe é uma paisagem contínua, encharcada, entrelaçada por raízes que avançam em todas as direções. A figura do mangue intensifica a ética da Relação, tornando-a densa, subterrânea e sensível ao tempo das marés. Não se trata mais apenas de pensar ligações entre centros autônomos, mas de reconhecer os nutrientes que circulam na lama, os abrigos que se formam entre os troncos, as pausas que permitem a regeneração.

Enquanto o museu-arquipélago é figura do deslocamento e da travessia, o museu-mangue é figura da escuta e do enraizamento. Ele mira mais de perto aquilo que nos cerca. Em vez de imaginar o museu como ponto de passagem, ele o imagina como lugar de acolhimento tático, onde se pode aparecer ou se recolher, onde diferentes formas de memória coexistem sem hierarquia, mas com cuidado.

No universo digital, o museu-mangue opera como método. Aceita descrições paralelas para um mesmo item, prevê calendários alternados de visibilidade, resguarda zonas de opacidade sem necessidade de explicação. Suas infraestruturas são distribuídas, com cópias sincronizadas próximas aos contextos de origem. Seus protocolos combinam atenção técnica e escuta política: consentimentos claros, botões de pausa que funcionam, históricos de versão públicos, políticas reversíveis, regras específicas para arquivos que não querem ou não devem ser absorvidos por sistemas automáticos.

A ética que sustenta o museu-mangue não é a da transparência, mas a da negociação contínua. Nomear, guardar, exibir,

Modo de preparo

5. Vire o beiju com uma pá grande, para assar o outro lado, e, depois, é só consumi-lo.

Receita publicada no livro *Cozinha da maré – As mulheres e o patrimônio alimentar nativo dos manguezais amazônicos do Pará*, realizado por: Associações de Usuários de Reservas Extrativistas Marinhas e Costeiras, Confrem, Purpose e Rare Brasil. 🐚

REDE MÃES DO MANGUE

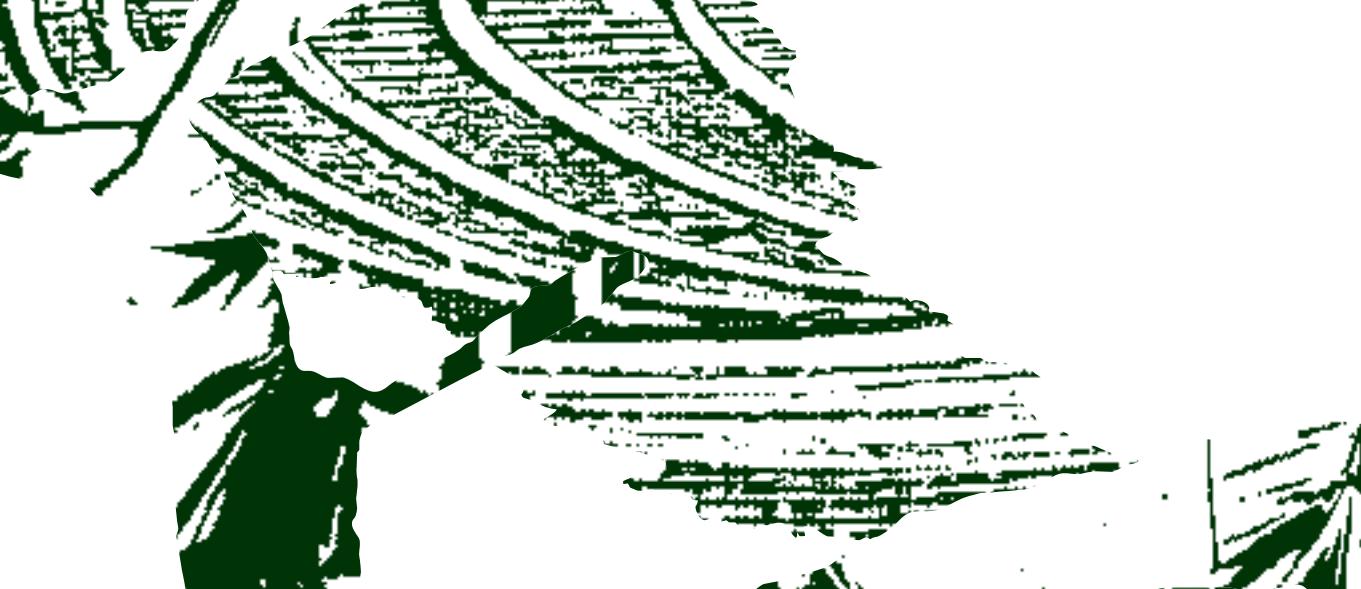
ocultar e reverter são decisões compartilhadas, situadas, sensíveis ao tempo e à Relação – conforme foi pensada por Glissant. Como no mangue, o que sustenta essa institucionalidade não é a fixação, mas o entrelaçamento: a lama que nutre, o ciclo que regula, o abrigo que protege sem capturar.

COMO MANEJAR O MANGUE: ENTRE TÉCNICA E CUIDADO

A partir dessa imagem, passamos a fabular não apenas o museu como metáfora, mas como prática ativa no presente. O que seria um museu-mangue que lida com os fluxos do digital e os integra à sua forma de existir? Como organizar suas curadorias, suas plataformas, suas políticas de guarda e devolução, sem romper os vínculos de origem dos arquivos que abriga? Mais do que um modelo institucional, o museu-mangue se propõe como um modo de manejo – um conjunto de práticas articuladas entre escuta, técnica e cuidado. Para compreender essa proposta, é preciso examinar experiências concretas que já esboçam esse gesto em curso. São elas que permitem vislumbrar como essa ética do entrelaçamento se traduz em escolhas específicas: na forma de classificar, de descrever, de consentir, de proteger e de compartilhar. A seguir, reunimos algumas dessas práticas, organizadas como gestos de manejo.

Mangue que nomeia: classificar é cuidar

Criado em 2010 por pesquisadoras como Jane Anderson e Kim Christen, o Local Contexts surgiu da necessidade de garantir que comunidades indígenas e tradicionais pudessem orientar o uso de seus materiais culturais no ambiente digital. Em vez de delegar esse



controle a instituições centrais ou a sistemas genéricos de *copyright*, o projeto oferece etiquetas digitais que acompanham os arquivos e explicam, de forma acessível, como cada item pode ou não ser utilizado.

As TK Labels, ou Traditional Knowledge Labels [Etiquetas de Conhecimentos Tradicionais], são voltadas a conteúdos ligados a conhecimentos e práticas culturais, como cantos cerimoniais, imagens de cerimônias, narrativas orais e objetos sagrados. Já as BC Labels, ou Biocultural Labels [Etiquetas Bioculturais], se aplicam a informações associadas a plantas, animais e territórios, incluindo saberes ecológicos. Ambas podem indicar, por exemplo, que um canto não deve ser reproduzido fora de seu tempo ritual, que uma imagem é de acesso restrito, que o uso deve ser exclusivamente comunitário ou que aquele dado não pode ser utilizado por sistemas de inteligência artificial.

O diferencial está em onde essas regras são inseridas. Elas ficam gravadas nos metadados dos próprios arquivos, ou seja, na ficha técnica que acompanha cada item. Esses metadados informam autorias, línguas, datas, usos permitidos e restrições, tornando as normas visíveis tanto para pessoas quanto para máquinas. Em 2022, foi lançado o Local Contexts Hub, plataforma que permite às comunidades gerirem suas etiquetas de forma contínua e autônoma.

Entre os casos emblemáticos, está o trabalho do povo Passamaquoddy, originário do nordeste dos Estados Unidos e do sul do Canadá, que aplicou etiquetas a gravações em cilindros de cera dos anos 1900, registrando os cantos e línguas de seus anciões. O uso das etiquetas permitiu restabelecer contextos de escuta apropriados. Outro exemplo é o herbário Allan, na Nova Zelândia, que documentou BC Labels junto a espécimes botânicos, permitindo que os próprios dados indiquem se há restrições culturais associadas às plantas coletadas.

Essas experiências mostram que classificar não é apenas organizar, mas cuidar. Quando cada item leva consigo as condições



de sua partilha, o arquivo se torna espaço de Relação, não de extração. No museu-mangue, classificar é manter vínculos vivos e dar legibilidade às opacidades que sustentam as memórias.

Mangue em malha: acervos afrodigitais e distribuição localizada

As redes de museus afrodigitais no Brasil operam de forma distribuída, como uma malha em vez de um centro único. Reúnem instituições universitárias, coletivos culturais e comunidades negras e quilombolas que trabalham juntas para recuperar, digitalizar e compartilhar acervos documentais, registros de terreiros, arquivos fotográficos e memórias orais. O Museu AfroDigital da Universidade Federal da Bahia, criado em 2009, é um dos polos dessa malha e busca afirmar a presença negra nos museus, nas curadorias e nos sistemas de memória.

A rede atua com princípios explícitos. Defende o repatriamento digital com base em padrões internacionais, incentiva doações voluntárias, trabalha pela preservação digital e afirma a centralidade das memórias afro-brasileiras. As frentes de trabalho incluem a criação de repositórios para acervos particulares, a articulação de coleções dispersas, o desenvolvimento de tecnologias sociais e a cooperação com países do Sul Global.

O funcionamento é colaborativo. Em vez de uma versão única por item, o sistema aceita descrições múltiplas, escritas por diferentes agentes. Variações de vocabulário, língua e contexto são mantidas. Cópias de consulta são sincronizadas localmente, próximas aos territórios de origem, permitindo que comunidades definam o que pode ser acessado, por quem e em que momento. Em casos de objetos sagrados, as decisões de exibição ou recolhimento são feitas coletivamente, com respeito a regras religiosas e familiares.

O MANGUEZAL

Robson Renato

ROBSON RENATO

Essa malha se fortaleceu em dois movimentos: de um lado, a consolidação de arquivos comunitários e coletivos ao longo dos anos 2010; de outro, a intensificação do uso de plataformas digitais durante a pandemia de Covid-19, quando universidades, centros culturais e terreiros buscaram novas formas de conexão e cuidado. O museu-mangue, nesse caso, aparece como prática já em curso: em vez de capturar tudo, essas redes negociam o tempo de cada memória. O que pode ser dito, hoje, pode ser vetado, amanhã. O que estava oculto pode querer aparecer. O acervo não é fixo, mas vivo.

CURAR NA MARÉ: O TEMPO DA MEMÓRIA NO MUSEU-MANGUE

Ao longo deste percurso, aprendemos que não há curadoria possível no mundo digital sem atenção à infraestrutura que sustenta os fluxos. Aprendemos que memória não é o que se guarda, mas o que se consegue manter em relação; que arquivos não são apenas repositórios, mas formas de existência situadas, sensíveis à língua, ao contexto e ao tempo; que digitalizar, publicar ou classificar são práticas que exigem escuta, pactos e capacidade de recuo; que toda aparição depende de uma cadeia de decisões técnicas, políticas e afetivas, muitas vezes invisíveis. Aprendemos, sobretudo, que preservar é também permitir que algo se retire, que se oculte, que retorne quando for o momento certo.

Nesse horizonte, a figura do museu-mangue ganha força. Ele se forma na instabilidade, reconhece a variação como parte do método, opera por ciclos, aceita pausas e abriga multiplicidades sem exigir unificação. Seus acervos não são vitrines fixas, mas paisagens vivas. Suas plataformas não são neutras, mas moldadas por escolhas que definem quem vê, o que vê e em que condições. Sua função não é acumular, mas cuidar para que a memória não perca seus

O cordel é uma manifestação cultural profundamente enraizada no Nordeste do Brasil, onde encontrou solo fértil para florescer e se tornar uma das mais autênticas expressões da arte popular. Surgido da tradição oral e influenciado pelas folhas volantes portuguesas, o cordel ocupa um espaço único entre a música e a poesia, sendo muitas vezes recitado de forma ritmada ou cantada, ao som de violas, em feiras e praças. Ele vive na fronteira entre o oral e o escrito: seus versos rimados e metrificados são publicados em folhetos simples, ilustrados com xilogravuras, mas ganham vida de verdade na voz dos poetas e repentistas que os interpretam.

ROBSON RENATO

vínculos quando se desloca de um lugar para outro. Nesse sentido, o museu-mangue se torna um operador de travessia entre mundos: técnico, comunitário, institucional e simbólico.

É nesse contexto que a curadoria muda de contorno. Ela passa a ser um ofício que exige atenção constante às condições de visibilidade e de silêncio. Curar deixa de ser apenas uma ação sobre as obras e passa a ser uma escuta das formas de nomear, das camadas de contexto, dos desejos de reserva e dos limites do compartilhamento.

Curar, nesse campo, é manter vivo o entrelaçamento. É operar nos bastidores da rede, junto aos metadados, aos históricos de versão, aos sistemas de consentimento e às descrições que resistem à simplificação. É saber que nem tudo que é visível está pronto para ser mostrado. E que, às vezes, a memória mais potente é aquela que reaparece depois do tempo.

No museu-mangue, curar é cultivar a memória como um ciclo, não como um acervo fixo. É reconhecer que há momentos de presença e momentos de recolhimento, e que só é possível manter algo vivo quando se aceita que tudo pode mudar. Nesse mundo digital em que os arquivos se movem como águas, a curadoria aprende a acompanhar o ritmo das marés e dos dados, permitindo que a memória circule.

No cordel *O manguezal*, o poeta Robson Renato transforma ciência em poesia ao abordar, de forma educativa e sensível, as características e a importância desse bioma costeiro. Com versos rimados e linguagem acessível, ele entrelaça o conhecimento científico com o saber popular presente no cotidiano das comunidades que dependem do mangue para sobreviver. O resultado é uma obra em que os limites entre ciência e tradição se emaranham e confundem, formando um texto que emociona e convida à reflexão sobre a preservação ambiental.

ROBSON RENATO

NÓS TEMOS

UM ENCONTRO

Rayana Rayo

Rayana Rayo constrói um universo imagético singular, em que convivem personagens inventados – híbridos, fantásticos, misteriosos – e paisagens, além de pedaços de memórias e sensações da própria artista. Mesmo sendo filha de um artista plástico, a arte não foi o primeiro caminho escolhido por Rayana. Formou-se em Direito e, em determinado momento da vida, percebeu que precisava fazer algo sobre o qual não tivesse nenhum entendimento para, então, sentir-se novamente livre. Foi assim que Rayana encontrou a arte. Os elementos formais de suas composições – simultaneamente abstratas e figurativas; ficção e realidade; desejo e relato – carregam uma profunda relação com o seu território de origem: a cidade do Recife, em Pernambuco, marcada pela presença de manguezais, restingas, ilhas, rios e águas de variadas naturezas, intensidades e histórias. Munida desse

**Calmaria na nascente,
O meandro vem após,
Afluentes agregados
Se entrelaçam como nós
E o leito do rio compraz,
Abrigando os manguezais,
Já chegando pela foz.**

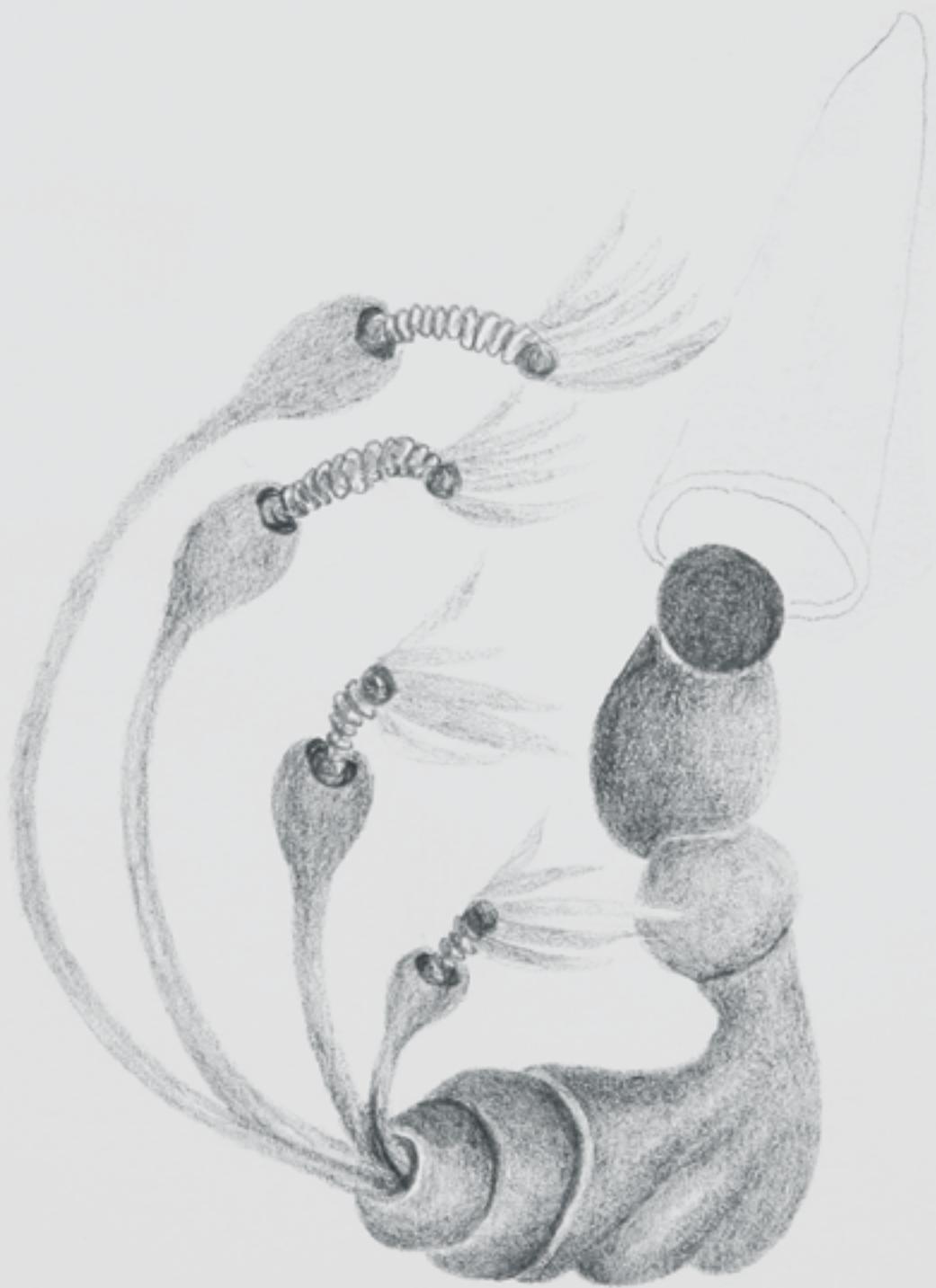
ROBSON RENATO

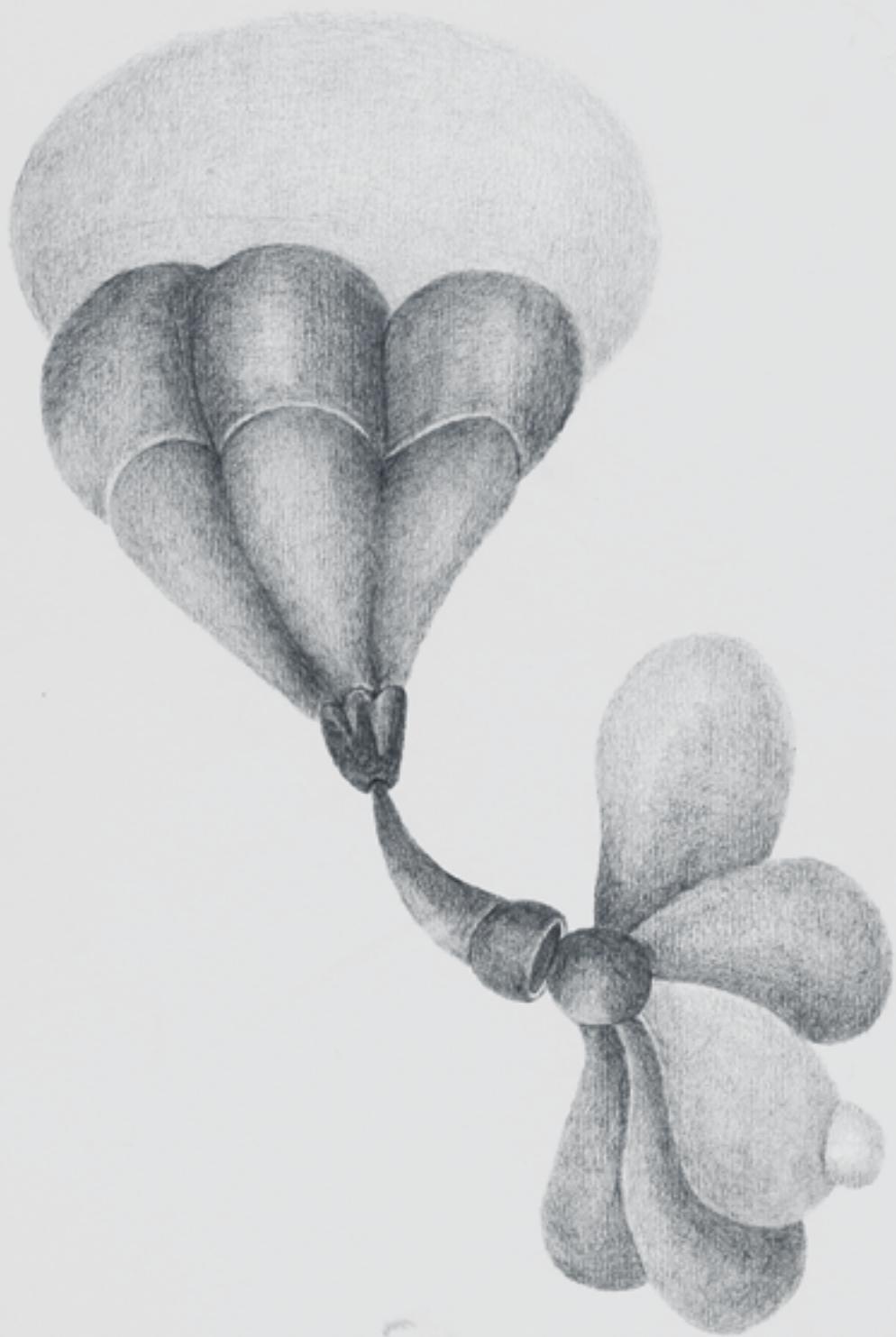
CONTINUA →

ONDE OS OCEANOS SE ENCONTRAM

repertório, Rayana Rayo foi convidada a realizar uma imersão na Coleção de Arte Africana do Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, e uma residência na Maison du Diamant, casa onde viveu Édouard Glissant, na ilha da Martinica. A série *Nous avons rendez-vous où les océans se rencontrent* [Nós temos um encontro onde os oceanos se encontram] (2025) é fruto desse deslocamento, em que as paisagens, os ventos e os manguezais do Recife e da Martinica se encontram no gesto criativo da artista. Nesses desenhos emergem estruturas inventadas que lembram plantas, animais, criaturas microscópicas, órgãos internos e paisagens que parecem expressar relações entre elementos naturais, forças invisíveis e símbolos do inconsciente.













Águas doces e salgadas
Encontram-se no cenário,
Abrigando a transição
Que é chamada de estuário,
Primoroso ecossistema
Onde a vida faz poema
No mais bonito berçário.

ROBSON RENATO

CUIDAR DO MANGUE É CUIDAR

Angelo Fraga Bernardino

DO MUNDO

**Manguezal é um bioma
Formado na transição
Entre o rio e o oceano
Que mostra a integração
Entre toda a natureza,
Carregado de beleza
Que causa admiração.**

ROBSON RENATO

Se, por um lado, os manguezais revelam resiliência, por outro, expõem também nossa responsabilidade: os mangues não podem enfrentar, sozinhos, os efeitos da crise climática e das pressões humanas. Reconhecer sua importância, proteger suas áreas e aprender com sua força adaptativa talvez sejam chaves para construirmos um futuro menos frágil diante das incertezas que nos esperam.

Temos falado cada vez mais sobre o carbono, principalmente sobre os riscos à vida na Terra provocados por sua concentração excessiva na atmosfera – geralmente impulsionada por atividades humanas, como a queima de combustíveis fósseis e o desmatamento. No entanto, esse elemento faz parte do nosso planeta e é essencial à vida: ele está presente nas águas, no solo, na atmosfera e em todos os seres vivos.

E não é diferente com os manguezais. No início dos anos 2000, descobriu-se que o solo desse ecossistema tem uma grande concentração de carbono, que chega a ser maior do que a existente nos solos da Floresta Amazônica. No Brasil, um estudo publicado, em 2018, na revista *Ecology and Evolution*, indicou que, na região da Amazônia, um hectare de manguezal contém uma quantidade de carbono em média duas vezes maior do que a presente em um hectare de floresta de terra firme, como no Cerrado, na Caatinga ou na própria Amazônia.

**O solo do manguezal
É bastante lamacento,
Muito pobre em oxigênio,
Frio, escuro e fedorento,
Mas é rico em nutrientes
Escavados nas vertentes
Que chegam com muito intento.**

ROBSON RENATO

No caso das florestas continentais – ou seja, aquelas que se instalaram em terra firme e que normalmente não ficam alagadas –, o solo constantemente arejado faz com que grande parte do carbono ali presente sofra oxidação e se transforme em dióxido de carbono, ou gás carbônico (CO_2), que é liberado para a atmosfera. Em ecossistemas alagados, como os manguezais, a abundância de nutrientes – trazidos pelas águas do mar, dos rios e das chuvas – atrai bactérias e micro-organismos, que consomem oxigênio por meio da respiração. Se não há oxigênio, o carbono não se oxida, podendo ficar preservado por muito tempo, geralmente por séculos. Isso pode ser verificado quando analisamos o solo do manguezal: uma fatia de cerca de um metro de profundidade pode conter, em média, dois mil anos de matéria orgânica acumulada no solo. A alta capacidade de retenção de carbono faz com que esse ecossistema tenha uma enorme importância quando falamos sobre as mudanças climáticas. Se um manguezal é perturbado ou derrubado, o carbono que ele acumulou ao longo dos séculos volta rapidamente para a atmosfera em forma de gás carbônico, agravando a nossa crise climática.

O Brasil detém a segunda maior extensão de florestas de mangue do mundo, e cada uma delas possui características singulares. As pesquisas da professora Yara Schaeffer-Novelli, na década de 1980, foram as primeiras a detalhar essas distinções, bem como a relação dos manguezais com os regimes de maré, que variam consideravelmente ao longo da costa brasileira – há alguns mangues com menos de dois metros de altura e outros que chegam a alcançar quarenta metros, assim como há marés que sobem e descem alguns centímetros e outras que podem chegar a uma amplitude de nove metros. E, naturalmente, se a floresta muda, tudo muda. Isso impacta significativamente a capacidade de cada manguezal de reter carbono, a diversidade de espécies associadas e a forma como as pessoas interagem com o ambiente.

Em busca de compreender mais sobre esse universo, o armazenamento de carbono, os serviços ecossistêmicos fornecidos pelas

**A vegetação do mangue
Tem forma particular,
Pois é muito retorcida
E não tem outro lugar,
As raízes não se vetam
E do solo se projetam
Para tentar respirar.**

ROBSON RENATO

florestas de mangue às populações locais e as possíveis respostas desse ecossistema às mudanças climáticas, participei, em 2022, de uma expedição pela bacia do rio Amazonas, desde a cordilheira dos Andes até o oceano Atlântico, organizada pela National Geographic Society com apoio da iniciativa Perpetual Planet Rolex. Mesmo com todos os nossos conhecimentos prévios, a floresta começou a nos surpreender logo no início da jornada.

Embora existam tantas diferenças entre os manguezais, o número de espécies de árvores que habitam esse ecossistema é reduzido, compreendendo apenas as que passaram por uma adaptação fisiológica que permite a eliminação do sal absorvido da água do mar. As principais são a *Rhizophora mangle*, conhecida como mangue-vermelho, que possui glândulas para essa função na base das folhas, e a *Avicennia schaueriana*, também chamada de mangue-preto ou siriúba, que elimina parte do sal pelas raízes. Essas espécies costumam ser facilmente reconhecidas de longe, graças às suas raízes aéreas e, na Amazônia, ao seu tamanho imponente.

Quando a nossa expedição chegou à região de Bailique, um conjunto de ilhas próximo da foz do rio Amazonas, não identificamos, de imediato, nenhum manguezal. Cientistas acreditavam que ali, onde a presença de água salgada é minimizada pela alta vazão do rio, não havia manguezais, e, sim, florestas de várzea – constituídas por plantas adaptadas para resistirem às inundações de água doce na época das cheias, ficando submersas por vários meses. Ainda assim, acreditávamos que havia alguma possibilidade de os mangues se desenvolverem na foz, mesmo com pouca salinidade, e perguntamos aos pescadores se existia algum na região. Descobrimos, então, que eles reconheciam as siriúbas e afirmavam que elas estavam ali, mas não as identificavam como mangues.

Lembro-me de ter visto grandes árvores de várzea na costa, mas não via mangues. Quando entramos na mata, porém, encontramos um manguezal gigantesco com siriúbas e mangues-vermelhos

**Ao liberar gases bons,
Faz de forma essencial
Um trabalho de filtragem,
Retendo parte do sal
Que, trazido pelos ventos,
Se mistura aos alimentos
Que se prendem no manguezal.**

ROBSON RENATO

coexistindo com palmeiras e árvores típicas de várzea em um bosque de água doce. Era um encontro de dois mundos ou, como chamamos na ecologia, um ecótono – uma área de transição entre ecossistemas ou biomas diversos, onde há uma fusão de características, resultando em um ambiente singular e, frequentemente, mais biodiverso do que as regiões vizinhas. Nossa expedição permitiu reconhecermos uma enorme área de manguezal de água doce na foz do rio Amazonas que antes não existia nos mapas.

A fisiologia das árvores de manguezal é realmente especial. Apesar de serem tolerantes a ambientes com muito ou pouco sal, nunca havíamos visto elas se desenvolverem tanto em água doce, como na região do Bailique. É provável que os mangues tenham iniciado a colonização dessa área há quatro mil anos, quando o fluxo do rio Amazonas era mais fraco e o nível do mar era mais baixo. Ao longo desse tempo, houve muitas oscilações na vazão do rio, com a colonização de espécies de água doce entre os manguezais que se adaptaram à baixa salinidade, próximo à foz do rio Amazonas.

Hoje, as mudanças climáticas têm causado secas extremas na bacia do Amazonas, o que vem provocando diminuição no volume de água que o rio descarrega no oceano Atlântico. Com o fluxo mais fraco, a salinização ocorre pelo avanço do oceano para dentro do rio Amazonas. Com isso, períodos de salinização da região da foz têm se prolongado por vários meses ao longo do ano, e o manguezal tem se expandido – mas não acontece o mesmo com a população humana que vive próxima a ele.

O Bailique oferece um panorama vivo das mudanças climáticas atuais. Diferentemente da percepção comum de que elas são um problema do futuro, os efeitos nessa região já são uma realidade marcante, como se pode perceber pela observação da erosão costeira acentuada, resultado de alterações no fluxo dos rios, na hidrodinâmica e no nível do mar. Essa intensa erosão, chamada pelas comunidades locais de “terras caídas”, força as

**Existe o mangue vermelho
Que suporta, das marés,
O seu trânsito constante
Sem buscar outro viés,
E ao tentar se adaptar
Pode a vida sustentar
No sal que banha seus pés.**

ROBSON RENATO

pessoas a abandonarem suas casas e roças, tornando-as, de certo modo, refugiadas climáticas.

As histórias contadas pelos ribeirinhos são impressionantes e testemunham, sobretudo, as incertezas sobre o futuro. Em Bailique, conheci um senhor que, em menos de dez anos, já havia se mudado para a sua terceira casa: conforme a erosão ia se acentuando e a terra ia se perdendo, ele ia se mudando mais para dentro do seu terreno. Nessa ocasião, ele nos contou que já não havia mais espaço para se mudar, e que dali em diante já não sabia mais para onde ir.

A salinização também é um fenômeno preocupante para as comunidades ribeirinhas da Amazônia, que antes tinham acesso à água potável do rio por mais de nove meses ao ano. Atualmente, esse período se reduziu a apenas seis meses, durante as grandes chuvas, pois a água do rio, que era predominantemente doce, está se tornando salobra e imprópria para o consumo humano. Essa mudança obriga os moradores a dependerem do armazenamento de água da chuva e, inclusive, muitos têm investido na aquisição de caixas d'água ou necessitam comprar água potável para garantir o abastecimento, já que o consumo direto do rio não é mais viável durante boa parte do ano.

Esses fenômenos têm transformado as comunidades de Bailique. Antigamente, a região contava com mais de dez mil habitantes em suas vilas, número que hoje se reduziu a menos de três mil, representando uma diminuição de mais da metade da população. Isso se reflete na escola pública de ensino fundamental da região, que antes atendia mais de mil alunos e, agora, possui menos de trezentos, devido à saída dos moradores.

Soma-se a esses problemas o assoreamento dos rios. Durante uma expedição, em 2022, visitamos algumas vilas que, já em 2024, se tornaram inacessíveis por barco. O assoreamento dos canais, causado pela erosão, impede a passagem das embarcações, o que é crítico, pois muitas vilas dependem desse trânsito fluvial. Em

**O mangue negro trabalha
De maneira diferente,
Pois ocorre mais distante
Da maré tão insistente,
Não se forma por igual,
Por não ter o mesmo sal
Nem a força da corrente.**

ROBSON RENATO

consequência, as dinâmicas sociais e econômicas são prejudicadas em algumas situações, como na maré baixa, quando os fluxos ficam interrompidos.

Em nossa pesquisa com os mangues da Amazônia, investigamos também outras alterações decorrentes de ações humanas nos ecossistemas, como a presença de microplásticos nos solos, e, como esperado, os encontramos. Contudo essa ocorrência pode ser vista como um serviço ecossistêmico essencial prestado pelos manguezais às comunidades que consomem a água ali presente, já que os microplásticos, atualmente, são encontrados em ambientes aquáticos, terrestres, atmosféricos e até no interior de organismos vivos. Essa filtragem ocorre porque as raízes dos mangues formam uma espécie de barreira física que retarda o fluxo da água, fazendo com que as impurezas se depositem no sedimento.

Estimamos que, em Bailique, aproximadamente 30% dos microplásticos que poderiam estar na água são removidos pelos manguezais. Esse processo acontece, também, em manguezais próximos a áreas urbanas, como em Vitória (ES), no Rio de Janeiro (RJ) ou em Santos (SP). É claro que os microplásticos também podem contaminar os organismos vivos, como ostras, mexilhões e peixes, que eventualmente vão ser alimento para as pessoas e outros animais, mas grande parte deles ainda são sequestrados pelo solo de manguezais, sugerindo que sua perda poderia agravar ainda mais a poluição dos ecossistemas costeiros.

Outro poluente que pode afetar os ecossistemas é o petróleo, que representa um problema muito maior porque seus efeitos em longo prazo nos manguezais ainda são pouco compreendidos. Além disso, ele não se dispersa facilmente: a tentativa de dispersão requer o uso de produtos químicos adicionais, que também são prejudiciais ao meio ambiente. Em sua forma bruta, o petróleo pode ser letal para a vegetação, pois, em áreas severamente impactadas, ele cobre os poros das folhas e impede as trocas gasosas. Essa é uma das

**O mangue branco também
Tem jeito particular,
Pois se forma bem distante
Das influências do mar,
Porém, nele, a água doce
Vem reinar como se fosse
A mais forte do lugar.**

ROBSON RENATO

principais preocupações com a perfuração *offshore* – atividades de exploração de gás natural e petróleo em alto-mar, a partir de reservatórios no leito marinho – planejada para a foz do rio Amazonas, na costa do Amapá.

Acidentes com derramamento de óleo são extremamente difíceis de remediar. Um exemplo marcante dos graves danos que podem resultar desse tipo de exploração é o desastre de 2010, no Golfo do México. Uma explosão em uma plataforma operada pela empresa multinacional British Petroleum (BP) causou um grande vazamento de petróleo, que contaminou vastas áreas de marismas (pântanos de água salgada), provocando sérios prejuízos ambientais e econômicos que são sentidos até hoje.

A ocorrência de um desastre de proporções semelhantes às do Golfo do México seria verdadeiramente devastadora no Brasil. Até o momento, as dispersões de óleo documentadas no nosso país foram incidentes pontuais, caracterizados por pequenas manchas de óleo, sem causar desastres de grandes proporções. No entanto, a exploração de petróleo próxima a manguezais constitui um risco que não pode ser ignorado, principalmente porque já sabemos da importância e do valor dos serviços ecossistêmicos da floresta de mangue para as comunidades costeiras.

Além dos problemas que nós mesmos causamos com poluentes na água, a subida do nível do mar representa um desafio adicional para o Brasil. Acredito que na Amazônia esse impacto será menos severo: conforme o nível do mar subir, os manguezais poderão avançar para o interior, colonizando novas áreas, já que a região não possui grandes construções que impeçam sua expansão.

O que acontece é justamente isto: à medida que o nível do mar sobe, a floresta de mangue tende a subir também, acompanhando esse movimento, pois as árvores vão construindo o próprio solo conforme crescem e se enraízam. Mas, para isso, elas precisam de certas condições, como o espaço disponível para essa

**Todo mangue representa
Para a vida, em especial,
Um papel muito importante
Na questão ambiental,
Pois retém nos estuários
Organismos necessários
Como um filtro natural.**

ROBSON RENATO

movimentação, a chegada de partículas de sedimentação – que se transformam nesse “novo” solo mais alto, sustentado pelas raízes fincadas na lama – e a própria saúde das plantas, que fará com que elas possam prosperar.

Em outras cidades costeiras do Brasil, como as citadas anteriormente, Vitória, Santos e Rio de Janeiro, essa situação é diferente. Nessas áreas urbanas, um grande problema é que a parte de trás dos manguezais foi desmatada para a construção de edifícios e outras estruturas urbanas, impedindo que eles avancem para áreas mais altas. Como resultado, os manguezais podem desaparecer dessas regiões – o que considero uma realidade possível para um futuro próximo.

Assim como as florestas costeiras, as cidades também terão que encontrar caminhos para conter o aumento do nível do mar esperado para as próximas décadas. Uma dessas estratégias pode estar nos próprios manguezais, que atuam como barreiras de proteção natural contra o avanço do mar, as grandes ressacas e as tempestades – contudo, nem todas as regiões conseguirão contar com essa proteção.

Não há uma regra única no Brasil. A elevação do nível do mar pode ocorrer rapidamente em algumas áreas, excedendo a capacidade de adaptação dos mangues, o que causaria danos à infraestrutura urbana. Em outras regiões, a adaptabilidade será maior, e os mangues conseguirão conter parte desse avanço. Nas áreas em que os mangues já foram removidos ou estão muito enfraquecidos, as cidades provavelmente terão que construir muros e estruturas de contenção, como já acontece atualmente – os alargamentos de praia são exemplos de adaptações que precisarão ser repetidas ao longo do tempo.

Em conversas com meus alunos sobre o clima, normalmente não sou tão pessimista: acredito que teremos um futuro desafiador, mas sobreviveremos. Nossa papel como cientistas é buscar soluções

**E fornece os alimentos
Pra toda a população,
Pois, nele, tem a lagosta,
Caranguejo e camarão,
O robalo e a sardinha,
Caramujo na conchinha
E, também, o mexilhão.**

ROBSON RENATO

para facilitar a vida durante esse processo. Não creio que os manguezais, a Floresta Amazônica ou os oceanos, por si só, resolverão o problema climático, absorvendo todo o carbono emitido – embora os oceanos absorvam muito devido ao equilíbrio químico, o que provocará aumento da acidificação e, também, terá consequências sobre a vida marinha.

Já observamos tragédias climáticas, como secas, erosões, inundações, tempestades e outros desequilíbrios, especialmente nas zonas costeiras. Muitos eventos extremos seguirão acontecendo, mas temos, ainda, alguma capacidade adaptativa. A sociedade está cada vez mais ciente dessas mudanças devido ao acesso facilitado à informação, o que nos permite encontrar boas soluções. No entanto, algumas consequências serão severas, e pessoas e locais com menor capacidade de adaptação serão mais vulneráveis.

Acredito que as florestas costeiras possuem uma grande capacidade de adaptação à subida do nível do mar, e essa resiliência é evidenciada pela sua presença milenar nessas zonas e pelo seu histórico. Por exemplo, algumas áreas da Amazônia, que antes eram florestas de várzea – quando o litoral amazônico tinha muito mais água doce, provavelmente com bosques de várzea de plantas menores –, hoje estão ocupadas pelos mangues, graças a um processo constante de mudanças que ocorrem como resposta aos fatores ambientais.

Se, por um lado, os manguezais revelam resiliência, por outro, expõem também nossa responsabilidade: os mangues não podem enfrentar sozinhos os efeitos da crise climática e das pressões humanas. Reconhecer sua importância, proteger suas áreas e aprender com sua força adaptativa talvez seja uma das chaves para construirmos um futuro menos frágil diante das incertezas que nos esperam.

**Quem vive nesse bioma
Sobrevive, em toda via,
Do que o mangue lhe fornece
Para a própria economia
Que carrega em sua essência
Trabalho e subsistência
Na fonte do que ele cria.**

ROBSON RENATO

CURA

PELA

ÁGUA

Aislan Pankararu

A produção de Aislan Pankararu é território de encontros, fluxos e resistências. Em suas pinturas, os padrões formados pela repetição de linhas, pontos e formas insinuam fluxos, zonas de encontro e de separação, convidando a uma observação mais demorada. Inicialmente abstratos, esses padrões revelam, a um olhar atento, paisagens, rios, silhuetas de plantas, sementes, espinhos, folhas, flores, células, organelas, tecidos, galáxias, acúmulos e uma série de estruturas sem nome, mas que habitam um lugar em que a memória se entrelaça com a imaginação. O ponto de partida do artista é sua história, seu vínculo com o território da Caatinga e a trajetória de seu povo Pankararu, que incorporou, a seus costumes e crenças, as culturas de outros sujeitos vitimados pela violência colonial,

**Devastando a natureza,
A cadeia se desfaz.
Desmatamento e queimadas
Prejudicam os animais
E tantos gestos sombrios
Atrapalham nossos rios,
Afetando os manguezais.**

ROBSON RENATO

CONTINUA →

mas também marcados pela resistência e pela capacidade de regeneração – como africanos, quilombolas e outros povos originários. A semiótica do povo Pankararu, presente nas pinturas sobre a pele, nas vestimentas sagradas, nas danças e na musicalidade dos rituais, é reelaborada nas pinturas de Aislan, nas quais encontra o universo simbólico adquirido pelo artista em suas andanças pelo mundo. Assim como a Caatinga – e, também, o manguezal –, suas obras são zonas de resistência, contato, adaptabilidade e transformação: documentam e reinventam a cosmologia de seu povo, celebrando a cultura Pankararu como raiz que resiste e se expande em direção ao futuro.









**Todo sistema depende
Do ambiente equilibrado,
Interagindo no todo
Sem sofrer o desagrado
De, na sua exploração,
Penar pela triste ação
De ser muito devastado.**

ROBSON RENATO

CAOS- MANGUE

Gabriela Moulin

Epílogo

**Cada ser tem seu papel,
Cada bioma, um lar.
Todo homem deve ter
A razão de preservar
Pr'as futuras gerações
Não sofrerem nas ações
Que fazemos sem pensar.**

ROBSON RENATO

Primeiros dias de outubro de 2025: a cidade de Belém, no Pará, bate 33, 34, 35 graus. Está em obras, em ruídos, em caos. A 30^a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30) se aproxima. Tudo é construção, ruína, rio e selva.

Em frente a uma igreja, a faixa anuncia: “a fé nos move, a natureza nos acalma”. Antes da COP, acontece o Círio de Nazaré – uma enorme manifestação religiosa católica, marcada por procissões em devoção a Nossa Senhora de Nazaré. Imagens da santa católica que veio de outra Belém imaginária estão enfeitadas de flores e brilhos em cada edifício, loja, casa. Primeiro a fé, depois a natureza. O presidente, ministras e embaixadores estão na cidade. A polícia interrompe vias enquanto, perto de nós, jogos de futebol e aparelhagens nas ruas esquentam o clima.

Nós estamos em montagem, bem como a cidade. A exposição *Um rio não existe sozinho*, organizada pelo Instituto Tomie Ohtake, é aberta no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi. Relações se formam e resistem. Um novo museu é inaugurado na cidade – o Museu das Amazôncias –, a 2^a Bienal das Amazôncias já foi aberta para o público; muitas outras exposições se aproximam.

Uma paisagem da complexidade nos traga em meio à Amazônia. Lixo, esgoto, obras, garças e urubus que ocupam praças, sudestinos que vieram para trabalhar, línguas estrangeiras estão audíveis, muito calor e mais obras. Por vezes, não se sabe bem onde termina o som e começo o ruído.

As ilhas ao redor estão lotadas de gente, o rio está distante e não se veem os mangues. Não há fluxo único nem forma final, a umidade e os odores se adensam.

O Pará guarda 42% dos manguezais do Brasil. Não os vemos, mas, ao mesmo tempo, a densidade e as ramificações da cidade não nos deixam nos esquecer deles nem de que estamos no caos-mangue – aquela dobra terrestre e úmida do caos-mundo de Édouard Glissant. O mangue traduz em corpo o princípio

**É preciso reagir
Para manter nossa paz,
Vamos todos nos unir
E mostrar como se faz,
Sem predação ou descarte
Cada qual faz sua parte,
Defendendo os manguezais. ***

ROBSON RENATO

glissantiano de imprevisibilidade e *crioulização*: uma ecologia do contato, em que tudo se mistura e nada se fecha. Matéria biológica, matéria cultural e matéria política estão em compostagem, em composição e em decomposição.

Tudo resiste à simplificação. Os críticos dizem que a cidade não está preparada, está cara, suja, desigual e barulhenta. Mas essa não é nossa mais pura condição climática? Nossa urgência menos ficcional? O caos-mangue é o avesso da catástrofe: nele, o excesso e a ruína se tornam modos de recomposição.

As relações emergem e escapam do controle. E, nesse caldo, o rock doido e o tecnobrega ativam mais desejos de mundo que a COP. As relações invisíveis e multilaterais das periferias, com a música caribenha e as frequências afro-indígenas e tecnológicas, fizeram nascer o videoclipe *Rock doido*, de Gaby Amarantos, que o antropólogo Hermano Vianna nos mostrou antes de embarcarmos para Belém: “mais de vinte minutos de plano-sequência no bairro da Condor – sonoridade tecnobrega *roots* –, boa direção de arte desse Altar Sonoro – mais de setecentas mil visualizações em um mês”.

O que parece imóvel é puro movimento. Biomas e culturas vazam e ecoam uns nos outros. Assim como no mangue, não se sabe onde começam e onde terminam, e é no caos que a vida se faz, permanece e apodrece. O som, o calor e o cheiro formam uma única substância: o pensamento se condensa em clima.

Estamos com artistas, encontramos colegas sudestinos do Rio de Janeiro e de São Paulo, temos amigos paraenses e tudo é conflito e diferenças. A convivência é a forma política do mangue: encharcada, contraditória, fértil.

E é no ventre quente e úmido da Amazônia que o mundo vai se encontrar no ritmo do carimbó, na ausência dos estadunidenses, e que, quem sabe, alguma poética política nos faça regenerar manguezais. Mas é preciso decisão, intenção: entre a vazante e a enchente, quando tudo parece estar parado, raízes e sedimentos

laboram arduamente em meio a líquidos salobros. Debaixo da superfície, tudo trabalha: nada é inerte, mesmo o que se decompõe produz respiração.

Entre humanos, a sensação é de não haver como se movimentar, estamos em crise e exaustos, entretanto ainda seguimos inventando estratégias de comunicação, constelações migratórias e geografias artísticas para que os muitos mundos permaneçam. O que diriam os animais? – questionamos, ecoando a pesquisadora belga Vinciane Despret.

Os mangues são pedagógicos e necessários e, assim como no conceito aimará de *ch'ixi*, ou na ideia de Relação, pensada por Édouard Glissant, remetem a uma coexistência de diferentes que resiste à síntese, vivendo em tensão constante. O mangue ensina o tempo não linear: tudo é simultâneo, retorno e proliferação.

A versão brega de sucessos internacionais, expressão de simultaneidade e retorno, nos diverte e voltamos para o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, onde a exposição *A terra, a água, o fogo e os ventos – Por um Museu da Errância com Édouard Glissant* ocupa muitas de nossas salas e – assim como os mangues invisíveis, a floresta que resiste e a cultura que ecoa na aparelhagem –, todos os dias, faz ressoar em nós o sopro ainda úmido do caos-mundo.

PARTICIPANTES

Aislan Pankararu

Artista visual originário do povo Pankararu, formado em Medicina pela Universidade de Brasília, trabalha principalmente com desenho e pintura. Suas obras já ilustraram livros, festivais e eventos relacionados às culturas indígenas e estão presentes em coleções públicas e privadas, entre elas, Masp, Museu Nacional da República e J.P. Morgan (EUA). Já participou de exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais, como *Feel It* (People's Palace Projects, 2023), *Endless River* (Salon 94, 2024), *Caatinga fractal e o encontro da terra seca, água doce e água salgada* (Casa Rosa, 2025), *Refundação* (Galeria Reocupa – Ocupação 9 de Julho, 2023) e *Um século de agora* (Itaú Cultural, 2022).

Alberto Pitta

Artista plástico, carnavalesco, designer e serigráfico, é pioneiro na produção da estamparia afro-baiana. Foi diretor artístico dos blocos baianos Filhos de Gandhi, Ilê Ayé e Olodum por quinze anos. É criador do bloco Cortejo Afro, do qual é produtor e designer, e trabalha no Instituto Oyá, voltado para crianças e jovens do bairro Pirajá, em Salvador (BA). Já realizou exposições individuais e coletivas em cidades como Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Paulo (SP), Paris (França), Berlim (Alemanha), Londres (Reino Unido) e Dakar (Senegal).

Ana Roman

Mestra em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda na Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo da USP, foi curadora, curadora-assistente e pesquisadora em diversas mostras realizadas em instituições culturais do país, entre elas, *Ensaios para o Museu das Origens* (Instituto Tomie Ohtake e Itaú Cultural, 2023) e a 34ª Bienal de Arte de São Paulo (2021). Foi curadora do Pivô entre 2022 e 2023 e, atualmente, é coordenadora de conteúdo do grupo de pesquisa Academia de Curadoria e superintendente artística do Instituto Tomie Ohtake.

Angelo Fraga Bernardino

Professor associado no Departamento de Oceanografia da Universidade Federal do Espírito Santo, é doutor em Oceanografia Biológica pela Universidade de São Paulo e explorador da National Geographic Society. Dedica-se a estudos sobre biodiversidade; carbono azul; e conservação e biodiversidade de ecossistemas marinhos, com foco em mudanças climáticas e impactos na biodiversidade no carbono azul e na valorização ecológica em manguezais.

Arébénor Basséné

Artista visual senegalês graduado em Inglês e Civilizações Africanas pela Universidade Cheikh Anta Diop e pela Escola Nacional de Artes do Senegal, é mestre em Civilizações e Literatura Africanas. Participou de diversas exposições coletivas e individuais em países como França, Senegal e Cuba; foi finalista do Norval Sovereign African Art Prize, na Norval Foundation (África do Sul); e recebeu os prêmios do Conselho

Municipal de Dakar, União Econômica e Monetária da África Ocidental (Uemoa), pelo reconhecimento de sua participação na 12ª Bienal de Dakar, e o do Ministério da Cultura do Senegal, na 9ª Exposição Nacional de Artistas Plásticos.

Caetano W. Galindo

Professor titular da Universidade Federal do Paraná, traduziu, entre outros, James Joyce, T. S. Eliot, J. D. Salinger e Alice Munro. É autor de *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce* (2016), *Latin em pé: um passeio pela formação do nosso português* (2023) e *Na ponta da língua: o nosso português da cabeça aos pés* (2025), além de livros de contos, poesia e teatro. Em 2025, fez, com Daniela Thomas, a curadoria da exposição *Fala, falar, falares*, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

Carlinhos de Tote

Bacharel em Administração pela Faculdade Adventista da Bahia e mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona (Portugal), atuou como técnico da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca e como técnico operacional no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Foi coordenador estadual do Centro Nacional de Populações Tradicionais e responsável pela implantação e pela coordenação da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape, vinculada ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Atualmente, é coordenador de Educação Ambiental do

Projeto CO2 Manguezal da Fundação Vovó do Mangue. É autor dos livros: *Trajetória* (2000), *Memorial das artes de pesca* (2023) e *A toca do caranguejo* (2025) e compositor da música “Vovó do Mangue”. Também é membro da Academia Maçônica Cachoeirana de Letras e Artes.

Dénètem Touam Bona

Filósofo, escritor e curador francês, é colaborador do Institut du Tout-Monde, dedicado à obra de Édouard Glissant, e das revistas *Aficultures* e *Terrestres*. Atualmente, leciona filosofia em Mayotte e colabora com a construção de espaços artísticos e culturais na Europa e na América Latina. É autor de *Cosmopoéticas do refúgio* (2020), *Fugitif, où cours-tu?* (2016) e *Sabedoria dos cipós* (2025). Sua obra articula filosofia, estética, política e espiritualidade, com atenção especial às heranças africanas e ao conceito de *marronnage* como gesto de fuga e resistência cultural.

Divina Prado

Editora, educadora e pesquisadora, é formada em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo e há quinze anos trabalha com mediação cultural, arte-educação e editoração. Desde 2016, desenvolve materiais educativos para instituições culturais, como Instituto Tomie Ohtake, Museu da Imagem e do Som, Museu da Cidade, Museu da Língua Portuguesa, entre outras. Participou da implementação do Marco Referencial Arte Educação do Sesc (2020–2021), propondo formações para equipes da gerência de cultura de diferentes

estados; foi assistente de curadoria na 34ª Bienal de São Paulo (2021) e atuou na coordenação da Escola Tomie (2022–2023). Atualmente, é especialista em editoração no Instituto Tomie Ohtake.

Édouard Glissant (1928 – 2011)

Poeta, filósofo e romancista martinicano, é autor de uma extensa obra que abarca ensaios filosóficos, romances, poesia e teatro. Estudou Filosofia na Sorbonne (França) e Etnografia no Musée de l'Homme (França). Nos anos 1950, participou de movimentos contra a colonização, tendo assinado, em 1960, o Manifesto dos 121, em apoio à independência da Argélia. Escreveu inúmeros romances e livros de ensaio que foram traduzidos para o português, como *Poética da Relação* (2021) e *Conversas do arquipélago* (2023).

Felipe Carnevalli

Arquiteto, editor e designer, é mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Ciências Sociais pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (França). É especialista em editoração no Instituto Tomie Ohtake, editor da revista *Piseagrama* e cofundador do estúdio Cosmopolíticas Editoriais, no qual desenvolve projetos editoriais e gráficos com povos e comunidades tradicionais de todo o Brasil.

Fred Zero Quatro

Fred Rodrigues Montenegro, conhecido como Fred Zero Quatro, é cantor, compositor, vocalista e

fundador do grupo pernambucano Mundo Livre S/A, um dos expoentes do movimento musical *Manguebeat*. É formado em jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Foi conselheiro municipal de cultura em Recife e assessor técnico da Secretaria de Cultura do Recife. Tem composições gravadas por Elza Soares, Lenine, Exaltasamba, entre outros. Acumula conquistas importantes, como o troféu APCA (1998 e 2000) e o Prêmio da Música Brasileira (2012).

Gabriela Moulin

Jornalista, mestra em Arquitetura e atual diretora executiva do Instituto Tomie Ohtake, atua nas discussões e nos projetos que envolvem cultura, território e educação, com experiência em investimento social privado, alinhamento com políticas públicas e gestão cultural. Organizou vários livros, entre eles: *Seres rios* (2022), *Habitar o antropoceno* (2022), *Avizinhar fabulações* (2021), *Caderno-ensaio 1: Barro* (2024), *Caderno-ensaio 2: Palavra* (2024) e *Caderno-ensaio 3: Povo* (2025).

Goli Guerreiro

Pós-doutora em Antropologia, ensaísta e curadora de fotografia, é pesquisadora independente da diáspora africana e se debruça sobre repertórios estéticos do mundo atlântico traduzidos em vários formatos. Publicou vários livros, entre eles, *Terceira diáspora* (2010), *A trama dos tambores – A cena afro-pop de Salvador* (2010) e o romance *Alzira está morta – Ficção histórica no mundo negro do Atlântico* (2015). É curadora do Acervo Arlete Soares e idealizadora

do Estúdio África, que desenvolve projetos de fotografia com artistas e comunidades no Brasil e na África.

João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999)

Foi poeta e diplomata. Sua obra inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Foi agraciado com vários prêmios literários, entre eles, o Prêmio Neustadt, tido como o Nobel Americano, sendo o único brasileiro a recebê-lo, e o Prêmio Camões. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras.

João do Cumbe

João Luís Joventino do Nascimento, conhecido como João do Cumbe, é quilombola do Quilombo do Cumbe, em Aracati, no Ceará, defensor dos direitos humanos, ambientalista e educador popular. Faz parte do Movimento Quilombola do Ceará, do Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais e da Organização Popular (OPA).

Kelly Sinnappah Mary

Formada em Artes Visuais pela Universidade de Toulouse. Sua prática interdisciplinar se baseia no folclore, na literatura e no mundo natural, e é inspirada pelo ambiente onde vive, em Guadalupe, e pela compreensão crescente de sua ancestralidade indo-caribenha. Seu trabalho foi exibido internacionalmente em instituições como Kunstinstituut Melly (Holanda), Pérez Art Museum (EUA), Instituto Tomie Ohtake (SP),

The Museum of Fine Arts Houston (EUA), Jaipur Center for Art (Índia), e a 34ª Bienal de São Paulo.

Marcel Gautherot (1910 – 1996)

Arquiteto e fotógrafo francês, na década de 1940 radicou-se no Brasil, onde realizou viagens que resultaram em séries documentais sobre festas populares, manifestações religiosas, arquiteturas e paisagens rurais e urbanas. Ao longo de sua carreira, produziu trabalhos de documentação fotográfica para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para revistas especializadas e edições de livros. Em 1999, o Instituto Moreira Salles adquiriu o acervo de fotografias de Gautherot, composto de cerca de 25 mil imagens.

Martihene Oliveira

Jornalista, é coordenadora do Mapa da Mídia Independente e Popular de Pernambuco, idealizadora do Coletivo de Mídia Sargentó Perifa, apresentadora do programa Almanaque da Aconchego (1ª a 3ª temporadas), gestora da rede de treinamentos para jornalistas do Instituto FALA! e escritora do livro-reportagem *Urubu marrom – Relatos de uma jornalista de favela*. Já colaborou com o Intercept Brasil, com a série de reportagens “Quantos pretos você perdeu?”, e obteve o segundo lugar no 11º Prêmio Patrícia Acioli de Direitos Humanos, pela Associação dos Magistrados do Rio de Janeiro. Em maio de 2024, recebeu o Prêmio Mérito de Comunicação Graça Araújo, na Câmara Municipal do Recife.

Maureen Bisilliat

Fotógrafa inglesa radicada no Brasil desde o fim da década de 1950, atuou na Editora Abril entre 1964 e 1972, com a revista *Realidade*. É autora de livros de fotografia inspirados em obras de grandes escritores brasileiros, como *A visita* (1977), *Sertão, luz e trevas* (1983) e *O cão sem plumas* (1984). Em 1988, foi convidada pelo antropólogo Darcy Ribeiro para levantar um acervo de arte popular latino-americana para a Fundação Memorial da América Latina. Viajou para México, Guatemala, Equador, Peru e Paraguai com o objetivo de reunir peças para a coleção permanente do Pavilhão da Criatividade, do qual se tornou curadora.

Rayana Rayo

Artista visual autodidata, sua produção se inicia a partir da convivência com o pai e com o circuito artístico pernambucano. Nascidas de processos pessoais, suas pinturas evocam organismos vegetais que articulam memórias, desejos e experiências cotidianas. Já participou de exposições individuais no México e em cidades brasileiras como Fortaleza e Recife, além de exposições coletivas em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Sua obra integra o acervo da Pinacoteca de São Paulo e do REC Cultural, em Recife.

Rede Mães do Mangue

Rede de mulheres extrativistas costeiras e marinhas que foi criada em 2021 como fruto da articulação de representantes das Reservas Extrativistas Marinhas do litoral

paraense. A missão da rede é fortalecer e reconhecer a importância das mulheres extrativistas como guardiãs dos manguezais amazônicos, a partir de valores como o cuidado, a coletividade e a responsabilidade socioambiental.

Rivane Neuenschwander

Artista visual, seu trabalho abrange desenhos, pinturas, tapeçarias, instalações e vídeos, por meio dos quais opera o cruzamento de seu repertório plástico com a ciência, a história, a psicanálise, a linguística e a literatura, de modo a articular assuntos prementes da política contemporânea. Entre suas exposições individuais mais recentes, estão: *Brasil de susto e sonho: um panorama na obra de Rivane Neuenschwander* (Itaú Cultural, 2025); *Tangolomango* (Inhotim, 2024–2026); *Knife Does Not Cut Fire* (Kunstmuseum Liechtenstein, 2021); *Rivane Neuenschwander* (Tate Modern, 2021).

Robson Renato

Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido, é escritor, cordelista, poeta popular, declamador, palestrante, oficineiro, produtor cultural e músico. Atua na organização de eventos que valorizam a poesia popular e a insere nas salas de aula de dezenas de escolas da cidade de Pau dos Ferros (RN). Atualmente, possui 32 títulos de cordéis publicados e sete livros lançados, entre eles, *Conte comigo!* (2020); *João, lave as mãos* (2021) e *Xique-xique* (2023).

Sandra Regina Pereira Gonçalves

Pescadora, marisqueira e uma das principais representantes das comunidades tradicionais do litoral paraense, participou da criação da Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá, e da Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá, na qual atua como secretária. É diretora do Conselho Nacional das Populações Extrativistas, fundadora da rede Mães do Mangue e da Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinhos. Coordena a articulação por políticas públicas para as dezesseis Reservas Extrativistas Marinhas do Litoral Paraense.

Yara Schaeffer-Novelli

Bacharela e licenciada em História Natural pela Universidade do Brasil, é mestra em Oceanografia Biológica pela Universidade de São Paulo (USP), doutora em Ciências: Zoologia pelo Instituto de Biociências da USP e livre-docente em Oceanografia Biológica pelo Instituto Oceanográfico da USP. É professora sênior da mesma instituição, na qual continua respondendo pelo BIOMA – Centro de Ensino e Informação sobre Zonas Úmidas Costeiras Tropicais, com ênfase no ecossistema manguezal. É sócia-fundadora do Instituto BiomaBrasil, Ponto Focal do Brasil junto ao Painel Técnico-Científico de Revisão da Convenção de Ramsar, membro do SCC/IUCN Mangrove Specialist Group e da Liga das Mulheres pelo Oceano.

LISTA DE IMAGENS

Aislan Pankararu

página 165
*Cura pela
água salgada*
2024
Tinta acrílica e
marcador permanente
sobre linho cru
66 × 94 cm
Coleção do artista
Foto: Ricardo Prado

página 167
*Encontro da terra
seca, água doce
e água salgada*
2024
Tinta acrílica e
marcador permanente
sobre linho cru
66 × 94 cm
Coleção do artista
Foto: Ricardo Prado

página 166
*Água
de imbuzeiro*
2024
Tinta acrílica e
marcador permanente
sobre linho cru
66 × 94 cm
Coleção do artista
Foto: Ricardo Prado

página 168
*Entranhas
do possível*
2024
Tinta acrílica e
marcador permanente
sobre linho cru
66 × 94 cm
Coleção do artista
Foto: Ricardo Prado

Alberto Pitta

página 74 [detalhe]
página 76
*O Destino (Ifá)
da Dan, da série
Mariwô*
2025
Pintura e serigrafia
sobre tela
200 × 167 cm
Cortesia Nara Roesler
Foto: Flavio Freire

página 77 [detalhe]
página 79
*Logun,
da série Mariwô*
2025
Pintura e serigrafia
sobre tela
179 × 165 cm
Cortesia Nara Roesler
Foto: Flavio Freire

página 75
Senhora do barro,
da série *Mariwô*
2025
Pintura e serigrafia
sobre tela
189 × 159,5 × 4 cm
Cortesia Nara Roesler
Foto: Flavio Freire

página 78
*Comunidade
de Oxalá,*
da série *Mariwô*
2025
Pintura e serigrafia
sobre tela
187,5 × 158,4 cm
Cortesia Nara Roesler
Foto: Flavio Freire

Arébénor Basséne

páginas 54 a 61

Méditez-rat-n'est-rien

2024

Acrílica, pigmentos naturais,
cera, tinta, grafite
e serragem sobre papel

montado sobre tela

63,3 × 46 cm (cada)

Coleção particular

Cortesia Selebe Yoon

Gallery, Dakar

Foto: EstúdioEmObra

Kelly Sinnapah Mary

página 92

*The Book of Violette:
La Ballade*

[O livro de Violette:
o passeio]

2025

Acrílica sobre tela

162 × 130 cm

© Kelly Sinnapah Mary 2025.

Cortesia da artista e da James

Cohan, Nova York

Foto: Dan Bradica

página 93

*The Book of Violette:
To their volcanoes,
to their earthquake,
to their hurricanes*

[O livro de Violette:
aos seus vulcões,
ao seu terremoto,
aos seus furacões]

2025

Acrílica sobre tela

198,1 × 226,1 cm

© Kelly Sinnapah Mary 2025.

Cortesia da artista e da James

Cohan, Nova York

Foto: Dan Bradica

página 94

*The Book of Violette:
The Great Camouflage*
[O livro de Violette:
o grande disfarce]

2025

Acrílica sobre tela

198,1 × 340,4 cm

© Kelly Sinnapah Mary 2025.

Cortesia da artista e da James

Cohan, Nova York

Foto: Dan Bradica

página 95

páginas 96 a 98 [detalhes]

*The Book of Violette:
The Raft*
[O livro de Violette:
a jangada]

2025

Acrílica sobre tela

154 × 570 cm (total)

© Kelly Sinnapah Mary 2025.

Cortesia da artista e da James

Cohan, Nova York

Foto: EstúdioEmObra

Marcel Gautherot

página 36
Ilha de Marajó
1966
Ilha de Marajó, Pará,
Brasil
Fotografia
Arquivo Marcel
Gautherot/ Acervo
Instituto Moreira Salles

página 39
Ilha Mexiana
c. 1949
Ilha Mexiana,
Chaves, Pará, Brasil
Fotografia
Arquivo Marcel
Gautherot/ Acervo
Instituto Moreira Salles

página 37
Ilha Mexiana
c. 1943
Ilha Mexiana,
Chaves, Pará, Brasil
Fotografia
Arquivo Marcel
Gautherot/ Acervo
Instituto Moreira Salles

página 40
Mangue
c. 1949
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil
Fotografia
Arquivo Marcel
Gautherot/ Acervo
Instituto Moreira Salles

página 38
Ilha Mexiana
c. 1943
Ilha Mexiana,
Chaves, Pará, Brasil
Fotografia
Arquivo Marcel
Gautherot/ Acervo
Instituto Moreira Salles

página 41
Mangue
c. 1957
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil
Fotografia
Arquivo Marcel
Gautherot/ Acervo
Instituto Moreira Salles

Rayana Rayo

páginas 147 a 152
Sem título, série
Nous avons rendez-vous où les océans se rencontrent [Nós temos um encontro onde os oceanos se encontram]

2025
Grafite sobre papel
Dimensões variadas
Foto: Ricardo Miyada

Maureen Bisilliat

página 127	página 128	página 129
<i>Catadores</i> <i>de caranguejo</i> , série <i>Caranguejeiras</i>	<i>Catadora</i> <i>de caranguejo</i> , série <i>Caranguejeiras</i>	<i>Catadoras</i> <i>de caranguejo</i> , série <i>Caranguejeiras</i>
1968 Ilha Tiriri, Santa Rita, Paraíba, Brasil Fotografia Arquivo Maureen Bisilliat/ Acervo Instituto Moreira Salles	1968 Ilha Tiriri, Santa Rita, Paraíba, Brasil Fotografia Arquivo Maureen Bisilliat/ Acervo Instituto Moreira Salles	1968 Ilha Tiriri, Santa Rita, Paraíba, Brasil Fotografia Arquivo Maureen Bisilliat/ Acervo Instituto Moreira Salles
página 140	página 141	página 142
<i>Catadores</i> <i>de caranguejo</i> , série <i>Caranguejeiras</i>	<i>Catador</i> <i>de caranguejo</i> , série <i>Caranguejeiras</i>	<i>Catadora</i> <i>de caranguejo</i> , série <i>Caranguejeiras</i>
1968 Ilha Tiriri, Santa Rita, Paraíba, Brasil Fotografia Arquivo Maureen Bisilliat/ Acervo Instituto Moreira Salles	1968 Ilha Tiriri, Santa Rita, Paraíba, Brasil Fotografia Arquivo Maureen Bisilliat/ Acervo Instituto Moreira Salles	1968 Ilha Tiriri, Santa Rita, Paraíba, Brasil Fotografia Arquivo Maureen Bisilliat/ Acervo Instituto Moreira Salles

Rivane Neuenschwander

página 113

Trôpego trópico (Azul)

2022

Tinta acrílica sobre papel
preto e algodão
25,4 × 35,6 cm
Foto: Todd-White Art
Photography
Cortesia da artista,
Stephen Friedman
Gallery, London/ New
York e Fortes D'Aloia &
Gabriel, São Paulo/
Rio de Janeiro

página 114

Trôpego trópico (Laranja)

2022

Tinta acrílica sobre papel
preto e algodão
25,4 × 35,6 cm
Foto: Todd-White Art
Photography
Cortesia da artista,
Stephen Friedman
Gallery, London/ New
York e Fortes D'Aloia &
Gabriel, São Paulo/
Rio de Janeiro

página 115

Trôpego trópico (Ocre)

2022

Tinta acrílica sobre papel
preto e algodão
25,4 × 35,6 cm
Foto: Todd-White Art
Photography
Cortesia da artista,
Stephen Friedman
Gallery, London/ New
York e Fortes D'Aloia &
Gabriel, São Paulo/
Rio de Janeiro

página 116

Trôpego trópico (Rosa)

2022

Tinta acrílica sobre papel
preto e algodão
25,4 × 35,6 cm
Foto: Todd-White Art
Photography
Cortesia da artista,
Stephen Friedman
Gallery, London/ New
York e Fortes D'Aloia &
Gabriel, São Paulo/
Rio de Janeiro

página 117

Trôpego trópico (Verde)

2022

Tinta acrílica sobre papel
preto e algodão
25,4 × 35,6 cm
Foto: Todd-White Art
Photography
Cortesia da artista,
Stephen Friedman
Gallery, London/ New
York e Fortes D'Aloia &
Gabriel, São Paulo/
Rio de Janeiro

página 118

Trôpego trópico (Xadrez)

2022

Tinta acrílica sobre papel
preto e algodão
25,4 × 35,6 cm
Foto: Todd-White Art
Photography
Cortesia da artista,
Stephen Friedman
Gallery, London/ New
York e Fortes D'Aloia &
Gabriel, São Paulo/
Rio de Janeiro

CADERNO-ENSAIO 4

MANGUE

EDIÇÃO

Instituto Tomie Ohtake

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Divina Prado
Felipe Carnevalli
Gabriela Moulin

TEXTOS

Ana Roman
Angelo Fraga Bernardino
Caetano W. Galindo
Carlinhos de Tote
Dénètem Touam Bona
Divina Prado
Édouard Glissant
Felipe Carnevalli
Fred Zero Quatro
Gabriela Moulin
Goli Guerreiro
João Cabral de Melo Neto
João do Cumbe
Martihene Oliveira
Rede Mães do Mangue
Robson Renato
Sandra Regina Pereira Gonçalves
Yara Schaeffer-Novelli

IMAGENS

Aislan Pankararu
Alberto Pitta
Arébénor Basséne
Kelly Sinnappah Mary
Marcel Gautherot
Maureen Bisilliat
Rayana Rayo
Rivane Neuenschwander

LICENCIAMENTO

Carolina Pasinato
Divina Prado
Felipe Carnevalli
Maria Fernanda Rosalem

PROJETO GRÁFICO

Catê Bloise
Vitor Cesar

PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Divina Prado
Felipe Carnevalli

REVISÃO

Divina Prado
Felipe Carnevalli
Trema Textos | Rachel Murta

CONSULTORIA DE ACESSIBILIDADE

Cristina Kenne

LIBRAS

Ponte Acessibilidade
Naiane Olah e Lívia Vilas Boas
Coordenação de Tradução
Nayara Silva Intérprete
Naiane Olah Narração
Miriam Morales Edição

AUDIODESCRIÇÃO

Vozes Diversas
Cintia Alves
Coordenação e Roteiro
Edgar Jacques Consultoria
Fábio de Sá Leitura de Imagens
Bruno Fanin Revisão
Bianca Milanda Edição de Som

LOCUÇÃO

Vozes Diversas
Ará Silva
Cintia Alves
Fabiana Barbosa
Leonardo Ventura
Miriam Limma
Naiane Olah
Pedro Papotti
Roberta Constante Barcelli
Roquildes Júnior

ARQUIVO DIGITAL ACESSÍVEL

John Keven
Rodrigo Gomes

PAISAGEM SONORA

Juliana Keiko Criação e Composição
Bianca Milanda Mixagem e Masterização

EDIÇÃO DE ÁUDIO

Kerensky Barata Edição e Masterização

AGRADECIMENTOS

Aislan Pankararu
Arébénor Basséne
Fortes D'Aloia & Gabriel
Fred Zero Quatro

Galeria Nara Roesler
Instituto Moreira Salles

James Cohan Gallery
Jennifer Houdrouge

Kelly Sinnappah Mary

Maria Kropotina

Pedro de Luna

Rayana Rayo

Ricardo Prado

Selebe Yoon Gallery, Dakar

Stephen Friedman Gallery

Sylvie Séma Glissant

IMPRESSÃO EM BRAILE

Gráfica Braille da Associação de Deficientes Visuais e Amigos – Adeva

IMPRESSÃO

Ipsis

PAPÉIS

Couro Zetex [capa]
Offset 120g/m² [miolo]

TIPOGRAFIAS

Chromatic
EK Roumald
Eyja
Plantin

TIRAGEM

1.000 exemplares

ISBN

978-65-89342-67-0

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail institutotomieohtake.org.br.

Convidamos você a compartilhar suas experiências de uso, sugestões e comentários sobre o *Caderno-ensaio 4: Mangue*. Envie seus registros e ideias para o e-mail editorial@institutotomieohtake.org.br, ajudando-nos a continuar construindo e aprimorando este trabalho de forma colaborativa.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

CONSELHO DELIBERATIVO

Ricardo Ohtake

Fundador do Instituto Tomie Ohtake
e Presidente do Conselho Deliberativo

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Vice-presidenta do Conselho

Antonio de Souza Corrêa Meyer

Clovis Hideaki Ikeda

Fernando Gomes de Moraes

Frances Reynolds

Inês Mindlin Lafer

Liliane Cássia Rocha dos Santos

Renata Carvalho Beltrão C. Biselli

Ricardo Garin Ribeiro Simon

Roberto Miranda de Lima

Walter Appel

DIRETORIA ESTATUTÁRIA

Marcy Junqueira

Presidenta

Rodrigo Ohtake

Vice-presidente

Tais Wohlmuth Reis

Vice-presidenta

Marilisa Cunha Cardoso

Diretora de Relações Institucionais

Cristina Naumovs

Diretora de Comunicação

DIRETORA EXECUTIVA

Gabriela Moulin

DIRETOR ARTÍSTICO

Paulo Miyada

DIRETOR DE FINANÇAS

E OPERAÇÕES

Fábio Santiago

CONSELHO FISCAL

Miguel Gutierrez

Patricia Regina Verderesi Schindler

Sérgio Massao Miyazaki

ASSOCIADOS

Antonio de Souza Corrêa Meyer

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Clovis Hideaki Ikeda

Fernando Gomes de Moraes

Fernando Shimidt de Paula

Flavia Buarque de Almeida

Frances Reynolds

Inês Mindlin Lafer

Jandaraci Ferreira de Araujo

Liliane Cássia Rocha dos Santos

Marlui Nobrega Miranda

Renata Carvalho Beltrão C. Biselli

Renata Vieira da Motta

Ricardo Garin Ribeiro Simon

Ricardo Ohtake

Roberto Miranda de Lima

Tito Enrique da Silva Neto

Walter Appel

DIRETORIA EXECUTIVA

Gabriela Moulin

Diretora Executiva

Maria de Fátima Rocha

Secretária Executiva

CAPTAÇÃO DE RECURSOS

E PROJETOS INCENTIVADOS

Julia Puglia Bergamasco

Gerente Executiva de Captação
de Recursos e Projetos

Jéssica dos Santos Gonçalves

Coordenadora de Novos Negócios

Luana Andréa Machado Cavalcanti

Coordenadora de Projetos e Incentivos

Alailson de Melo Brito

Analista de Novos Negócios

Felipe Salles Silva

Analista de Novos Negócios

Giovanna Conceição

Assistente de Novos Negócios

Jovana Santana Basílio da Silva

Assistente de Captação

de Recursos PJ

DESIGN

Vitor Cesar Junior

Superintendente de Design

Catê Bloise

Designer

Paula Lobato

Designer

Tie Ito

Estagiária

EDITORIAL

Divina Prado

Especialista em Editoração

Felipe Carnevalli

Especialista em Editoração

COMUNICAÇÃO

Amanda Sammour

Gerente de Comunicação

Amanda Dias de Almeida

Analista de Comunicação Sênior

Martim Pelisson

Assessor de Imprensa

Ricardo Miyada

Audiovisual

Sarah Lídice Alfenas Moreira

Assistente de Comunicação

DIRETORIA ARTÍSTICA

Paulo Miyada

Diretor Artístico

Ana Roman

Superintendente Artística

CURADORIA

Catalina Bergues

Lahyda Lohara Mamami

Poma Dreger

Sabrina Fontenele

PRODUÇÃO

Carolina Pasinato

Gerente de Produção

Rodolfo Borbel Pitarello

Coordenador de Montagem

PRODUTORES

André Luiz Bella

Maria Fernanda Bonfante Rosalem

Pedro Lemme

Victor Ferraz

Tamara da Silva Pereira

Aprendiz

ARQUITETURA

Ligia Zilbersztejn

Arquiteta

Rian Tito da Costa

Estagiário

EDUCAÇÃO

Lilian L'Abbate Kelian

Superintendente de Educação

Mariana Per

Gerente de Educação

Cristina Kenne de Paula

Especialista em Acessibilidade

Giselle Vitor da Rocha

Especialista em Educação

Integral e Territórios

Mariana Galender

Assessora de Pesquisa
e Sistematização

Thamata Barbosa

Produtora

EDUCADORES

Maria Trindade

Leo Laura Carvalho Sartorelli

DIRETORIA FINANCEIRA

E DE OPERAÇÕES

Fábio Santiago

Diretor de Finanças e Operações

PLANEJAMENTO

Fernanda de Lima Beraldí

Gerente de Planejamento e Processos

FINANCIERO

Yasmin Tavares Lima

Coordenadora Financeira

Luciano Santos Barbosa

Analista Financeiro

Tarcísio Barbosa

Assistente Financeiro

RECURSOS HUMANOS

Tatiane Romani

Analista de Recursos Humanos

Vitória Gomes

Estagiária

SUPORTE DE TI

Wesley Silva

Analista de TI

JURÍDICO

Escritório BS&A

Mei Jou

Advogada

Sofia Cavalcante

Advogada

OPERACIONAL

Marcos Sutani

Coordenador

Samuel Luiz Costa Sena

Supervisor

Alessandro Nóbrega de Oliveira

Assistente Administrativo

APOIO

Cristiane Aparecida Santos

Darc Kenylce Rebouças

Paiva Terceirizada

Edson José Dias Terceirizado

Elza Martins Santos

Fábio Antonio de Araújo

Fábio Freire Barboza Terceirizado

Gilliard Gabriel da Silva Terceirizado

Jonas Pires Gomes Costa

Lucas Pires da Silva Terceirizado

Marcelo Mariano de Oliveira

Margarete Oliveira

Maria das Graças Inacio dos

Reis Terceirizada

Marleide Soares da Costa Terceirizada

Mid Perdona Terceirizado

Patrícia Pereira Terceirizada

Tainara de Jesus Veloso

LIMPEZA

Ana Paula da Silva

Terceirizada

Ivanilda Pereira Santos

Terceirizada

Jairo do Nascimento

Sebastião Alves Silva

MANUTENÇÃO TÉCNICA

Adilson Oliveira

Jacildo Antonio de Paula

© Instituto Tomie Ohtake

INSTITUTO

TOMIE OHTAKE

Complexo Aché Cultural

Rua Coropés, 88 – 05426-010

Pinheiros – São Paulo

(11) 2245-1900

www.instituto

tomieohtake.org.br

instituto@instituto

tomieohtake.org.br

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Mangue / organização Instituto Tomie Ohtake ; [coordenação Divina Prado, Felipe Carnevalli, Gabriela Moulin]. --
1. ed. -- São Paulo, SP :
Instituto Tomie Ohtake, 2025. --
(Caderno-ensaio ; 4)

ISBN 978-65-89342-67-0

1. Arte contemporânea 2. Arte - Educação 3. Ecologia 4. Manguezais
 5. Manguezais - Ecologia
 6. Meio ambiente
 - I. Ohtake, Instituto Tomie.
 - II. Prado, Divina. III. Carnevalli, Felipe.
 - IV. Moulin, Gabriela. V. Série.
- Índices para catálogo sistemático:
1. Ensaios : Ilustrações : Artes 741

Maria Alice Ferreira -
Bibliotecária - CRB-8/7964



A coleção Caderno-ensaio propõe uma jornada por temas que atravessam as exposições e as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Tomie Ohtake, aproximando narrativas textuais e imagéticas vindas dos campos das artes, da cultura e da educação. Ao unir os termos “caderno” e “ensaio”, a coleção se propõe a fazer parte da formação e do cotidiano de diversos públicos, incorporando, com as lentes do presente, um olhar atento e não exaustivo sobre o tema tratado em cada edição. Sem a pretensão de esgotar o assunto, o Caderno-ensaio é um convite para que cada pessoa se reconheça como pesquisadora ao acolher sua curiosidade e, com isso, mobilize os saberes e fazeres de seu território.

INSTITUTO

TOMIE OHTAKE



978-65-89342-67-0